

JEAN SEGATA

**NÓS E OS OUTROS HUMANOS,
OS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO**

FLORIANÓPOLIS
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

**NÓS E OS OUTROS HUMANOS,
OS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Prof. Orientador: Dr. Theophilos Rifiotis

FLORIANÓPOLIS
2012

S12n

Segata, Jean

Nós e os outros humanos, os animais de estimação [tese] /
Jean Segata ; orientador Theophilos Rifiotis. - Florianópolis,
SC, 2012.

200 p.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e
Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Antropo-
logia Social

Inclui referências

1. Etnologia. 2. Animais de estimação. 3. Humanos. 4. Animais. 5. Lojas de produtos para animais. 6. Veterinária. I. Rifiotis, Theophilos. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

CDU: 39

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Jean Segata

**NÓS E OS OUTROS HUMANOS,
OS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Antropologia Social, aprovada pela seguinte banca examinadora.

Prof. Dr. Theophilos Rifiotis
Professor Orientador - PPGAS/UFSC
Presidente da Banca

Prof. Dr. Guilherme da Silva e Sá
DAN/UnB

Prof. Dr. Eduardo Viana Vargas
PPGAS/UFMG

Prof. Dr. Oscar Calávia Sáez
PPGAS/UFSC

Prof. Dr. Jeremy Loup Deturche
PPGAS/UFSC

Prof. Dr. Alberto Groisman
PPGAS/UFSC

Suplentes

Profª. Dra. Alicia Castells
PPGAS/UFSC

Profª. Dra. Maria Elisa Máximo
Bom Jesus/IELUSC

Florianópolis, 30 de março de 2012.

“tenho uma química ruim com os animais.
Acho que são mudos de alma.
Não os odeio, mas não consigo suportá-los
porque não aprendi a negociar com eles”.

Gabriel García Márquez

Agradecimentos

Ao fim de uma etapa de formação, não é simples fazer justiça a todos os que participaram dela direta ou indiretamente. Eu não conseguiria nomeá-los todos, de modo que vou me fazer valer de um critério simples: citarei espontaneamente aqueles que me vierem à memória enquanto escrevo, sabendo cada um em particular, ao que sou grato. Àqueles que não figurarem nesta lista, segue igualmente minha gratidão.

No PPGAS/UFSC, sou grato a todos os colegas e professores, em especial aqueles que mais diretamente tiveram envolvimento com este trabalho: Sônia Maluf, Alberto Groisman, Márnio Teixeira-Pinto, Alicia Castells, Carmen Rial, Miriam Grossi, Oscar Calávia Sáez, Ilka Boaventura Leite, Jose Antonio Kelly. Igualmente, todos os meus colegas de doutorado, em especial, Marco Aurélio da Silva e Bárbara Arisi.

Os professores Eduardo Viana Vargas, Guilherme José da Silva e Sá, Emerson Giumbelli, Luis Fernando Dias Duarte, Soraya Fleisher, Rogério Azize, que gentilmente permitiram que eu apresentasse partes dessa pesquisa em grupos de trabalho que organizaram, nos eventos que participei ao longo do doutorado. Seus debates e sugestões foram sempre de grande valia e me ajudaram a pensar esse texto.

Em Paris, Nöeli Vialles, Frédéric Keck, Vanessa Manceron, Anne-

Marie Brisebarre e Sophie Houdart foram substanciais em seus diálogo, trocas e reflexões, seja por intermédio da Equipe de Pesquisa “relations hommes/animaux: questions contemporaines”, desde 2009, quanto no *I Congrès da Association Française d’Ethnologie et Anthropologie*, em 2011. Segue aqui também meu agradecimento ao membros do GrupCiber, especialmente Dalila Floriani, Juciano Lacerda e Maria Elisa Máximo, sempre generosos e pacientes em suas leituras, e instigantes em suas críticas.

Na UNIDAVI, agradeço a todos que fazem de lá um bom lugar para se trabalhar, o meu carinho aos meus alunos, que tem me ensinado a ser professor. Segue ainda meu agradecimento à instituição pela concessão da bolsa PIQDT, sem a qual essa formação seria mais difícil. Assim, agradeço igualmente à CAPES, pela concessão de bolsa de pesquisa no Brasil e de bolsa de Estágio de Doutorando PDEE, que viabilizou minha estadia em Paris para minhas atividades no *Laboratoire d’Anthropologie Sociale*.

Meus pais, Mario e Reinildes, que sempre lutaram por mim, meu irmão Luciano e minha sobrinha Jenifer Luana, sempre presentes. Igualmente todos os meus familiares, que sempre me apoiaram na minha formação - dentre eles, Juliano Borges, que nos recebeu em Luxemburgo, e sempre me ajudou com o meu francês ruim.

Ao professor Philippe Descola, que me acolheu no Collège de France entre 2009 e 2010, e em especial ao professor Theophilos Rifiotis, que me orienta desde o mestrado - ele sempre permitiu e apoiou minhas mudanças de direção, e me fez antropólogo: devo a ele todos os meus acertos.

Agradeço também os examinadores da tese, que a exceção de Jeremy Paul Jean Loup Deturche, já foram mencionados por outros tan-

tos bons motivos.

Minha gratidão também àqueles que integraram o trabalho de campo - Paula, Marcos, Carlos, Bia, Alice, Lucas, Ana, Márcia, Elisabete e a tantos outros que não tem esses nomes - mas sem quais a pesquisa não aconteceria.

Finalmente, *meu agradecimento especial* a minha esposa Juliara, que tem o dom mágico de colocar um sorriso infinito na minha vida todos os dias. Da nossa matemática estranha, resultou que ao longo dessa formação, de um mais um nos tornamos três - a ela e à Clara, dedico esta tese com carinho e gratidão.

*...para Juliara e Clara,
por me darem tudo.*

Resumo

A humanização dos animais, especialmente aqueles de estimação, é tema corrente em nossos dias. Ela é motivo de reportagens, debates envolvendo economistas, psicólogos, juristas, médicos, religiosos, filósofos ou antropólogos, como também o é para a expansão de mercados, para investimentos políticos ou para inspiração artística. Mas como é produzida a humanidade desses animais? Quando ou até onde eles são humanos? O objetivo dessa tese é de fazer aparecer essas negociações e limites, sustentando que o que tratamos por humanização dos animais não se nutre simplesmente da equivalência de elementos culturais - como os nomes humanos, as roupas, os cuidados, o fato de viverem nos mesmos lares ou de motivarem discussões sobre alguns direitos e moralidades. Igualmente, ela se nutre daqueles elementos que imputamos ao domínio da natureza, como alguns instintos que precisam ser modulados ou uma biologia equivalente que permite o diagnóstico de problemas orgânicos e a sua medicalização. Assim, as reflexões que aqui se apresenta, resultam de uma etnografia que inclui desde a literatura antropológica sobre o lugar ou estatuto dos animais e suas relações com os humanos, até um trabalho de campo que consistiu em seguir médicos veterinários no seu exercício profissional, a partir de uma *pet shop* com clínica veterinária.

Palavras-Chave: Animais de Estimação; Humanidade; Animalidade; Pet Shops e Clínicas Veterinárias.

Abstract

The animal humanization, of pets in particular, is a current topic today. It is the subject of broadcasts, debates involving economists, psychologists, lawyers, doctors, clergy, philosophers and anthropologists, and has become a driver for the expansion of markets, investment policy and artistic inspiration. But how is the 'humanity' of these animals produced? When or how far are they human? The aim of this thesis is to bring up these negotiations and limits, arguing that what we address as humanization of animals is not only nurtured of the equivalence of cultural elements - such as human names, clothing, care, the fact that they live in the same households or for motivating discussions on some rights and morals. Likewise, it's nurtured of those elements that we attribute to the field of nature, as some instincts that need to be modulated or an equivalent biology that allows the diagnosis of organic problems and their medicalization. Thus, the reflections presented here are result of an ethnography that ranges from the anthropological literature regarding the location or status of the animals and their relationships with humans, to a fieldwork consisted of following veterinarians in their professional endeavors, in *pet shops* comprising veterinary clinics.

Keywords: Animals, Humanity, Animality, Pet Shops and Veterinary Clinics.

Siglas e Abreviaturas

AKC: American Kennel Club

ANFAL PET: Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais de Estimação

ANT: *Actor-Network Theory* (Teoria do Ator-Rede)

APA: Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association*)

APAD: Associação Protetora dos Animais Desamparados

CAPES: Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CBC: Confederação Brasileira de Cinofilia

CNRS: Centre National de la Recherche Scientifique (França)

CRMV: Conselho Estadual de Medicina Veterinária

DSM: Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (publicado pela Associação Americana de Psiquiatria)

FAO: Organização da Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (*Food and Agriculture Organization*)

FCI: Fédération Cynologique Internationale

GrupCiber: Grupo de Pesquisas em Ciberantropologia (PPGAS/

UFSC).

GT: Grupo de Trabalho

OIE: Organização Mundial da Saúde dos Animais (antigo *Office International des Epizooties*)

ONG: Organização Não Governamental

OMS: Organização Mundial da Saúde

PDEE: Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior

PIQDT: Programa Interno de Qualificação do Docente e do Técnico-Administrativo

PPGAS: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

SC: Santa Catarina

SUF: Síndrome Urológica Felina

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

UNIDAVI: Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

WWF: World Wide Fund for Nature (Fundo Mundial para a Natureza)

Sumário

Siglas e Abreviaturas, 19

Introdução, 23

i. *Os Caminhos da Pesquisa*, 27

1. Pessoas, Coisas e Animais, 39

1.1 *Viradas Antropológicas*, 46

1.2 *Promessas de um Projeto*, 60

1.3 *A Eleição dos Inúteis*, 68

2. Os Custos da Humanidade, 77

2.1 *O Baú de Dom Quixote*, 78

2.2 *Fast Food*, 92

3. Salvos pela Natureza, 115

3.1 *Uma Nova Epidemia*, 118

3.2 *Coisas de Mulher*, 126

3.3 *Ficções Úteis*, 133

3.4 *Tristes Amigos*, 143

4. Problemas de Encaixe, 153

4.1 *A Semelhança Multiplicada*, 155

4.2 *Heresias*, 167

Considerações Finais, 181

Referências, 185

Introdução

Era meados janeiro de 2012 quando eu recebi um *e-mail* da Associação Protetora dos Animais Desamparados - a APAD, de Rio do Sul, avisando que no próximo dia 22 daquele mês, aconteceria na praça central da cidade, um evento em solidariedade à Manifestação Nacional Contra a Crueldade com Animais¹. Na onda desses crescentes, aquele vinha com o objetivo de dar densidade às reivindicações para a criação de algum órgão público que responda prontamente às denúncias de quaisquer formas de maus tratos contra eles. Eu fazia as revisões finais desse trabalho e não queria me envolver com aquilo, não fosse o fato de que na parte da mensagem que dava instruções de como fazer uma manifestação pacífica, uma das recomendações era a de deixar os animais em casa.

Com isso na cabeça, no dia seguinte liguei para a vice-presidenta da associação e perguntei o porquê de apenas as pessoas se reunirem em ato, se o tema era os maus-tratos contra os animais - eu imaginava vê-los reunidos em praça pública, lutando pelos seus direitos também. Nós nos conhecemos há tempo, e ela achou graça na minha pergunta, mas em

¹ Os movimentos de proteção dos animais aparecem em muitas formas e situações como em relação aos animais em extinção, à fauna característica de determinado lugar, aos animais de estimação ou àquelas usados em pesquisas experimentais, etc. Sobre o que diz respeito especificamente à ação da APAD aqui comentada, ver “Movimento Crueldade Nunca Mais”, em <www.crueldadenuncamais.com.br>. Acesso em janeiro de 2012.

seguida me explicou que era preciso ter bom senso e entender que *eles* atrapalham demais. Imagine só, dizia ela, ter de ficar “ajuntando as fezes no meio da passeata” ou “separando aqueles que se estranham ou que resolvem entrar no cio bem naquela hora”. A questão então parecia respondida, ao menos até o momento em que liguei no noticiário noutro dia e peguei de relance algumas imagens que vinham do Egito: pessoas ensanguentadas se apedrejavam, outros estavam caídos na calçada em meio a fumaça das bombas de gás lacrimogêneo ou dos pneus queimados - destruição e explicações de que a paz ainda era um horizonte distante davam o tom das controvérsias políticas e religiosas daquele país. Afinal, as imagens fizeram-me questionar quem eram mesmo *o eles* que atrapalhariam o movimento pacífico daquele janeiro. Se o “eles” da minha amiga da APAD era algo que realmente se referia aos cães e gatos como eu presumia, para nós fica de prêmio a constatação de que, ao menos em praças públicas, já temos controlado os nossos esfíncteres e instintos sexuais, mas de resto, a corrida continua, pois a humanidade aparece, de um modo amplo, figurando como uma espécie de ideal a ser alcançado, tanto por nós como por esses “outros humanos” - os animais de estimação. O que nos diferencia, ao menos do nosso próprio ponto de vista, é que largamos um ponto na frente.

Na sorte das discussões contemporâneas, a humanidade dos animais é um tema controverso. Até chegarem ao posto de “nossos bebezinhos”, de “lindinhos da mamãe”, de “fieis companheiros”, e viverem em nossos lares, motivarem manifestos ou se tornarem o foco da atenção de gestos médicos e estéticos, houve um longo caminho a ser percorrido, que incluiu, necessariamente, uma série de investimentos que acalmaram ou que tentam tornar invisíveis as suas pulsões naturais. A isso, his-

toricamente, muitos dos trabalhos revisados para essa tese tem tratado por modulação ou domesticação. Contudo, hoje isso toma formas mais complexas: latir, rosnar, urinar, mostrar as garras, foram algumas das vantagens evolucionárias que permitiram que cães e gatos garantissem a sua alimentação ou protegessem o seu território e prole. Mas isso não combina com a decoração da sala de estar de nenhum apartamento, o que faz com que esses animais que se comportem dessa forma sejam diagnosticados como “doentes mentais” - agressivos, ansiosos ou depressivos - e medicados com psicotrópicos. Igualmente, as suas habilidades de captura de outros animais, devorados em banhos de sangue, foram substituídas pelas tigelas de ração industrializada, com o balanço certo de componentes que fazem produzir fezes sem odor e de consistência apropriada para não sujar o chão. A sua morte, antes por velhice, causa desconhecida ou “natural”, agora vem acompanhada de laudos que sugerem o colesterol, o sedentarismo e a obesidade, como suas causas principais.

Nesse caminho, a negociação em torno da humanidade dos animais de estimação é o tema geral que atravessa essa tese. Nela, o meu objetivo é fazer aparecer certos “problemas de encaixe” no que diz respeito aos modos como os humanos e os animais se identificam, se distinguem ou se relacionam, especialmente seguindo os veterinários em seu ofício. Aqui aparece a ideia geral de que humanizamos os animais para que com eles possamos nos relacionar - e então temos os animais de tração, carga e transporte, outros com os quais nos divertimos em jogos e caçadas ou aqueles que escolhemos para a nossa companhia. Nisso tudo, cães vestidos como crianças, gatos no colo chamados de bebezinhos, animais abatidos para o consumo ou dependentes de fluoxetina, formam

o protótipo de uma imagem controversa, que se traduz tanto em sensibilização como em reprovação, justiça ou exagero, dever ou heresia.

De uma maneira geral, o que se nota nesses debates, é que a chave que aciona essas medidas se nutre da suposição de uma igualdade moral - *os animais também são gente*. Mas o que não se põe em tanta voga, é a equivalência biológica - *os humanos também somos animais*. Com isso, a tese que sustento aqui é a de que crescente humanização dos animais não se nutre apenas de equivalências culturais, mas igualmente daquelas naturais. Olhar com igualdade para os dois lados da moeda não é uma tarefa fácil, e isso tem sido o cerne de muitas discussões contemporâneas no interior da própria antropologia.

Nós e eles, humanos e não-humanos, natureza e cultura formam aqueles binômios que respondem por aquilo que Latour (2005) bem chamou de projeto da Modernidade. Imbuído de uma vontade purificadora, o moderno passou a desenvolver práticas que o permitiam o entendimento das coisas e de si a partir dessas divisões ou zonas ontológicas distintas. Era o mundo dos homens de um lado, com a sua capacidade de distanciamento do mundo da natureza, seu objeto, de outro. No entanto, ao mesmo tempo em que operava essa purificação, um outro conjunto de práticas produzia, por tradução, aquilo que Latour (2005) chamou de proliferação dos híbridos. Ou seja, a mistura entre gêneros de seres completamente novos, onde economia, política, natureza, tecnologia ou direito não são distintos, mas interativos. Dessa maneira, manifestações protagonizadas por humanos, que também são animais, em favor de animais, que também se quer como humanos, dão provas de que só há híbridos. O nós humanos e eles animais sugere a purificação, mas ao mesmo tempo, enquanto associação, há a produção de uma nova enti-

dade - um animal que não é tão apenas um animal e um humano que não é tão apenas um humano. O que vem de Latour (2005) sob a ideia de híbrido, uma produção que resulta da tradução humano/animal. Olhar para um cão no colo de uma mulher, não é visto aqui como dois entes separados por naturezas e ontologia exclusivas - trata-se de um composto.

i. Os Caminhos da Pesquisa

Cheguei às *pet shops* e clínicas veterinárias com o propósito de pesquisar o uso de tecnologias biomédicas voltadas à saúde e estética de animais de estimação. Não tenho cães ou gatos, tampouco me engajo nos crescentes movimentos de defesa dos animais. Mas no outono de 2008, enquanto eu conversava com uma amiga o seu telefone tocou, e às pressas ela foi saindo e explicando que da clínica avisavam que a sessão de hemodiálise da sua cachorra tinha terminado. Sem tempo para os detalhes, sobrou daquilo uma grande curiosidade, que me motivou à busca e revisão de literaturas sobre o tema, à participação em eventos, à elaboração de um projeto². Um pouco mais tarde, em fevereiro de 2009, passei ao acompanhamento do trabalho de dois veterinários em uma *pet*

² Trata-se de uma mudança na minha trajetória de pesquisas. Na graduação fiz um estudo sobre a produção de subjetividade na relação com o computador (Segata, 2004) e no mestrado fiz uma etnografia em comunidades do orkut, com foco na socialidade e na construção coletiva de memória (Segata, 2008). Ambos os trabalhos tratavam da apropriação e uso de computadores e internet em Lontras, uma pequena cidade do interior de Santa Catarina.

shop com clínica veterinária da cidade de Rio do Sul, no interior de Santa Catarina - num trabalho que se estendeu por cerca de nove meses, quando segui para o estágio sanduíche, no *Laboratoire d'Anthropologie Sociale* do Collège de France, em novembro daquele ano.

Eu havia ingressado no doutorado com um projeto sobre redes sociais na internet, em continuidade aos meus trabalhos sobre os modos de relacionamento no ciberespaço. O gosto pelo estudo do uso de tecnologias no cotidiano, especialmente a forma como eles participam da constituição dos coletivos, eu cultivava desde minha graduação, mas tecnologias para animais de estimação era algo diferente. Assim, de alguma forma, talvez por equívoco ou excesso de imaginação, eu esperava encontrar nas *pet shops* e clínicas veterinárias, o próprio *ponto de clivagem e de encontro* entre o pólo da natureza e o pólo do sujeito ou sociedade para a produção dos híbridos, que tanto me inspirava na obra de Latour (2005).

Dessa maneira, foi na chamada “Loja de Marcos”, que eu iniciei aquilo que à rigor, na antropologia, tratamos por *observação participante*, com suas doses correntemente discutidas de estranhamento, experiência, afetamento e dúvida. Tratava-se de três ou quatro idas semanais, em dias e turnos intercalados, conforme minhas disponibilidades e conforme as indicações de demandas que as pessoas daquele lugar me faziam. Contudo que se entenda as duas lojas da cidade de Rio do Sul como dois marcos espaciais desse trabalho de campo, não fica difícil de se compreender que o meu trabalho lá se tornava também cada vez menos frequentes, à medida que algumas ações que eu acompanhava na loja, acentavam para outros temas, lugares ou pessoas. Entre esses, ficam incluídos desde apaixonados por animais, à bioquímicos farmacêuticos, enfermeiros ou psicólogos.

No entanto, à medida em que o trabalho avançava, eu passei a sentir algumas dificuldades. No Brasil estudos antropológicos sobre animais de estimação ainda são ainda um pouco incomuns e isolados em um ou outro departamento de pesquisa³. De modo geral, quando até pouco tempo, e especialmente até um momento anterior às produções de Tim Ingold, Eduardo Viveiros de Castro, Philippe Descola, a relação entre humanos e animais nos debates antropológicos lembra aquela de protagonista/coadjuvante ou ator/cenário, onde o animal não participava da composição disso que chamamos de social, mas tão apenas servia de apoio ou contexto, para a discussão de relações entre os humanos. E isso, em grande medida também se estende aos demais entes que compõem o mundo das coisas e incluindo o sobrenatural. Assim, como eu procuro mostrar no primeiro capítulo, não fica difícil de se entender que um dos desafios do trabalho foi o de pensar alguma coisa diferente do que aquela ideia trivial de que os animais de estimação poderiam falar dos nossos problemas.

Outra questão que começou a aparecer foi a de minha mudança de campo. No mestrado em havia feito uma etnografia em um ambiente *on-line*, o orkut, onde o “encontro etnográfico” quase que exclusivamente em interface e não em face a face, fez explorar alguns dos limites da relação pesquisador/pesquisado na antropologia, como o fizeram outros de natureza similar, no GrupCiber, da UFSC. No entanto, agora, vol-

³ Faço nota ao trabalho de Calmon de Oliveira (2006, 2008), do mestrado em Antropologia e Sociologia da UFRJ, que fez uma etnografia que inclui concursos de cães de raça, focada na afetividade e na distinção. O trabalho, em andamento, de Liziane Gonçalves do mestrado em Antropologia da UFRGS, sobre cães abandonados nas ruas de Porto Alegre. Também apareceu na programação da 28a. RBA, que acontecerá em julho de 2012 na PUC-SP, um GT com a proposta de discutir as relações entre humanos e animais, intitulado “Animais e Humanos em Contextos Urbanos e Rurais: novas perspectivas sobre relações interespecíficas”.

tando-me àquilo que seria uma proposta mais tradicional entre os antropólogos - a de sair do escritório, ir para um determinado lugar e colher histórias sobre o que dizem e fazem os outros, exigiu-me o desenvolvimento de algumas daquelas habilidades mais básicas de um etnógrafo - aquelas de ver, ouvir, selecionar ou seguir o curso das ações. Estritamente, eu haveria de ter dado por finalizado o trabalho de campo com o início do estágio PDEE, mas dadas essas dificuldades, eu passei a cogitação de algumas tentativas de mudanças de rumos no meu trabalho - incluindo um projeto de investimento num diálogo com a filosofia da linguagem, que mais tarde optei por deixar amadurecer.

Em vista de minhas atribuições profissionais, nesse período, eu também passei a estabelecer um contato mais direto e intenso com o trabalho de administradores, economistas, psicólogos ou profissionais do direito, que conseqüentemente se posicionavam em relação ao tratamento que eu dava à minha tese em desenvolvimento. Aqui, à moda daquilo que Law (2004) provoca como sendo o *trabalho de determinação de processos mais ou menos identificados*, os diálogos que constituíamos em torno do que eu estava escrevendo, supunham que eu havia esquecido, em minhas análises, de tratar dos mercados em expansão, das carências e fragilidades do homem contemporâneo ou dos direitos dos animais. Enfim, cada colega com as chaves de explicação próprias de suas áreas. Isso se estendeu por mais quatorze meses, e permitiu que eu compreendesse melhor a crítica instalada por Strathern (1986; 2006) à respeito do modelo modernista de antropologia, cujo exercício teórico se dava através de fenômenos do trabalho de campo por meio daquilo ela chamou de *ficções persuasivas*. No entendimento dessa autora, o trabalho de campo não introduzia novas ideias à antropologia. Antes sim, ele fornecia um contex-

to para as próprias novidades antropológicas, e não era esse o meu projeto - de modo que por vezes eu travei alguma luta contra a impressão de que eu apenas estava dando um novo cenário aos velhos debates sobre parentesco, identidade, economia capitalista e, sobretudo sobre a distinção entre natureza/cultura. De um todo, desse último eu não escapei, contudo sempre olhando positivamente para essa perspectiva, naquilo que a própria Marilyn Strathern (id.) desafia como sendo o nosso papel de dizer algo diferente sobre o tão dito. O que resta disso aqui, é que essa tese se presta muito mais ao *fracasso metódico*, no sentido que Calávia Sáez (2011) emprega ao termo, às *grandes narrativas* de uma antropologia modernista, de tal modo que a proeminência está na pequena novidade que não cabe em uma etnografia ancorada nas permanências, do que no reconhecimento *in loco* dos grandes sistemas teóricos da nossa disciplina.

Nesse ínterim, *Jamais Fomos Modernos*, de Bruno Latour (2005) foi decisivo, e é um dos trabalhos que me inspiraram à pesquisa que resultou nessa tese. Ali temos, deliberadamente, uma tentativa de propor uma antropologia simétrica, a partir de um princípio generalizado de simetria, que *desmarque* as barreiras entre sujeitos e objetos, entre humanos e não-humanos, entre os campos científicos, naturais ou sociais; antes ainda, o ensaio é uma tentativa de mostrar o duplo movimento do moderno, que jamais conseguiu, de fato, separar esses domínios uns dos outros, já que a purificação e a tradução são ambas constituintes de um mesmo processo.

As práticas de purificação, segundo Latour (2005) começam a entrar em crise com aquilo que ele chama de proliferação dos híbridos. Um momento emblemático disso é o ano de 1989, onde a queda do muro de Berlim representa a derrota do socialismo e da política, ao

mesmo tempo, em que começam a se realizar as primeiras conferências sobre as ações dos homens sobre os ecossistemas em esfera global, que contrariam as esperanças ilimitadas de dominação total sobre a natureza, próprias do capitalismo. Assim, preocupações e domínios antes supostamente separados pela grande ordem das coisas naturais de um lado e sociais de outro - pelos fatos e pelos feitos, pelos objetos e pelos sujeitos, agora se misturam. Aqui, já não é mais claro o que motiva esses crescentes movimentos de proteção dos animais. Trata-se de política, por que somos todos humanos? Ou é um caso de ecologia, por que somos todos animais? E o que dizer, especialmente, dos animais de estimação, esses “outros humanos” que como nós, cada vez mais desafiam as práticas de purificação? Nem mais humanos, nem mais animais, por todo lado vazam notícias de que somos todos híbridos.

Nessa direção, do ponto de vista da antropologia descendente de *Jamais Fomos Modernos* - ou aquilo que hoje atende mais amplamente pelo nome de Teoria do Ator Rede - ANT, há apenas híbridos. Conforme sugeriu Latour (2005, 2008), não haveríamos mais de ter de tratar das coisas em si, de sujeitos e objetos, mas de atores, que remetem a quaisquer entes que podem mover ações - sejam eles humanos ou não-humanos, e que não o fazem isso por si mesmos, porque estão em rede, o que torna a ação fluida. Assim, nos trabalhos da ANT, quando se está falando de eletrodos de pilhas, filamentos de lâmpadas incandescentes, da bactéria do antraz ou dos peptídeos do cérebro, não se está falando de domínios exclusivos das técnicas ou das ciências, tampouco da natureza dessas coisas em si, mas do seu envolvimento com coletivos compostos de atores humanos e não-humanos, constituídos/transformados em processos contínuos de *tradução*. Neles, é possível deslocar objetivos, desestabili-

zar entidades, e acima de tudo gerar sempre novos efeitos. A tradução é esse processo de transformação que determinado fato, feito ou ator vai sofrendo e fazendo sofrer em rede (Latour 1999b, 2005, 2008; Law 2006; Freire, 2006; Ziemkendorf, 2007).

Essas discussões constituidoras da ANT, passam a tomar corpo a partir de meados da década de 1970, nas críticas dirigidas a David Bloor, que desenvolveu um programa de investigações sociais, cujo objetivo central residia em analisar o que faz certos grupos de cientistas em diferentes épocas selecionar certos aspectos da realidade como objeto de estudo. Isso, originalmente recaía mais explicitamente sobre aqueles dispostos a estudar “o mundo da natureza”. Tratava-se daquilo que Bloor (2009) chamou de *Programa Forte*, tornando possível considerar o trabalho dos cientistas ou mesmo a ciência e a tecnologia, algo construído sob certos aspectos internos da própria comunidade científica - o “isolamento” da natureza “purificada” em laboratório - e igualmente, certos aspectos, ditos então, sociais e históricos - o que supostamente deveria ficar de fora do laboratório, para não interferir nos resultados (Bijker & Pinch 1989; Bloor 1999, 2009; Callon, 1989). Para tanto, David Bloor sugeria para tal empreito, no âmbito do que se conhecia por *estudos científicos* ou *sociologia das ciências*, um *princípio programático da simetria*, que consistia basicamente em reconhecer que os mesmos tipos de causas devem servir como modos de explicação, sejam eles estabelecidos (crenças valorizadas), como também aquelas que não vigoravam no interior das ciências (crenças rechaçadas), não antecipando vencedores ou vencidos, nem tomando-os como essencialmente diferenciados (Bloor, 2009; Freire 2006; Law 1999, 2004). Enfim, é na contestação desse *princípio programático de simetria*, que autores como Bruno Latour e Michel Callon estendem esse

princípio teórico-metodológico formulado por David Bloor às controvérsias entre natureza e sociedade, que também deveriam ser tratadas sob um mesmo plano, sob um *princípio de simetria generalizada*, uma vez que para eles, não haveria de um lado um mundo das coisas em si em contraposição a um mundo dos homens – para eles, ambos seriam *efeitos de redes*. Em resumo, sob o *princípio de simetria generalizada*, natureza e sociedade, sujeito e objeto, etc., poderiam ser descritos simultaneamente, sem que se fizesse necessário recair o peso da descrição sob um dos supostos pólos, o que resultaria na permanência de um esquema assimétrico. Destarte, a *simetria generalizada*, amplificaria o potencial do *princípio programático de simetria*, uma vez que esta última, ainda tomava “o social” como um lugar privilegiado para se discutir as ciências e a natureza. Este também foi um dos caminhos traçados para a constituição de um modo de se pensar em uma *antropologia simétrica*, que reivindicasse uma simetria entre humanos e não-humanos, ultrapassando as grandes divisões entre natureza e cultura, entre sujeito e objeto ou pelo menos, situando suas bordas ou limites.

No entanto, a chamada “Teoria Ator-Rede” não é exatamente uma teoria. A noção de *ator* não pode ser confundida com o sentido tradicional de “ator social”, uma vez que para Latour (1999a) um ator é tudo que age, deixa traço, produz efeito no mundo, podendo se referir a pessoas, instituições, coisas, animais, objetos, máquinas, ou tudo isso simultaneamente: “usar la palabra ‘actor’ significa que nunca está claro quién y qué está actuando cuando actuamos, dado que um actor en el escenario nunca está solo en su actuación” (LATOURE, 2008, p. 73). Assim, sublinhe-se que a actancialidade não seria aquilo o que o agente/actante faz - pois a ação seria distribuída, não seria univocal, não caberia

na identificação do ator-em-si: “por definición, la acción es *dislocada*. La acción es tomada prestada, distribuida, sugerida, influida, dominada, traicionada, traducida (id., 74). Daí de se assinalar que se estaria tratando aqui de um ator-rede, e não simplesmente de “um ator” e de “uma rede”, em separados. Há agências, as mais diversas, atuando simultaneamente no mundo. E assim, com o intuito de se evitar o equívoco de se atribuir exclusivamente ao humano a agência, é comum encontrarmos no vocabulário da ANT a utilização do termo semiótico *actante* (no mesmo sentido de ator), ou seja, qualquer coisa que atue ou que mova alguma ação e produza a diferença (Akrich & Latour, 1992). Não é difícil assim se notar algumas das dificuldades para se trabalhar nessa proposta. Um exemplo que corrobora com isso é a limitação do próprio vocabulário da Língua Portuguesa, pois nos falta um equivalente para uma voz verbal presente entre os gregos, a “middle voice”, que não seria nem passiva, nem ativa, que poderia ser traduzida como o que “faz fazer” (“faire faire” no francês ou “to make one do”, no inglês) - ela permite distribuir as certezas do que ou de quem está agindo (Latour, 1999b).

Já a noção de *rede*, como a de ator, aos poucos, também começou a se tornar um problema. Nesse seu caso, à medida que a emergência da *World Wide Web* demandou estudos específicos, ela ficou diretamente “colada” à ideia de internet. O problema é que na cibernética, uma rede se refere aquilo que transporta informações por longas distâncias, mantendo-a intacta, pura, sem quaisquer ruídos. Algo consideravelmente distante do projeto *latouriano*, interessado justamente nos efeitos, nas traduções, nos desvios, nos “chiados” delas. Enfim, o que está em proeminência são os fluxos, as multiplicidades de conexões, e não o estável, o igual. Anteriormente a isso, explica ainda Latour (1999b, p. 15), aparecia outro equí-

voco que era o de compreender rede com aquela “ideia torta” de “vamos flexibilizar as intuições rígidas, pontiagudas”, algo que aliviasse o peso das noções de instituição, sociedade ou Estados-Nação: “‘down with rigid institutions’, they all say, ‘long live flexible networks’” (id.). Uma rede não pode ser definida por superfícies, tampouco por seus limites externos; antes sim, o foco está nos agenciamentos, nas alianças entre elementos heterogêneos (agentes humanos e não-humanos). Ou seja, a rede por si só pode também se constituir como um ator, uma vez que ela produz efeitos, que ela não é uma entidade fixa, logo, não é o *objeto de análise*. A análise deve recair na capacidade que essas redes tem em redefinir ou transformar os seus componentes (ínternos e externos): de modo resumido, interessam os efeitos das redes. Pensar com elas, não pensar elas é um desafio, e é nesse caminho que ao longo dessa tese a noção de rede se presta a um interesse metodológico, como aquilo que me permitiu descrever certas interações.

*

A tese está dividida em quatro capítulos. No primeiro deles, eu procuro estabelecer um enquadramento do campo - a literatura sobre a domesticação dos animais e a conceitualização do “animal de estimação”; o surgimento e o papel contemporâneo de sociedades protetoras dos animais, especialmente analisando aquela com a qual mais diretamente eu estabelecia contatos - a APAD, de Rio do Sul, passando, final-

mente ao hiato entre os desígnios de nossos projetos de pesquisa e as realidades que pretendemos estudar. Haja vista a consideração de que associações não podem ser previstas, o que preveria então um projeto de pesquisa? São angústias iniciais, e a procura por alguns ajustes de direção. Aqui, nada disso é tratado como material subjacente à pesquisa - mas sim como parte constituidora de todo o processo, com seus erros e acertos.

No segundo capítulo, eu descrevo o procedimento para desobstrução da uretra de um gato. Com forte inspiração em Latour & Woolgar (2006), Houdart (2007) e Sá (2006) e seus trabalhos em laboratórios ou em campo, seguindo os cientistas, aqui eu começo a primeira reorganização de meu trabalho, quando decido focar o meu olhar nas práticas dos médicos-veterinários. Consoante, assim, às perspectivas que inspiraram esse trabalho, aqui aparece a opção pela seleção de casos para a condução da discussão. Isso responde por uma tentativa de seguir o curso das ações e o critério para as suas escolhas, muitas vezes não se deram tanto pela densidade do material coletado, mas pelo fato de eles marcarem momentos onde certas relações se tornavam aparentes para mim - e o gato com problemas renais foi decisivo para eu me situar no trabalho de campo.

A partir disso, eu dou continuidade a uma discussão que começa a tomar forma desde o primeiro capítulo e que se segue em toda a tese - o de fazer aparecer as negociações entre a humanidade e a animalidade dos animais de estimação, quando então chego ao terceiro capítulo, que é dedicado especialmente ao tratamento de uma controvérsia que diz respeito aos modos de diagnóstico e tratamento de depressão canina que vem sendo praticados e aperfeiçoados a partir de *pet shops*, clínicas vete-

rinárias ou laboratórios farmacêuticos. O problema em questão é que a depressão canina não é uma patologia reconhecida em consenso pela medicina veterinária. Além de transtornos compulsivos, problemas de comportamento ou distúrbios alimentares, o que mais se aproxima da depressão, e que tem sido considerado um problema crescente na última década, é a Ansiedade de Separação em Animais - SASA. Ela pode ser caracterizada como um conjunto de comportamentos indesejáveis especialmente entre cães que são deixados sozinhos ou quando estão afastados da figura de apego. Mas a depressão canina, do ponto de vista da *ciência veterinária*, não existe. Assim, o acento desse capítulo não está na verdade ou no erro da afirmação da dessa patologia, mas em descrever e analisar sob que condições ela aparece e que ações passa a mover, como a sugestão de novos modelos de vida ou a expansão de um comércio local de psicotrópicos caninos.

Por fim, no último capítulo, eu procuro explorar a diferenciação e semelhança do humano e do animal, desde os trabalhos provocativos de Tim Ingold e as suas exigências de *habilidades para*, chegando a temas controversos, como as transfusões sanguíneas em cães, a eutanásia de animais doentes ou velhos ou o abatimento de outros para o consumo. Não se trata aqui de buscar uma resposta que finalize essas questões, mas novamente no espírito que conduz os demais capítulos, o objetivo é o de fazer aparecer os limites entre nós e esses “outros humanos”.

Pessoas, Coisas e Animais

“Recordo-me de Jójou como se ele tivesse sido quase pessoa de minha casa, quase membro de minha família, no tempo em que eu, solteiro, um tanto boêmio e sempre em viagens pela Europa e pelos Estados Unidos, vivia ainda no Recife com minha velha gente - vida de filho e não ainda de pai. Entretanto, era esse Jójou um animal e às vezes chegava a parecer simplesmente uma coisa: uma almofada branca e felpuda, perdida no silêncio dos meios-dias em algum recanto mais sombrio da sala de visitas: uma sala de visitas à antiga moda patriarcal.

Já não me lembro por que se chamava Jójou. No seu caso era um desses nomes irônicos que nos surpreendem não só em pessoas como em animais. Era gato e não gata. E gato másculo, grande, maduro, valente que de noite parecia um felpudo cão de raça que guardasse a casa. Enfrentava então cães vadios e gatunos afoitos com uma superioridade magnífica não só de inteligência como de força. Guardava a casa como se fosse um cão não direi policial, mas militar militante.

Não era só à noite que se revelava um vigilante amigo da família e da casa. Também de dia. Gostava, é certo, de dormir ou ronronar longa e fidalgamente entre coxins de paxá. De mostrar-se orientalmente volutuoso, embora sempre digno e sempre aristocrático em seus ócios. E sem deixar de cumprir com um rigor inglês do tempo da Rainha Vitória obrigações que tomara para si, sem que nin-

guém as tivesse exigido dele. A vigilância dos livros contra os ratos, por exemplo.

Movia-se então entre jarros ou vasos cheios de flores com a agilidade e a leve graça de um bailarino russo que dançasse balês sem perder a dignidade inglesa e a majestade vitoriana que em Jouvou era uma constante. Realizava acrobacias que pareciam impossíveis de ser realizadas por um gato tão corpulento; tão arredondado pela alimentação farta de animal lorde. E nunca o mais astuto rato destes Recifes conseguiu tocar num livro, num papel velho, num mapa antigo dos que, durante anos, estiveram sob a guarda de Jouvou.

Ainda que se chamasse Jouvou, não brincava senão com adultos que considerasse ilustres. Gostava apenas de gente velha e, ao seu ver, de “bem”. Mas sem ser exuberante nos seus afagos de aristocrata. Também nisto era um tanto inglês: no pudor de sua ternura. Era sóbrio. Chegava a ser secarrão, comparado com os gatos efeminados ou cortesãos e até obscenos que só faltam desmanchar-se em agrados às pernas dos donos e principalmente das donas. Fazia suas carícias aos velhos da casa. Mas discretamente, sobriamente, fidalgamente. E quanto ao sexo, descarregava-o em gatas da redondeza com uma discrição e até com uma hipocrisia digna também de *gentleman* vitoriano.

Detestava menino. Criança não era com Jouvou. Nem criança nem adolescente. Nem mesmo gente simplesmente moça. Quando a casa era invadida por parentes dos donos que trouxessem crianças, Jouvou desaparecia como por encanto. Escondia-se em recantos misteriosos que só ele e as pessoas mais antigas da casa conheciam. Desaparecia no meio de sombras quase do outro mundo. Entre móveis patriarcais. Sumia-se como se fosse gato de bruxedo. Ou de história da carochinha.

E só reaparecia ao sentir, já distantes de casa, os bárbaros que eram para ele todas as crianças. Reaparecia então triunfante e tranquilo. Sentindo-se, mais do que dantes,

peessoa antiga e eterna da família. Pessoa adulta e propecta que só se sentisse bem entre adultos e propectos.

Não se pense que em Jouvou nada houvesse de francês além do nome impróprio. Eram franceses certas de suas atitudes críticas de indagação, de sondagem de ambientes. De discriminação de personalidade entre as pessoas que viessem visitar os seus velhos donos. Atitudes francesas, manhas latinas, astúcias italianas. Alguma coisa de eclesiástico, de jesuítico, de saint-sulpiciano fazia de Jouvou um diplomata. E era um diplomata com estranhos sem deixar de ser um sincero amigo das pessoas da casa”⁴.

Pessoas, Coisas & Animais corresponde a uma pequena parte da obra de Gilberto Freyre como colaborador da revista *O Cruzeiro*, dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, fundada em 1928. Sob esse título genérico apareciam crônicas sobre personalidades daqueles idos de 1940, 50 e 60, fatos políticos e histórias cotidianas desse tempo.

Em fins dos anos de 1970, essas crônicas e outros trabalhos publicados em jornais da época, como o *Jornal do Comércio*, *A Manhã*, o *Jornal do Brasil* ou o *Diário de Pernambuco* - de onde vem “Recordações de Jouvou”, foram reunidos em um livro sob o mesmo título das colaborações d’*O Cruzeiro*. Nele, como comenta Fonseca (1980), organizador e apresentador do volume, é na *proustianidade* literária de um *open minded* e na perspicácia antropológica com uma *Weltanschauung* tão generosamente abrangente, que se pode encontrar um Gilberto Freyre prolixo em pontos de vista sobre o que se denominava na época por “cultura brasileira”.

Em “Recordações de Jouvou”, como em outros dos trabalhos que

⁴ Gilberto Freyre. “Recordações de Jouvou”. *Diário de Pernambuco*, 27 de abril de 1969.

se referem aos animais, o autor sugere que (1980) eles e *o bicho*, formam um complexo de vasta projeção sobre formação social e psicológica do brasileiro. Dentro dela, cabe coisas vagas, reais e imaginárias - o bicho faz medo, está na mata, na casa, dentro do corpo. É o monstro, o mito, o jogo e o fantasma em forma de animal. Dele se corre, dele se aproxima. Dos bichos de pé e lombrigas nos intestinos dos escravos à individualização de Joujou, o gato diplomata, gente da família, de humor inglês-aristocrático, atitudes francesas e manhas latinas, Freyre forma e diferencia imaginários nacionais.

O que vem disso como inspiração para esse capítulo se abre em dois aspectos. O primeiro, e mais aberto, está na fórmula condensada de emoldurar suas colaborações n’*O Cruzeiro* - como lá, esse é um trabalho que genericamente trata de pessoas, coisas e animais. Mas a questão que vem com isso, em especial, coloca em reflexão o lugar das coisas e dos animais no debate antropológico. Não se trata de resolver essas questões; antes sim, lembrar que elas existem. Esse é um dos objetivos desse capítulo. Contudo, aqui isso é feito de modo mais particularizado, a partir das minhas idealizações e as promessas do projeto de pesquisa, as tomadas de decisão, as dificuldades, os equívocos, os desencantamentos ou mudanças de direção - ou seja, trata-se do próprio processo de construção do meu tema de pesquisa.

Ligado a essa questão, aparece o segundo aspecto da inspiração freiriana, que vem com as “Recordações de Joujou”. Malgrado a beleza poética da descrição daquele gato, quase gente, quase coisa, a crônica permite pensar um pouco mais densamente sobre o lugar dos animais no debate antropológico contemporâneo, à sombra das nossas tradicionais discussões sobre natureza e cultura ou humanidade e animalidade. Não

apenas nesse capítulo, mas ao longo de toda a tese, esse é um tema que aparece de modo fluido e subjacente às descrições e análises que focam a medicalização dos animais de estimação.

A ideia geral de que os animais podem nos ajudar no entendimento de quem somos nós mesmos tem aparecido com frequência na antropologia. Trata-se de uma espécie de pedagogia de si pelo outro, e ao mesmo tempo, uma espécie de chave de revelação simbólica, naquilo que definiu Bernardina (2006, p. 12) a respeito do uso do animal como um intermediário - “un objet transitionnel, sorte de ‘doudou’ pour adultes fournissant à son usager un langage imagé pour parler de lui-même”. Contudo, e ao mesmo tempo, Joujou não é apenas esse um *intermediário* de Freyre ou dos brasis de sua época. A descrição do autor permite o aparecimento de um ente que não se determina em espécie ou raça - de natureza animal ou social: trata-se de um *mediador*, um agente, tradutor de sentidos, transformador de relações.

A tensão que se estabelece entre *intemediar* e *mediar*, aparece de modo central em Latour (2008, p. 63) e responde, em especial, pela sua tentativa de desfazimento de entidades homogêneas, totais e estáveis, como os *grupos*, em favor do que ele chama de *formação de grupos*:

Un *intermediario*, em mi vocabulário, es lo que transporta significado o fuerza sin transformación: definir sus datos de entrada basta para definir sus datos de salida. Para todo propósito práctico un intermediario puede considerarse no sólo una caja negra sino también una caja negra que funciona como una unidad, aunque internamente esté compuesta de muchas partes. Los *mediadores*, en cambio, no pueden considerarse sólo uno; pueden funcionar como uno, nada, varios o infinito. Sus datos de entrada nunca predicen bien los de salida; su especificidad debe tomarse en cuenta cada vez. Los mediadores transforman, traducen, dis-

torsionan y modifican el significado o los elementos que se supone que debe transportar.

É desse modo que vem a sugestão de que os outros gatos são apenas gatos. Jójou não. Seus hábitos o fazem ser visto por Freyre como aquela pessoa adulta, prolecta e diplomática - ao mesmo tempo um cão de guarda, um fanfarrão ou um *gentleman* em discrição e hipocrisia. Falar de si através de um animal talvez não se resuma a uma simples projecção simbólica, mas faça aparecer um processo de se traduzir no outro - de se fazer aparecer nele, de se transformar mutuamente. Em Jójou até podemos ver Freyre ou um Brasil aristocrático dos poucos que podiam viver em viagens pelos Estados Unidos e Europa na primeira metade do século XX, o que não podemos mais, é ver em Jójou *apenas* um gato.

A capa da edição de onde eu tirei as “Recordações de Jójou” traz Freyre retratado numa majestosa poltrona de couro, com estantes com livros ao fundo e escritos desordenados à sua frente. Talvez esse fosse o seu escritório, e talvez fosse dali que ele observava a fidalguia de Jójou. Mas não haveria de aparecer o gato em algum momento? Quem alimentava Jójou, lavava o pelo ou limpava o cocô de algum canto da casa ou trocava a areia da caixa? Nos tempos de hoje, o pelo felpudo é garantido com *shampoo* especial e secagem em câmara de microondas, sem esquecer da ração selecionada, que adiciona um pouco brilho a tudo. A virilidade e astúcia precisam ser preservadas com as doses certas de vacinas e boa nutrição. Quem fazia a manutenção dessa aristocracia vitoriana, não permitindo que Jójou se tornasse apenas um gato? Seria o velho antropólogo recifense que se dedicaria a isso também ou para ele apenas sobrava a aristocracia? Até onde vai o Jójou *intermediário*, que espelha ou conduz intacto o imaginário de uma época e onde começa o

Joujou *mediador* que aciona investimentos e transforma Freyre ou algum empregado, num cuidador. Esse é o tipo de questão que move esse trabalho.

Assim, pessoas, coisas e animais nesse trabalho, não são evocados aqui como entidades totais, ontológicas, que fornecem sentidos ou explicam umas às outras - interessa delas a produção, os interesses, a transformação e não os fatos. E por isso que não apenas Freyre, por que é *pessoa*, é entendido como um agente. Seguindo Latour (2008, p. 26), Joujou, como os outros *animais*, “deben ser *actores* y no simplemente los infelices portadores de una proyección simbólica”. É preciso ter ciência de que não há intermediários ou mediadores por si mesmos - os atores ou actantes não estão ali ou acolá, à espera de serem encontrados. Isso faria com que perceber animais e coisas como tais, se resumisse a simples tarefa de bagunçar alguns papéis e redefinir entidades. O desafio posto pela antropologia que eu escolhi fazer, não é o de identificar quem ou o que é um ator ou mediador, mas *quando é*. O foco está na associação, nos efeitos, nas contingências ou naquilo que faz fazer na relação. Assim, perguntar o que ou quem é Joujou e o que ele pode dizer à antropologia, pode ser, certamente uma questão interessante e de bom rendimento, mas não aquela mais apropriada - é isso que marca a diferença entre aquilo que Bruno Latour (2008) chama de *sociologia do social* e *sociologia das associações* e ela coincide com outras viradas antropológicas que vem acontecendo nos últimos anos e que interessam a esse trabalho.

1.1 Viradas Antropológicas

Sob o título geral de *Un “Tournant Animaliste” en Anthropologie?*, um recente colóquio internacional que aconteceu no Collège de France, trazia o propósito de discutir como “depuis deux ou trois décennies, l’exploration des relations entre hommes et animaux s’est développée au point de constituer un domaine spécialisé de recherche”⁵.

Vindo de iniciativas francesas, a conjuração de um domínio específico da antropologia dedicado aos estudos sobre animais, em alguma medida não passa longe das discussões que levaram à constituição da Cadeira de *Antropologia da Natureza*, no Collège de France. Nos quatro primeiros anos, desde a sua criação em 2000-2001, Philippe Descola trouxe como elemento central de seus cursos as figuras ou modos de relações entre humanos e não-humanos (Descola, 2000, 2001a, 2001b, 2002, 2003).

Na sequência desses cursos, apareceu *Par-Delà Nature et Culture* (Descola, 2005b), que marca um ponto alto na produção antropológica contemporânea destinada pensar o tema. Com uma minuciosa apresentação e revisão daquelas categorias ontológicas que firmaram lugar na nossa disciplina, a discriminar, o *animismo*, o *totemismo*, o *naturalismo* e o *analogismo* em termos de identificação e *troca*, *predação*, *dom*, *produção*, *proteção* e *transmissão*, para relação, esses debates reúnem com detalhes e ampla argumentação etnográfica entendimentos que promovem uma crítica

⁵ *Un “Tornant Animaliste” en Anthropologie?*. O evento aconteceu entre os dias 22 e 24 de junho de 2011, no Collège de France, em Paris. O programa com resumos das conferências se encontra disponível no site da Cadeira de *Antropologia da Natureza*. Ver: <http://www.college-de-france.fr/media/anthrop/UPL23153_Tournant_animaliste_Ani_mal_Turn_11_06_22_24.pdf>. Acesso em outubro de 2011.

à oposição entre natureza e cultura e seus desdobramentos em “objetos naturais” e “seres sociais”, os quais governam os esquemas de objetivação/objetificação do mundo e do outro - especialmente entre pessoas, coisas e animais. Ou seja, trata-se de um esforço para mostrar que essas diferenças não passam de escolhas concernentes a fronteiras ontológicas e, por conseguinte, de estruturas cosmológicas:

continuités entre humains et non-humains traités selon un régime de sociabilité identique, transfert analogique des propriétés des objets naturels aux taxinomies sociales, correspondance ou action à distance entre éléments du macrocosme et éléments du microcosme, séparation entre sphère des hommes et le rest du monde, etc. Il s'agit ensuite des systèmes de valeur qui orientent les rapports pratiques à autrui, humain et non humain, et qui, lorsqu'ils acquièrent localement une position dominante, donnent à une société son style distinctif: l'exigence de réciprocité, l'appropriation prédatrice, le don désintéressé, la protection, la production, etc (DESCOLA, 2011, p. 82-83).

Esses modelos sugeridos por Descola (2005, 2010, 2011), podem ser entendidos como dispositivos de classificação por meio dos quais os elementos do mundo são repartidos em nomenclaturas mais ou menos extensivas. Neles, os humanos definimos nossas relações entre nós mesmos, com o mundo ou com os outros existentes naquilo que de modo mais específico concerne a esse trabalho: a relação entre o homem e o animal e o questionamento da tradicional ideia de que,

entre les humains et les non-humains, il existe une différence importante: les humains sont des sujets qui possèdent des droits du fait de leur qualité d'homme, les non-humains sont des objets naturels ou artificiels qui n'ont pas de droits en propre (DESCO-

Nos termos ontológicos desse autor, a diversidade das culturas e das naturezas permite pensar em diversidade entre as posições que ocupam humanos e animais na constituição disso que chamamos ordinariamente em nossa disciplina de vida social. No entanto, com o crescimento do número de *pet shops*, os serviços e tecnologias médicas cada vez mais sofisticados, os debates sobre os direitos dos animais ou com as associações de proteção, mais do que uma preocupação teórica, é no cotidiano que se percebe essa participação do animal na composição das relações.

Entenda-se, de modo geral, que mesmo que eu alimente um interesse muito particular em ciência e tecnologia, a minha participação em eventos durante o doutorado se deu muito mais em grupos de trabalho cujo tema geral é a relação homem e animal. Igualmente, ao longo do trabalho de campo, eu passei ao contato mais direto com veterinários, donos de animais, e membros dessa associação, que passaram a me deixar instigado pela maneira como vinha se transformando o modo como humanos e animais se identificam e se relacionam - e foi nas clínicas veterinárias que eu imaginei cruzar esses interesses. À propósito disso, as questões com as quais eu passava a me deparar, podiam ser resumidas com aquelas que podiam ser lidas no encarte de resumos do colóquio parisiense:

Peut-on alors parler d'un 'tournant animaliste', entendu à la fois comme position politique et morale de défense des animaux, et comme position épistémologique postulant une continuité entre hommes et animaux en donnant à ces derniers une subjectivité ou une "agency"? Ces deux perspectives sont-elles nécessaire-

ment liées? Jusqu'à quel point l'intérêt pour "l'animal" contribue-t-il à la connaissance des animaux autant que des hommes en société, à la connaissance de la diversité et de la complexité de la cohabitation des vivants? Peut-il constituer un objet d'étude à part entière? Les approches méthodologiques sont-elles orientées, et si oui comment, par les formes d'engagement autour de ce qu'on appelle aujourd'hui "la question animale"? Débouchent-elles sur des positions métaphysiques qui articuleraient de façon nouvelle les formes du vivant?

Na passagem aparece uma ideia geral que me orientou na condução desse trabalho. Há, ali, evidências de uma espécie de "efeito Lattour", que de alguma forma provocou uma mudança nas últimas duas décadas no entendimento do lugar que ocupam os animais e outros seres na composição disso que tratamos por social - os animais e outras entidades, tem reconhecidas a potencialidade de agência e participação na composição disso que tratamos por sociedade ou social. Algumas antropologias anteriores aos anos de 1980, tinham particulares interesses nesses seres, mas para a partir deles falar dos humanos e do modo como estes constituíam o social. Mas isso ainda não é de um todo pacífico. A bem da verdade, não procuro rupturas ou progressos, pois as orientações teóricas e metodológicas dos trabalhos antropológicos que tratam do tema, tanto lá como hoje, ainda acenam para objetivos e caminhos diferentes, como se nota numa passagem da apresentação assinada por Manceron & Roué (2009, p. 05), de um número da *Ethnologie Française*, onde se pode ler que "à travers et avec les animaux, les différences et singularités culturelles se proclament et se définissent; les places et les systèmes de relations entre les êtres s'assignent et se discutent; la légitimité des savoirs et des pouvoirs se défend". Aqui, note-se, os animais aparecem como aqueles que podem particularizar grandes sistemas explica-

tivos, como a cultura, a humanidade, a sociedade.

De toda forma, a minha opção foi a de tentar inserir essa pesquisa em um conjunto mais amplo de debates na antropologia, que nos últimos anos vem questionando o modo como se identificam e se relacionam os diversos entes que compõem aquilo que habitualmente chamamos de “social” (Descola 2005, 2011; Ingold 2000, 2011; Viveiros de Castro 2002, 2009). Tais discussões em nossa disciplina, especialmente aquelas que se encontram em Latour, (2005, 2008), Strathern (2006) ou Wagner (2010), tem posto à prova a validade analítica dos grandes e polivalentes conceitos que edificaram a disciplina desde o século XVIII, tais quais sociedade, indivíduo, natureza, cultura, fundados em parte sobre os princípios *durkheimianos* da unidade e combinados como pares opostos, com a ascensão do estruturalismo, na metade do século XX. Nesses modelos, por exemplo, a relação entre humanos e animais, poderia ser explicada como um fator cultural, um resultado de combinações estruturais ou como a própria qualidade de uma determinada sociedade. As associações não necessitariam de análise ou explicação, pois a sociedade, a estrutura ou a cultura seriam por si, a própria explicação do que há no seu interior.

Igualmente, esse “efeito Latour” e a qualidade desses debates críticos, aparecem acompanhados e oportunizados pelo resgate da obra de Gabriel Tarde. Na *sociologia da diferença* desse autor, entre outras coisas,

o que conta não são os indivíduos, mas as relações infinitesimais de repetição, oposição e adaptação que se desenvolvem entre ou nos indivíduos, ou melhor, num plano onde não se faz sentido algum distinguir o social e o individual” (VARGAS, 2007, p. 10).

Assim, a ideia de sociedade ou de maneira mais ampla, a ideia de *social*, presente nas ciências humanas, desde o seu surgimento, até mesmo como condição para ele, passou a ser reconsiderada. A saber, Gabriel Tarde é tido como um dos mais notáveis sociólogos da França dos fins do século XIX. Sua participação na constituição e na emergência da sociologia nesse país é inquestionável, tendo-se o seu ostracismo na história do pensamento sociológico sido diametralmente associado à centralidade que a sociologia *durkheiminiana* foi ganhando neste país na época (Vargas, 1995; 2000). Sua oposição à sociologia de Durkheim traça uma direção contrária nas humanidades: ao invés de se preocupar com as unidades que compõem instâncias ontológicas autoperpetuáveis, Gabriel Tarde, inspirado na monadologia de Leibniz, se preocupa com a diferença e com a infinitesimal possibilidade de variabilidade das mais diversas entidades, propondo substituir “o grande pelo pequeno, as totalidades e as unidades pelas multidões” (id.). Para tanto, a atitude radical de inspiração *tardeana* sugere que se admita que “há infinitamente mais agentes no mundo do que correntemente imaginam nossas ciências humanas” (id.). Os ecos mais diretos disso, podem ser ouvidos em etnografias contemporâneas, especialmente aquelas sobre os povos das Terras Altas e Baixas do Amazonas ou do Ártico, ao demarcarem a centralidade que a agência de outras entidades, tais como os animais, os fenômenos da natureza ou os espíritos, tem na composição das relações, *assim ditas*, sociais, desses povos. Ali, os animais, os espíritos ou as coisas podem ser agentes que disputam com os humanos a própria humanidade. Isso aparece centralmente no perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro (2002, 2009), nas negociações com os “espíritos” como aparece em Descola (1998, 2006) ou nas pedras que tem vida ou ursos que negociam

a caçada, entre os Ojibwa do Círculo Polar Ártico (Ingold, 2000).

Nesse caminho, essa antropologia mais crítica vem atenta ao significado peculiar que a palavra social tem para Tarde,

posto que não define um domínio específico da realidade ou uma zona ontológica particular reservada aos humanos, mas designa toda e qualquer modalidade de associação; de forma que, em vez de substância, o social é sempre relação, logo, diferença (VARGAS, 2007, p. 21).

Efeitos dessa provocação *tardeana* aparecem na crítica de Latour (2008), à ideia de social como um qualificativo das relações. Segundo ele, a primeira solução que se dá à questão do que é social remete pensar em uma espécie de contexto – “contexto social”, “dimensão, ordem, prática ou estrutura social” – onde domínios da realidade, como a Economia, a Biologia, a Geografia, o Direito, a Psicologia, para citar alguns, estão em parte situados. Neste caso, o social aparece de maneira negativa, como aquela instância que faz perder a pureza de algum desses domínios, cuja totalidade deve prever aquelas nuvens dos “aspectos sociais” que lhe servem de sombra ou cenário. Igualmente, há de se ficar atento aos “fatores sociais”, que geralmente são tomados como a própria desordem – aquilo que não se pode ter o controle do rigor científico, justamente por não se saber ao certo as consequências de suas dimensões obscuras, fugazes ou mutantes.

Da mesma forma, quando tratamos especificamente dos humanos, tomamos o cuidado de não esquecer as influências sociais que este pode receber – “influenciado por determinado contexto social o sujeito fez...” – de maneira que há aparentemente um tom de distância ou deslocamento daquilo que é social. Somos algo ou conjuramos um domínio

do saber que *se relaciona com o social*, de maneira a parecer que este é uma instância deslocada ou externa. Por outro lado, quando assumimos o social como algo interno ou inerente, atribuímos a ele um tom de tumor, como uma espécie de resíduo dentro de nós ou dentro de um domínio do saber que pode ser isolado dentro de um todo. Há, assim, uma espécie de naturalização ou homogeneização daquilo que se compreende por social - ele, como também a sociedade diz respeito aos coletivos de humanos. Mas não é só isso, definindo o que uma sociedade, tem-se nesse modelo, uma definição extensiva àqueles que a compõem. Isso torna a sociedade, enquanto uma categoria analítica, algo da ordem do autoexplicativo e obsoleto, pois pouco permite “ver” as interações. Aliás, o foco ali não está associação, mas em quaisquer formas coletivas, dela resultante (Strathern *et al*, 1996; Latour, 2008).

Essa tendência de recuperar a ideia de social como associação – especialmente no resgate dos trabalhos de Gabriel Tarde, tem se ligado a outros debates contemporâneos que tendem a dissolver a “força dessas categorias”. Cite-se, por exemplo, os trabalhos de Marilyn Strathern, de Roy Wagner, de Eduardo Viveiros de Castro, aqui elencados como porta-vozes de certas tendências contemporâneas, onde se privilegia as conexões entre as mais diversas entidades. Entende-se, assim, que o “social” ou “sociedade” não são domínios, mas sim movimentos, entre pessoas, coisas e animais.

Nesse ínterim, veja-se, talvez por simples coincidência, talvez por considerações que vão se complexificando em nossos debates, a paisagem temporal em que se começa a reconsiderar a composição disso que chamamos de social, não é muito distante - é em fins dos anos de 1970 em diante que aparecem críticas como aquela d’A *Vida de Laboratório*

(2006 [1979]) ou de *Jamais Fomos Modernos* de Bruno Latour (2005 [1994]), como também aparecem as monografias de Philippe Descola sobre os Achuar e suas considerações ecológicas (1986), de Eduardo Viveiros de Castro sobre os Araweté (1992 [1984] a partir do qual com Tânia Stolze Lima, mais tarde, ele vem a discutir o *perspectivismo ameríndio*, ou os ensaios sobre humanidade e animalidade de Tim Ingold (1980, 1994) e tantos dos trabalhos aqui mencionados.

De lá para cá, especificamente no que diz respeito novamente às considerações em torno dos animais, testemunhamos hoje novas formas de integração entre eles e os humanos, e no entendimento Manceron & Roué (2009), as suas relações podem nos auxiliar na compreensão de movimentos locais e globais, avanços e campos de disputa das ciências, economia ou política. Os animais servem de denominador comum em um mundo heterogêneo, e tanto os coletivos quanto os indivíduos se definem e constroem suas relações uns com os outros a partir deles (Manceron & Roué, 2009). O debate natureza/cultura, sabemos, é ponto fundamental ou uma questão clássica na antropologia. Em grande medida, também o é, aqueles que tratam mais especificamente dos humanos e dos animais. No entanto, nesses trabalhos mais recentes, natureza e cultura, humanidade e animalidade, seus limites, suas bordas, tem como “aditivos”, a consideração da agência não humana, como também preocupações políticas e sanitárias ou o questionamento de limites éticos e jurídicos. Assim, por exemplo, seguem as preocupações recentes com zoonoses, como é o caso da gripe aviária (H5N1) ou a gripe suína (H1N1) que atravessam fronteiras geográficas e de espécies e se tornam mote para a abertura de novas frentes antropológicas, conforme sugere o antropólogo francês, Frédéric Keck (2010, p.13):

Les maladies animales expriment ainsi des transformations dans les relations entre les humains et les animaux, qui son constitutives de la façon dont les humains pensent et agissent sur le environnement. L'anthropologie contribue alors à une recomposition des problèmes de santé publique qui intègre les changements écologiques.

Aqui, é interessante notar que a questão não se limita à proteção e cuidado do animal - ela diz respeito, igualmente, à proteção do homem - há uma tradução em jogo. Isso aparece, quando por exemplo, o reconhecimento da importância de Associações Protetoras dos Animais, como no caso da APAD, aparece com o entendimento de que ela presta serviços que podem prevenir doenças que podem atacar os humanos, como a raiva canina, por exemplo. Nas suas campanhas de controle populacional de cães e gatos, sempre em destaque nas suas mensagens de e-mail ou do *facebook*, apareciam informações sobre a saúde do animal: “já fui vermifugada”, “estou castrado”, “não tenho pulgas ou sarna” ou “estive bastante doente, mas já não ofereço mais riscos. E isso era decisivo para reconhecer o seu valor enquanto instituição e dar seguimento ao seu intuito de encontrar “um lar” para aqueles animais “tão humanos”.

A APAD - Associação de Proteção aos Animais Desamparados, de Rio do Sul, que começou a tomar corpo a partir de 2007. Trata-se de uma organização civil, não governamental e sem fins lucrativos e que desde então serviu de modelo para a criação de outras APADs nos municípios do entorno. Como missão, ela se presta a “dedicar-se a proteção dos animais domésticos e/ou domesticados, combatendo os maus-tratos, incentivando a adoção e o controle reprodutivo, através da educação da população quanto à posse responsável”. Já como visão, ela pretende “despertar na sociedade uma nova consciência na relação com os ani-

mais”⁶.

Para dar maior visibilidade às suas ações, a estratégia utilizada por essa entidade foi a de fazer uso, primordialmente, de redes sociais, como *orkut* e o *facebook*, além da comunicação por e-mail. Com frequência, eu - e uma mala direta com mais de 13 mil contatos, passei a receber mensagens apresentando animais de estimação que haviam sido abandonados ou encaminhados para a adoção, e aos poucos o seu trabalho foi se tornando reconhecido. À medida que o trabalho da APAD se tornava familiar entre a população, eles passavam a ela a responsabilidade de dar destinos aos animais que não eram mais de seu desejo. Isso acontecia também entre as *pet shops*, pois alguns donos, depois que percebiam que seus animais necessitariam de maiores gastos em tratamentos de saúde, optavam por deixá-los à disposição da associação, caso não fosse conveniente a eutanásia. Para isso, outra estratégia de abordagem que a APAD faz às pessoas é o emprego da sensibilização, fazendo parecer que se trata do próprio animal encaminhando as mensagens, pedindo proteção, carinho e cuidado:

⁶ Cf.: APAD - Rio do Sul <<http://www.apadrs.com/apad/missao-e-visao/>>. No ano de 2009, eu fui procurado para orientar um Trabalho de Conclusão do Curso de Direito. A acadêmica chegou até a mim por indicações de colegas professores que disseram que eu trabalha com animais. Seu tema foi o animal como sujeito de direito no ordenamento jurídico, e causou repercussão polêmica, especialmente quando um dos membros avaliadores, especializado em Direito Ambiental, a contrapôs na sua proposta de que os animais, diferente da forma como aparece no Direito Civil, não deveriam ser uma coisa/objeto, mas sim, favorecidos pelos mesmos direitos que são reservados aos humanos. Seu argumento seguia aquilo que Bernardina (2006, p. 158) bem resumiu como: “loin d’être considéré comme un simple objet, l’animal, ici, est un sujet moral, parfois victime de violence, parfois consentant, jugeable et condamnable à l’instar de son partenaire”. No mesmo mês de sua formatura, a acadêmica fundou uma APAD em Ituporanga, município distante 30 km de Rio do Sul - um pouco antes disso, outra APAD já havia sido fundada em Laurentino, distante cerca de 20 km. Atualmente, essas APADs tem um trabalho bastante consolidado e passam a promover ações conjuntas, como foi a manifestação do dia 22 de janeiro de 2012, em favor da criação de um órgão nacional que responda às denúncias de práticas de maus tratos contra os animais.

Oi, sou a MEG, sabe como foi a minha virada de ano? Muito ruim. Eu não tinha onde morar e nem o que comer, fui abandonada na Itoupava, em Rio do Sul - SC. Fiquei desesperada, sozinha não encontrava ninguém na rua, não passava nenhum carro, ninguém me ajudou. Sou uma bebê, ainda não sei andar certinho nas estradas, não sei fuçar para encontrar comida, não sei encontrar água... Sou muito serelepe, adoro brincar, quando eu for adulta, acho que terei porte entre pequeno e médio. Já fui vermifugada. Me adote, preciso de um bom lar, onde ganhe tudo que o é necessário para minha sobrevivência: comida, água, uma casinha e muito amor. Não quero viver amarrada em uma coleira e saberei ser grata a sua generosidade (“Adote Meg”. E-mail enviado pela APAD, em 4 de janeiro de 2011)⁷.

O e-mail para adoção de Meg é apenas um exemplo emblemático dos muitos que chegam, com uma frequência média de dois por semana. Na mensagem é possível notar, a humanização da cachorrinha, o apelo à emoção e comoção, especialmente com as fotos em anexo, que como na maior parte das mensagens, denotam o sofrimento e tristeza do animal.

Em julho de 2011, a Câmara de Vereadores aprovou o pedido de “utilidade pública”, reivindicado pela associação na busca por se tornar uma ONG. Mas, o que se tornou perceptível nesse pouco tempo de atuação é o reconhecimento que a população atribui ao seu trabalho. A APAD de Rio do Sul é uma jovem referência no que diz respeito a um movimento de “humanização” dos animais.

Eles também são gente. E a APAD trata eles assim. Eles recolhem os animais abandonados da rua, dão a eles proteção, cuidados médicos e encaminham para pessoas responsáveis, que sabem valorizar a vida desses pequenos (Nil-

⁷ Como organização geral do trabalho, eu fiz algumas opções. À propósito das “falas transcritas”, eu fiz adequações, tal como, a substituição de “né Jean” por “não é Jean” ou “tá aqui”, por “está aqui”. Em todo o trabalho, os nomes de todos os participantes da pesquisa foram alterados. Muitos não viam qualquer necessidade disso. No entanto, há determinados diálogos ou acusações que são trazidos para ele, que dadas as dimensões geográfica e demográfica da cidade de Rio do Sul, alguns sujeitos e debates seriam facilmente identificados. A isso também justifico a opção por não trazer imagens. Logo no início do trabalho eu percebi que a câmera não seria bem-vinda na *pet shop* e somado a minha inabilidade nesse ofício e no de fazer análises desse material, decidi pela sua exclusão.

va, 56 anos, dona de um gato adotado por meio da APAD).

Na perspectiva de Elisabete, uma das fundadoras da associação, o grande ganho com a associação não estava apenas no seu papel sanitário. Eles recolhem animais da rua, vacinam, tratam e especialmente, promovem paradas públicas na praça central da cidade ou no parque para mutirões de castração para controle populacional. O que parece muito bom - e “humano” - do ponto de vista dos humanos - ao menos parece mais humano fazer isso, do que permitir a reprodução descontrolada e o conseqüente abandono nas ruas. Isso, fazia parte daquilo que na perspectiva da fundadora da associação, permitia o reconhecimento dos animais:

Não adianta simplesmente cuidar se não tiver amor e respeito. Uma cidade onde todos tem direitos iguais, inclui os animais. Eles também precisam ter seus direitos respeitados, precisam de reconhecimento. Nossa vida não é mais nada sem eles - eles não dão o afeto de que precisamos, salvam as nossas vidas (Elisabete, presidente da APAD de Rio do Sul).

Enfim, de uma maneira geral, mas com sentidos particularizados, tais discussões pulsam sobre o enfrentamento do eixo natureza/cultura, com suas doses bem medidas de desconstrução e reconstrução de identidades e estatutos, e se abrem em novas frentes, especialmente naquelas envolvem políticas públicas, biossegurança ou proteção tanto dos animais quanto dos humanos. Isso envolve, inclusive, grandes organizações mundiais, como a *Organização Mundial da Saúde - OMS*, a *Organização da Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação - FAO* ou a *Organização Mundial da Saúde Animal - OIE*, que tem insistido na necessidade de vigilância so-

bre os animais, na tentativa de antecipar as crises sanitárias resultantes das zoonoses.

Assim, na antropologia, segundo Keck (2009a, p. 04), nós temos, urgentemente, a necessidade de conhecer as relações entre humanos e animais em diferentes contextos, onde se efetua essa vigilância. Segundo o autor, as normas internacionais de biossegurança, não podem ser aplicadas sem que se leve em conta o seu impacto e aceitabilidade, nos casos profissionais ou de afeto sobre os animais. Por conseguinte, para ele, o lugar da antropologia nesse debate se define nos seguintes termos:

L'anthropologie sociale permet de comprendre que ces relations quotidiennes aux animaux ne sont pas des obstacles aux normes internationales de biosécurité mais peuvent être considérées comme des formes de savoir avec lesquelles des traductions et des co-constructions sont possibles. Il s'agit de mettre en rapport à l'intérieur d'un même espace de rationalité sanitaire les relations aux animaux d'un éleveur, d'un observateur d'oiseaux, d'un vétérinaire ou d'un consommateur dans différents contextes. Pour cela, les méthodes de l'anthropologie sociale, fondées sur l'étude intensive d'un terrain et la pratique rigoureuse de la comparaison, peuvent compléter utilement celles de l'épidémiologie ou de l'écologie⁸.

O olhar do antropólogo às crises sanitárias, aos movimentos de proteção dos animais ou às políticas de regulação do seu consumo, não tem exatamente seu foco direcionado aos mecanismos técnicos que os

⁸ Essas discussões aparecem em “La Surveillance des Animaux: de la santé publique au soin des vivants” - Projeto de Pesquisa apresentado por Frédéric Keck (2009b, *mimeo*), pesquisador do CNRS, no quadro da *équipe de recherche* “Relations humains/animaux: questions contemporaines” do Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France à Prefeitura de Paris, em edital público, no ano de 2010. Como integrante do projeto e da equipe, eu sou responsável pelo tratamento de questões relacionadas à biomedicina nas clínicas veterinárias do sul do Brasil.

constituem, mas às reações que eles provocam entre e nos coletivos (Keck, 2009b). Mais que isso, essa virada animalista na antropologia, não vê o animal como aquilo que provoca reação ao social, mas como aquilo que também o compõe. Incluindo-se a exigência de certas *promessas* de que o nosso trabalho pode contribuir para a sua defesa e reconhecimento.

1.2 Promessas de um Projeto

Era outubro de 2008. Naquele mês, aconteceria na UFSC as *Jornadas Antropológicas* - um evento promovido pelo PPGAS. Tratava-se de um ciclo de apresentações, mesas e debates, que envolveu os alunos e os professores - todos imbuídos de apresentar trabalhos em desenvolvimento, experiências de campo ou temas diversos que fizessem aparecer as produções do programa. Havia uma chamada para “trabalhos em andamento”, e eu me propus a apresentar algumas linhas gerais do que eu projetava. Levei algumas inspirações teóricas, alguns dados dispersos e muitas perguntas, sob o rótulo de “Jamais Fomos Humanos: as pet shops e a ANT” - resultado de um trocadilho que Haraway (2008) faz com Bruno Latour, em um trabalho em que ela trata, por alto, de relações entre homens e animais.

Não havia uma prévia definição de GTs, de modo que os trabalhos recebidos seriam todos separados por temas depois de findado o prazo de envio. Como exigia o protocolo, seguido do título, eu enviei por

e-mail o resumo do trabalho, com suas respectivas palavras-chave:

Resumo: Qual o estatuto, em termos de agência, que animais de estimação, tecnologias e humanos podem ter na composição daquilo que mais amplamente tratamos na antropologia por relações “sociais”? Neste trabalho, procuro apresentar alguns dos aspectos centrais de minha proposta de pesquisa de doutorado, ainda em elaboração, na qual eu proponho uma etnografia em *pet shops* e clínicas veterinárias, com intuito de fazer uma reflexão sobre os modos de identificação e relação entre humanos e não-humanos, em especial focando-me no uso de tecnologias para animais de estimação. Com efeito, nos limites do trabalho aqui proposto, procuro fazer dialogar um evento registrado em meu “pré-campo” nestes espaços, com a proposta de releitura mais recente da *Actor-Network-Theory* (ANT) especialmente como tem sido tratada por Bruno Latour nos últimos anos.

Palavras-Chave: Tecnologias; Animais de Estimação; Relações entre Humanos e Não-Humanos; *Actor-Network-Theory*.

Passado algum tempo, minha amiga havia me dado detalhes dos problemas renais de sua cachorra, e empreguei aquilo como o elemento empírico da minha apresentação. Na verdade, ainda como rascunho de um projeto que só viria a ser qualificado cinco meses depois, minha ideia era afinar direções, ouvindo dos participantes as suas sugestões para o tema. Por alto, eu mostrava que queria seguir à risca a proposta “teórico-metodológica” da ANT em uma *pet shop*, propondo-me a rastrear e descrever associações entre humanos e não-humanos, dando ênfase naquilo que desde o início havia me prendido a atenção pelas conversas com minha amiga - o uso de tecnologias biomédicas em favor da saúde e da estética daqueles animais.

O trabalho foi aceito, contudo, ele seria apresentado em um GT intitulado “*Subjetividades, Movimentos Contemporâneos, Políticas Públicas e Sociais, Justiça e Direitos Humanos*”. O número de grupos não era grande, dadas as proporções do evento. No entanto, a mensagem que seguiu como explicação para esse direcionamento, tornava aquilo um pouco mais interessante: “tem vários trabalhos que abordam a violência e os Direitos Humanos, isso pode te ajudar com a tua pesquisa e tu podes contribuir, mostrando o que se faz com os animais”.

A mensagem colocava em evidência alguns pressupostos, especialmente aquele de que o meu “objeto” seria a violência praticada contra animais de estimação. Da mesma forma, deixava implícita a ideia de que eu era motivado à pesquisa por ordem de alguma espécie de inclinação humanística ou ecológica, que me fizesse ver nos procedimentos médico-veterinários algum tipo de mau trato ou violação aos seus direitos. Dessa feita, numa atividade eminentemente política, eu deveria me engajar, como muitas das vozes daquele GT, às vozes daqueles “oprimidos”, por quem, supostamente, deveríamos lutar em favor, na qualidade de cientistas sociais.

Como se sabe, aproximações e diferenciações entre *pesquisa de ponta ou aplicada* e *pesquisa fundamental* já somam longa data e se forjam mais intensivamente nas Ciências Naturais ou na sua relação com as Humanidades ou a Filosofia. Como sugere Latour (2001b, p. 11), essa controvérsia por si só levanta questões problemáticas, especialmente naquilo que se refere como demanda: “comment se crée, se constitue cette fameuse demande qui serait la fin - le but - de la recherche finalisée?”. É preciso algum prever resultado, uma espécie de *promessa promissória*, que no caso das humanidades, deve trazer alguma esperança de mundo me-

lhor (Strathern, 2009). Mas se os antropólogos, como problematiza In-
gold (1994), temos a humanidade como o nosso tema mais peculiar;
quais as promessas eu deveria fazer aos animais de estimação? Seriam
todos eles, à moda do Joujou de Freyre, algo que não apenas um animal,
mas fidalgos, vitorianos ou astuciosos, quase gentes de família?

Àquela altura, parecia que alguns deles sim - digo alguns, em refe-
rências aos dignitários mercedores de distinções: os animais de estima-
ção. De inúteis do passado, passam a membros da família, com mimos e
títulos próprios de gentes, e hoje são considerados sujeitos de direito ten-
do suas vidas qualificadas e prolongadas a partir de tratamentos que en-
volvem milagrosas tecnologias de ponta. Isso tudo acionou chaves que
me permitiram dar uma direção ao trabalho - mas para isso, eu sentia a
necessidade de ir até algum lugar específico, do qual eu presumia que
fosse possível acompanhar o uso de tecnologias em favor da saúde e esté-
tica desses animais.

Como havia uma clínica a poucas quadras da minha casa, eu fui
até ela com esperanças de que permitiriam que eu a incluísse em meu
trabalho de campo. Mas quando cheguei, fui questionado sobre o que eu
queria fazer naquele lugar sem levar um animal comigo, e sem querer
pagar por uma consulta. Saí de lá apenas com um cartão na mão, depois
de ser dispensado com a desculpa de que o veterinário não dispunha
mais de agenda no dia.

Por erro ou precaução, eu liguei no dia seguinte para outro esta-
belecimento, expliquei meus interesses de pesquisador e tentei agendar
um horário com o veterinário. Novamente a dificuldade: a pessoa que
me atendeu disse que consultaria a direção, pediu meu telefone de con-
tato, e me fez a promessa de que retornaria em seguida. Passou-se dias e

semanas, e como não houve retorno, eu tentei novamente, dei uma nova explicação rasa do que queria fazer, dizendo-me interessando nas relações entre humanos, animais e tecnologias, mas o desfecho seria um trivial “entraremos em contato contigo mais tarde, o diretor ficou de ver”. A mesma resposta ensaiada eu ouvi outras duas vezes, em novas tentativas. Por fim e sem aviso, eu fui até o estabelecimento. Lá, quem me recebeu foi a pessoa que atendia minhas ligações - coloquei um cordial sorriso no rosto, estendi a mão e me apresentei como aquele te vinha telefonando, por conta de uma pesquisa. Eu não poderia esperar melhor resposta do que um espelho do mesmo sorriso me recebendo com o “íamos mesmo te ligar, já falei com o diretor”.

A recepcionista era estudante de enfermagem na UNIDAVI, e mesmo sem ter sido minha aluna, ela me reconheceu e foi dizendo que não imaginava que eu me interessava por isso. Um isso que soou vazio, e que antecipou o não do veterinário - afinal, o que haveria de ter para um antropólogo numa clínica veterinária?

Não tínhamos, eu e o veterinário, qualquer proximidade, mas ele também era professor na mesma instituição que eu. De início pensei que isso facilitaria minha entrada na clínica, mas ele logo daria todas as pistas de que não me queria por lá: “recebo estudantes de veterinária, alguns de bioquímica ou análises clínicas. Mas antropólogos não. O que fazemos aqui é bastante técnico e exige formação específica”.

Eu voltei a explicar o que me levava até lá, mas ele foi inflexível. e eu não insisti, pois o meu desgosto já era maior que a minha paciência: eu havia chegado por volta das 13h30 e só seria recebido depois das 17h, quando a última consulta terminou. Ao longo da tarde eu havia me sentado em um sofá desconfortável na recepção, perto de um ar-condicio-

nado barulhento e pouco eficiente para uma tarde de janeiro; juntandose à sinfonia, uma daquelas campainhas acionadas por movimento que anunciam a chegada de clientes, não parava de tocar. Não que entrassem tantos clientes assim na *pet shop*, mas uma cachorrinha adotada pela esposa do proprietário corria de um lado para outro: subia nos meus pés, lambia meus dedos à mostra na sandália; ia para fora, voltava, repetia os lambidos, ia para fora: “dim dooom, diiim dom, dim dom, diiim dooom”, a campainha soando o tempo todo.

Pessoas entravam com gatos ou cães no colo e falavam sobre novidades da cidade, mas a bem da verdade, por algum tempo, o que mais me prendeu a atenção naquelas horas intermináveis, foi a conversa entre a esposa do veterinário dono da clínica e um representante comercial de produtos *pet*. Enquanto ele anotava os pedidos em um *palm top*, ambos reclamavam do aumento do preço de alguns manufaturados importados, em função das instabilidades econômicas resultantes da crise imobiliária norte americana - o repasse dos novos valores ao consumidor final seria certo. Enquanto falavam, eu imaginava o que mudaria naquela tabela de preços, exposta às costas da recepcionista, em ordem alfabética: banho, limpeza de tártaro, massagem simples, massagem chinesa, massagem indiana, *SPA*, tosa parcial, tosa completa; cirurgias, exames toxicológicos, patológicos, laboratoriais, ultra-sonografia, raio-x, internação simples ou em UTI, partos naturais ou cesáreas; hospedagem (hotel) e serviços funerários. Os preços, para eu que não era familiarizado com *pet shops*, era muito alto, e num exame de consciência, eu punha dúvidas qualquer altruísmo meu para “salvar” algum desses animais. Isso gerava em mim uma certa angústia, especialmente quando eu pensava nas repetidas preocupações que eu ouvia e discutia à respeito dos bem estar dos ani-

mais - e então eu me perguntava se valeria à pena mesmo passar os próximos meses sentindo aquele cheiro de rações e pulgas e ouvindo aquelas histórias das travessuras daqueles quase-gente, meio-bichos. Talvez eu não fosse o melhor portador das boas esperanças.

Junto daquele quadro de preços, um cartaz da APAD, com fotos de cães e gatos destinados à adoção, presas por percevejos. Por fim, vira e mexe, um coral de latidos que vinha do fundo da loja se misturava àquela orquestra toda, completada ainda pelo som ruim de uma estação AM mal sintonizada. Era o “dim dom, dim dom”, as conversas, os lambidos e Zezé di Camargo e Luciano cantando com interferências.

Então, lancei minha última tentativa com o veterinário: “eu entendo a necessidade de formação específica, mas meu intuito é o de acompanhar os procedimentos - eu quero pesquisar relações entre humanos e animais”. Ele me olharia de alto novamente, e me diria que o CRMV não concordaria com isso, afinal eu estaria acompanhando procedimentos médicos. Até aquela altura ele não me olharia de frente. Separados por uma mesa babilonicamente mal organizada, ele se balançava em uma cadeira de couro olhando em direção a uma parede lateral. Eu não tiraria meus olhos dele ou da sua gravata azul com vermelho em listras intercaladas em diagonal, que aparecia na folga da gola do seu guarda-pó branco, e desconfiaria de que as preocupações de meus colegas no GT à respeito da violência contra os animais tinha algum fundo de razão - afinal, porque tanta dificuldade em me deixar acompanhar os procedimentos da clínica?

“Sabe rapaz, coisas da medicina, seja ela veterinária ou não, requerem cuidados éticos sérios - não dá pra abrir as portas assim. *É proibido*”, continuou ele. Eu responderia que estava ciente disso e que no mais

de tudo, tratava-se de uma pesquisa acadêmica - que inclui nos seus procedimentos, o rigor ético, e acrescentei que desconhecia proibições dessa ordem, que impedissem a autonomia da ciência. Tive impressão, pelos seus gestos e semblante, que aquilo havia o incomodado, até que depois de uma pausa em silêncio, ele concordou que eu ficasse apenas na recepção, contanto que eu seguisse uma lista de exigências que incluía uma cópia do projeto assinado pelo meu orientador, um TCLE, e a assinatura de um termo que me impedia de falar diretamente com os clientes, salvo pelo intermédio de sua esposa, que o auxiliava nos procedimentos clínicos e na administração. Seguindo isso à risca, ele ainda me permitiria, conforme sua promessa, analisar alguns prontuários que ele mesmo selecionaria. Em seguida, ele terminaria sua fala virando-se em minha direção e levantando-se com a mão estendida, deixando claro que meu tempo com ele já havia se encerrado. Agradei e não voltei mais.

Passado um bom tempo, eu e a recepcionista conversamos na lanchonete da UNIDAVI. Ela havia notado minha desistência e justificou a atitude do veterinário: ele desconfiava que eu fosse um ecologista, especialmente disposto a denunciar alguma prática que estivesse causando desconforto ou sofrimento aos animais. Quando Ana me confessou isso naquela tarde, achei graça. No entanto, era interessante notar que mesmo um projeto de pesquisa já havia sofrido transformações que o colocavam desde o pólo do altruísmo e engajamento, próprios de um ativista dos “pobres animais indefesos”, até como peça de um jogo reacionário e político de um membro de alguma ONG pró-direitos dos animais, do qual era preciso se defender. Parecia mesmo que as promessas de um projeto das humanidades deveria incluir *outros humanos* - aos poucos, à própria moda ANT ele sofreria efeitos e *faria fazer* outros em asso-

ciações heterogêneas, tendo seus objetivos deslocados conforme as leituras e aplicabilidades a ele presumidas - afinal, como já bem se disse (Morales, 2004; Serrano & Argemí, 2005; Callon, 2006), a ciência é uma *rede de atores*.

De toda a forma, o fato é que a preocupação com os animais parece “estar na moda” e além de ONGs ou associações civis, áreas para além daquelas tradicionalmente ocupadas com eles, como a Biologia ou a Medicina Veterinária, tem dedicado investimentos na sua discussão - e isso nos inclui. Desde a literatura sobre as distinções e classificações de homens e animais, chegando aquelas dedicadas aos processos de domesticação ou aos animais de estimação e o seu cuidado, o que passa a ser conjurado é a formação de um novo campo antropológico de estudos, com suas novas promessas para a disciplina.

1.3 A Eleição dos Inúteis

“A América é a terra do cão sagrado”, escreveu Marshall Sahlins. Na defesa do simbolismo à razão prática, ele argumentou que um índio tradicional das planícies, um havaiano ou um hindu, ficariam desconcertados em ver como nós permitimos que cães se procriem em tão grande número sem consumi-los. E no rol dos animais de convívio doméstico, eles e também os cavalos, figuram entre os estadunidenses com suas vidas asseguradas a partir de tabus de restrição do seu consumo em detrimento a porcos, galinhas ou bois. Na sua sugestão, “a diferenciação pa-

rece estar na participação como sujeito ou objeto quando em companhia do homem” (2003, p. 174). Mas isso não é apenas uma questão norteamericana. Desde as classificações totêmicas das graças funcionalistas ou estruturalistas, que entendiam o animal como aquele que poderia ajudar no entimento dos modos como certos humanos se identificam e organizam as suas vidas, ao simbólico Jujou da narrativa de Freyre, os humanos e os animais, formam mais um dos lugares antropológicos bons para se pensar o que afasta e o que aproxima a natureza e a cultura⁹.

As possibilidades de situar os animais nos debates antropológicos é extensa e descontínua, e nesse caso, para os objetivos desse trabalho, eu optei por me deter naquilo que chamamos de animais de estimação¹⁰. Contudo, a questão se torna complexa à medida que essa estima pode ultrapassar os limites daqueles animais com os quais mais diretamente convivemos e tratamos como domésticos, ao passo que nem todos aqueles que são domésticos, são objeto desses sentimentos. Assim, o quanto foi possível, eu selecionei trabalhos que tratavam de animais domésticos entre aqueles que costumamos chamar de “ocidentais” ou “modernos” e dentre esses, aqueles que são mais ordinariamente entendidos como de

⁹ Para modos de classificação totêmica, ver Fukui, 1996; Durkheim e Mauss, 2005; Griaule, 1942; Leach, 1983; Lévi-Strauss, 2003; 2004a; Tapper, 1994. Para o uso de animais como meio para interpretar ou problematizar a cultura, a sociedade ou o homem, ver Bouveresse, 1977; Calmon de Oliveira, 2006; 2008; Digard, 2004b; Douglas, 1994; Ingold, 1994; Jackson 1994; James 1994; Sperber, 1975.

¹⁰ A literatura de origem francesa usa o termo “animal de companhia”, já a literatura anglo-saxã usa o termo “pet” que é traduzido diretamente para a língua portuguesa como “animal de estimação” - como verbo, no inglês, “pet” significa “acariciar”, “mimar”. Ao longo do trabalho, a opção é pelo termo “animal de estimação”, por ser aquele mais comumente empregado entre donos e veterinários no Brasil.

estimação - os cães e gatos¹¹.

Como um conceito que vem da zoologia, a domesticação é um termo que aos poucos foi apropriado por muitas disciplinas e hoje não parece ser mais invocado de maneira unívoca, como o foi, nas ciências naturais. Conforme Denis (2004), na concepção zoológica clássica, a domesticação, tanto de animais como de vegetais, tem um traço comum: trata-se de um *processo contínuo de modulação, por parte do homem*, para o seu serviço ou utilização. Não obstante, os animais domésticos são aqueles que vivem nas habitações humanas ou próximos delas e que lhes servem, em termos de serviço ou suprimento, sendo eles, comumente, os equinos, os bovinos, os ovinos, e aves não voadoras, como galinhas, perus, patos ou gansos. Cães e gatos também fazem parte desse processo, dado que no Ocidente, eles serviam primordialmente para guarda, caça ou mesmo tração, como é o caso de alguns cães em regiões polares.

No entanto, uma definição antropológica que atendesse o termo domesticação, era uma busca que não me trazia mais do que pequenas variações dessa ideia zoológica, à diferença de responderem por contextos antropológicos específicos. Digard (1990, p. 102-103), em um clássico sobre esse tema, *L'Homme et les Animaux Domestiques*, situa bem essa questão. No entanto, para ele, e diferentemente daquilo que vem das ciências naturais, esse processo é entendido como “interação” e não como “ação unívoca ou unilateral” do homem sobre animais ou plantas, envolvendo a negociação e, mais diretamente o investimento humano no cultivo da

¹¹ Na Loja de Marcos, eram atendidos preás e outros roedores, mas em número tão pequeno, que decidi não considerar no trabalho. Há que se problematizar, também, que pequenos répteis como camaleões ou lagartos são criados como animais de estimação - isso ainda inclui cobras e aranhas. Imagine-se então ideia de considerar outros animais domésticos, como baratas, alguns percevejos ou cupins. Na loja, o discurso de Marcos era o de que isso “não é certo”.

planta ou da modulação de comportamento do animal:

Toute tentative pour définir la domestication autrement que comme interaction de l'homme et de l'animal, selon des modalités diverses en fonction des contextes, me semble en tout cas comporter un risque majeur, celui de faire diversion et d'occulter ainsi la logique profonde, essentielle et constant du phénomène, quelle que soit la variété des formes et des aspects que celui-ci peut revêtir. Et cette logique - n'en déplaise à nos modernes "amis des animaux", j'entends déjà, en écrivant ces lignes, protester de la pureté de leurs sentiments! - est une logique de pouvoir et/ou de séduction de l'homme sur l'animal s'exerçant dans un contexte de négociation permanente entre les deux partenaires. Malgré leurs incertitudes, les connaissances éthologiques évoquées ci-dessus montrent en effet que l'animal "domestique" est un sujet, qui présent - notamment par rapport à son homologue végétal, la plante cultivée - une spécificité incontestable, une sorte de "plus", qui implique, en contrepartie, un investissement supplémentaire de la part de l'homme".

Alguns animais, como baratas, moscas, crocodilos ou rinocerontes, talvez sejam muito animais, e não servem para serem humanos. Outros, por inversão, talvez sejam (biologicamente) humanos demais, como é o caso de alguns primatas - que são geneticamente, muito mais próximos do homem do que cães ou gatos. A questão é saber quando e onde aparece "o plus", de que trata Digard (id.), que permite algum investimento especial.

Em outra medida, outro traço comum nos trabalhos antropológicos onde a domesticação é invocada, o seu entendimento é o de que se trata de um processo de "aproximação do social ou humano" e, por conseguinte, "distanciamento do natural". E como bem pontua Descola (2005), essa passagem gera um incômodo classificatório - uma figura

liminar, que não se acomoda mais perfeitamente no “mundo natural” nem no “mundo social”. Um exemplo disso são as constatações desse autor (2006, p. 111-112) à respeito da posição do cão entre os Achuar, nas Terras Altas do Amazonas: “na intersecção do natural com o cultural, do masculino com o feminino, do social com o bestial, o cão é um ser composto e inclassificável”. Ele é objeto de cuidado das mulheres e torna-se, ao mesmo tempo, sujeito de projeção simbólica de suas aptidões de cuidadora da casa, se estiverem bem cuidados, é claro. Porém, ali, ele não é o único animal a constituir a domesticidade, a qual é dividida com outros animais, órfãos de caça, como pequenos peccaris ou macacos, “cujos pais” foram mortos pelos homens da casa e que em respeito e em dom com os espíritos dos animais da floresta, levam os filhotes para o convívio doméstico, com fins de cuidado como os atribuídos aos demais parentes e afins (Descola, 1998; 2005; 2006; Taylor, 2000; 2001). Com efeito, mesmo podendo deitar na cama ou comer alimentos cozidos, que entre os Achuar não é o caso dos demais animais domesticados, os cães também não cabem “no social”, por não terem distinção entre o puro e o impuro, comendo inclusive os próprios dejetos ou desrespeito as interdições de incesto, ao se cruzarem com a sua prole (Descola, 2006)¹².

Por outro lado, naquilo que a antropologia já chamou de sociedades camponesas a domesticação é tomada como essencialmente utilitária, seja em termos de mão-de-obra, consumo ou economia (Digard, 1999b;

¹² A ideia de “figura liminar” da qual se refere Descola (2006) aparece também em trabalhos onde as relações entre o homem e a natureza é tratada muita vezes de maneira “mais natural”, como em alguns trabalhos sobre grupos amazônicos ou árticos. Ali aparece uma espécie de “simbiose” ao se conjurar um tipo de mundo, nem tão social, nem tão natural: plantas e animais são mantidos em “estado selvagem”, mas compondo relações sociais do tipo *ecológicas*. Ver especialmente trabalhos que tratam de sociedades de caçadores e coletores, dos quais se diz não transformarem o meio ambiente, mas participarem dele (Sahlins, 1970; Ingold, 1974; 1983a; 1983b; 1986; 2000 - especialmente 1980.)

Wolf, 1976) - animais de tração, guarda, caça ou consumo. Nestas bibliografias, parte das discussões aparece preocupada com o que é nelas chamado de uma espécie de “totemismo moderno”, pelo fato de aparecerem restrições alimentares de certos tipos de animais ou plantas que não são de ordem propriamente religiosa, mas sim de proximidade e distância, *grau de utilidade*, familiaridade ou mesmo do estatuto assumido por estes animais (Leach, 1983; Audoin-Rouzeau, 1995; Sahlins, 2003; Digard, 1990, 2006; Poulain, 2006).

Essa ideia de grau de utilidade ou diferenciação entre animal “domesticado útil” e “domesticado inútil”, é uma das chaves que permitiu mais um avanço no afinamento das literaturas no caminho dos animais de estimação. Aliás, para Digard (1990, p. 116), a inutilidade é um termo controverso, mas é justamente aquele que vai marcar o lugar do animal de estimação no seus sentidos mais contemporâneos: o lúdico, o simbólico ou o sentimental, em desfavor do econômico ou utilitário. Segundo ele,

certaines utilisations d’animaux domestiques posent des problèmes particuliers d’un grand intérêt. Ce sont, en général, toutes celles dont la logique n’est pas d’abord économique. Je pense notamment ici aus utilisations symboliques ou religieuses (en vue de sacrifices), ludiques ou sportives (combats ou spectacles d’animaux, courses), pour l’ornement ou la compagnie (oiseaux de volière ou de cage, nombreux animaux dits “familiers”).

Para o autor, o interessante é que alguns desses animais ditos então “inúteis”, especialmente os cães e gatos, passam a ocupar na época moderna os mais altos postos da afeição do homem. Acolhido dentro dos lares, eles tornam-se íntimos, recebendo mimos ou compartilhando dos

mesmos alimentos que os seus companheiros humanos. Mesmo onde há cães que fazem a vigia da casa, estes não tem tratamentos equivalentes: mesmo “úteis”, eles vivem na rua, comem restos de mesa e não são objetos da mesma afeição (Digard, 1990, comentando Thomas, 1985¹³). Hoje, no entanto, segundo Desnoyers (2003), o animal doméstico, especialmente o de estimação, como aquele que deveria receber proteção e afeto dos homens, à margem disso, é muitas vezes tomado como um acessório de moda, signo de distinção e esnobismo. Inserido no núcleo das famílias, substituindo os filhos ou se tornando um de seus brinquedos, eles sofrem pelo excesso de carinho, ao passo que revelados como simples objetos, são cada vez mais facilmente abandonados. Nesse ínterim, aparecem as organizações dispostas à sua proteção e cuidado, sugerindo responsabilidades jurídicas com esses animais.

Atentando para as sensibilidades cidadinas, Hodak (1999) mostra como os animais marcam espaços nas grandes cidades francesas dos fins do século XVIII: a presença de animais de carga, de cães errantes ou de insetos, definem áreas comerciais, industriais ou “nobres”, e com eles aparecem também as preocupações com os cheiros os seus cheiros, dejetos ou com a circulação de doenças. Nesse caso, especial atenção aos cães, que passam a ter de usar coleiras identificadoras, tornando-os responsabilidade jurídica. Ao homem, que deve então reservar-lhes os espaços domésticos, cabe a regulação do animal e a responsabilidade pela sua higiene e a dos espaços públicos.

A responsabilização jurídica sobre o animal apresenta desde então maior complexificação ao debate sobre o seu estatuto. Segundo Agu-

¹³ THOMAS, K. **Dans le Jardin de la Nature**: la mutation des sensibilités en Angleterre à l'époque moderne (1500-1800). Paris: Gallimard, 1985 - citado por Digard (1990).

lhon (1981), é no início do século XIX que apareceram na França as primeiras formas de manifestações para aumentar a proteção dos animais domésticos por parte de seus donos. Segundo o autor, isso era uma “violência menor”, que se bem tratada, refrearia uma “violência maior” contra baleias ou elefantes, genuínos exemplos de uma “fauna selvagem” que eram objeto de caça ou captura. Mais que isso, essas campanhas em favor da proteção dos animais sugeriam algo de ordem maior: “a proteção dos animais carece de ser uma pedagogia, e a zoofilia a escola filantrópica. Isto é um problema de relação com a humanidade e não de relação com a natureza” (Agulhon, 1981, p. 81). Ele conclui, que para a época, era complicado impor proibições com base em uma suposta ética universal de origem ocidental para dar conta de fenômenos diversos no interior da França: era preciso lembrar que as brigas de galo, as tauromaquias e outros modos de se relacionar com os animais, vistos muitas vezes como violentos, faziam parte de diferenças culturais entre povos e lugares, e não seria possível “desejar que todos fossem jacobinos em um país tão diferente” (id.). De toda a forma, com a invocação teológica de que “todos somos filhos de Deus”, o animal passou a receber um estatuto de igualdade ou equivalência com o homem (Bernardina, 1991; Pelosse, 1997). Para a prática da caça, por exemplo, era preciso então acionar uma pedagogia da objetificação do animal: não apenas como sujeito jurídico ou moral, mas como sujeito de direitos cristãos, o animal deveria ser transformado em coisa para poder ser abatido, a fim de que o homem pudesse se livrar da culpa pela morte de “um irmão”. Contudo, isso não poderia ser estendido para animais como o cão e o gato, uma vez que estes assumem, além do estatuto de igualdade, um estatuto familiar - e não haveria motivos para se matar um “animal inútil” e ao mes-

mo tempo, objeto de afeição e companhia (Bernardina, 1991; Haudricourt, 1986)¹⁴.

Nesse sentido, desde a aristocracia vitoriana do gato-fidalgo de Freyre, com suas manhas latinas, atitudes francesas ou astúcias italianas, mais de meio século se passou e um novo mundo foi criado. Apareceram a lutas por reconhecimento, os debates morais, as sociedades protetoras. Mais que isso, no tempo Joujou, talvez os cães e gatos morressem de velhos. Hoje, eles são obesos, sofrem com o colesterol, o diabetes, a pressão alta, os problemas renais, e mais recentemente, com a ansiedade e a depressão. Da domesticação, ao afeto e carinho, chegamos às práticas de diagnóstico e medicalização dos animais de estimação - o objeto central dessa tese. Nos próximos capítulos, em atenção a esse interesse eu passo à descrição das práticas dos médicos-veterinários.

¹⁴ Outro elemento complicador dessa da relação homem e animal, aparece nos trabalhos de Pelosse (1981; 1982). Trata-se da discussão entre as nascentes sociedades protetoras dos animais, preocupadas com aquilo que chamavam de “sanguinários” momentos de ritualização e dessacralização dos animais - as caçadas, que “batiam de frente” com os legisladores da época, em geral aristocratas praticantes desses “esportes”. De modo geral, as práticas cinéticas também passam a ser reguladas com períodos e espécies que podem ou não serem seu objeto (Pelosse, 1988). É interessante notar que o argumento da aristocracia francesa da época para justificar o sacrifício dos animais, em parte é invocado em outros contextos, mesmo mais contemporâneos, como as tauromaquias espanholas, que numa definição de Leiris (2001), faz aflorar sentimentos passionais intensos e eróticos, entre o animalesco e o emotivo, escondidos em nós mesmos. De maneira mais culturalista, trata-se de uma espécie de revelação de uma identidade (cultural), em que as próprias pessoas podem se espelhar e se constituir (Geertz, 1989; Serra, 1993). Mais recentemente, a discussão aparece sob a forma do estatuto ético, moral e jurídico dos animais. No Departamento de Filosofia da UFSC, por exemplo, há um núcleo de ética e política, onde um grupo de pesquisadores, liderados pela Profa. Sônia Felipe, discutem o estatuto dos animais, desde a filosofia ao campo jurídico. Esses trabalhos, em especial trazem a inspirados dos filósofos Tom Regan e Peter Singer, conhecidos pela luta pelo Direito dos Animais (Tréz, 2008; Segata & Vicenzi, 2011).

Os Custos da Humanidade

Decididamente, não era bem o que eu esperava encontrar. De um lado, prateleiras cheias de medicamentos desordenados, com seus preços indicados à caneta, em pequenas etiquetas brancas que dividiam o espaço com brincos, pulseiras e colares de bijuteria. De outro, o aceno do auxiliar, que detrás do balcão negociava por telefone o valor das diárias da internação de um cachorro. Em meio a isso, o cheiro forte de urina, fezes, pulgas e o olhar pouco amistoso do veterinário que me receberia em seguida com seu guarda-pó recém manchado de sangue, e que se apresentaria como Marcos.

Por tudo, roupas para cães e gatos. Eram saias, calças, bermudas, camisetas ou fraldas. Em algumas, estampas do *Papalégua*, do *Coyote* ou dos *101 Dálmatas*. Outras com pequenas flores e corações, misturadas às *As Meninas Super-Poderosas*. Sapatinhos, lacinhos e pregadores de cabelo, gravatas borboleta, mantas de lã, participavam do cenário, ao lado dos ossos de borracha - azuis ou verdes ou com “cor de osso”. Junto deles, ossos verdadeiros defumados com um pouco de carne escurecida nas bordas, embalados como “bovino”, “suíno”, “tipo calabresa”, “sabor queijo” ou “doce”. No canto adjacente, absorventes íntimos, calcinhas, fraldas e cotonetes dividiam espaço com *shampoos* para cabelos normais,

ressecados, antifúngos, antissarna, oleosos ou em queda, e mais uma linha completa de perfumaria canina, anunciada por um cão da raça *daschshund* trajando lenço e barrete vermelho na frente da Torre Eiffel.

Nesse capítulo eu reuno elementos que caracterizem a minha inserção na clínica veterinária de Marcos, onde eu passaria mais tempo. Aqui, note-se, ficam evidentes as dificuldades de se trabalhar iluminado pelas provocações da ANT - as de rastrear e descrever as interações, considerando a agência dos não-humanos. Fica aparente a minha insistência em perceber mais a ação do veterinário sobre o animal ou mesmo os efeitos daquele trabalho sobre mim mesmo, como observador afetado, do que as associações entre pessoas, coisas e animais. Consequente a isso, de início, eu ainda não tinha clareza do que fazer naquele lugar, até que aos poucos eu passei a estreitar minha atenção nos modos como eles diagnosticavam e tratavam os animais que chegavam na clínica. Se de uma maneira geral sobressai ordinariamente a ideia de que esses animais em especial são tratados como humanos, eu começava a perceber que essa humanidade e a sua manutenção tinha um custo - refiro-me ao tempo despendido, aos cuidados, os investimentos tecnológicos, às disputas de mercado, e é claro, às implicações financeiras. O objetivo desse capítulo é fazer aparecer essas questões.

2.1 O Baú de Dom Quixote

Cheguei a loja de Marcos por intermédio de uma senhora de

quem eu e minha esposa éramos inquilinos. A casa que alugamos ficava aos fundos daquela que ela morava com seu esposo e seus cães e gatos. Já fazia meio ano que estávamos lá e naqueles dias de verão, às vezes sentávamos num banco à sombra para conversar, enquanto ela olhava a correria dos animais no grande jardim.

Respondendo a uma de suas perguntas, falei um pouco da minha pesquisa - disse que envolvia cães, serviços de veterinária, mas que andava preocupado, pois o tempo estava correndo e eu só havia tido uma primeira experiência um pouco controversa ao tentar conhecer uma *pet shop* com clínica veterinária - ao mesmo tempo em que suscitava questões interessantes na desconfiança sobre minhas intenções, impedia que eu chegasse a um dos meus objetivos, que era o de acompanhar os trabalhos veterinários. Diante disso, ela imediatamente se prontificou a me ajudar, dizendo conhecer um lugar interessante - da confiança dela havia muitos anos. E depois de me abandonar por alguns instantes, ela voltou falando ao telefone, dizendo que “o rapaz” que morava com eles estava procurando um lugar para fazer uma pesquisa, para seus estudos do doutorado. Em seguida, ela desligou o aparelho e disse que eu poderia ir na manhã seguinte à tal “loja do Marcos”.

Logo que cheguei lá, no dia seguinte, fui recebido por Marcos, veterinário e dono da clínica, que me apresentou Paula, sua filha, veterinária recém formada, a quem coube a tarefa de me apresentar o espaço.

– *Então queres fazer uma pesquisa?*, perguntou, estendendo-me a mão.

– *Sim*, respondi.

– *Então fique à vontade, eu vou sair, tenho um atendimento fora daqui. Paula*

e Carlos vão te mostrar tudo. Sinta-se em casa ¹⁵.

Sem mais palavras, eu agradei e ele saiu. Mesmo que a recepção dele tenha sido boa e sem qualquer burocracia inicial, como naquele purgatório da tentativa anterior, eu estava desconfortável, sem saber ao certo o que dizer. Some-se a isso, o esforço imediato de Paula em começar a me apresentar cada cômodo da loja, cada produto ao nosso redor ou cada serviço oferecido por eles. Tudo com tamanha miudeza, ao ponto de me ler composições ou modos de uso de alguns produtos expostos à venda. Talvez fosse uma tentativa de arrancar de mim algo mais do meus “ahams” ou eu não tinha deixado claro que estava disposto a permanecer uma longa temporada por ali.

O lugar como um todo era bem modesto - e sempre me vem à lembrança aquela imagem de que para se chegar ao balcão de recepção, era preciso atravessar, desde a entrada da loja, um corredor formado por rações empilhadas feito trincheiras de um lado, e do outro, uma longa estante encostada em uma parede, onde se podiam encontrar todos acessórios que tanto me prenderam a atenção nos primeiros dias. Na maioria do tempo, quem ficava nessa área era Carlos, o auxiliar geral, há anos trabalhando com Marcos.

Do outro lado do balcão da recepção ficava a porta que dava para uma sala de espera onde os donos dos clientes poderiam aguardar pelo atendimento. Enquanto me fazia segui-la na sua frenética apresentação de tudo, Paula logo me esclareceu que numa clínica veterinária os clien-

¹⁵ Note-se que eu trago no corpo do texto as falas daqueles com quem mais diretamente eu trabalhei, em forma de diálogo direto, fazendo uso de travessões e mantendo as falas, que resultam de uma seleção de diálogos gravados, em itálico. Em outros momentos, aparecem falas tabuladas de maneira diferente no texto. Isso não é uma ênfase em relação às demais, mas sim um diferenciador daquelas que vem de outros momentos, como quando depois de ouvir as gravações, eu voltava a questionar alguém para maiores detalhes ou soluções do que eu considerava “bom para se investir mais”.

tes são os animais e os seus donos, os acompanhantes. Quem é dono, quem é cliente, é uma definição do veterinário - para ele, clientes eram os cães e gatos, mas quem faz levar quem à loja, é outra questão. De toda forma, como muitos donos não gostavam de ver alguns dos procedimentos feitos nos animais, eles ficavam ali para esperar. Havia um certo reconhecimento da sensibilidade daqueles animais - o sangue, as injeções de vacina ou quaisquer movimentos que apontavam para a recusa deles, eram lidos por muitos com quem conversei, como indicativos de dores e sofrimento - e eles não queriam ver isso: “se é para o bem deles, tudo certo, mas é triste ver isso”, era o que dizia a maioria. Era nesse espaço que eu parava para ler as revistas de medicina veterinária que ficavam na estante e conversar com as pessoas que traziam “os clientes”. Dali também, às vezes, eu observava com desconfiança e até preconceito, parte da movimentação na loja - parecia haver padrões: os balbucios de “mamãezinha”, “nenezinho”, “da da da” entre mulheres ou crianças e cães pequenos ou fêmeas (geralmente da raça *poodle*, *yorkshire terrier* ou *shin tzu*), e “garotão”, “lutador”, “pegador” entre homens e seus “amigões” (geralmente cães de porte maior, da raça *pit bull*, *rottweiler*, ou *pastor alemão* ou *belga*)¹⁶. Igualmente, quando apareciam aqueles da raça *daschound*, *golden retriever*, *labrador* ou *akita*, vinham eles acompanhados da família da toda. Eu conversava sobre isso com Marcos e Paula, mas nossas conclusões apontavam para lados diferentes. Enquanto eu dizia que não queria partir para a afirmação de esteriótipos - fossem eles de gêne-

¹⁶ Outra das dificuldades do trabalho, foi a necessidade de aquisição de um certo capital cultural para poder fazer parte do campo - como alguém que não cria cães ou gatos, de início, eu dificilmente sabia reconhecer os animais que chegavam à loja, por suas raças. Trata-se de algo eletivo e distintivo - raças tem preços bastante diferenciados que implicam em marcações como a de poder aquisitivo ou ainda, possuem qualidades anatômicas - tamanho, pelagem - e comportamentais - agitação, calma - que sugerem equivalências de gênero ou estados de espírito dos humanos.

ro, como aqueles da fragilidade da mulher ou da robustez masculina ou de qualquer outra natureza, ambos os veterinários se diziam alegres por eu já conseguir perceber aqueles padrões - e acrescentavam outras variáveis produtoras de sentidos, como o tipo de moradia que essas pessoas tinham ou mesmo suas características psicológicas. Para eles, isso era decisivo na escolha do animal de estimação, de modo que apostavam nessa sistematização, especialmente para vender alguns dos filhotes que sempre tinham na loja. Eu optei por não conduzir meu trabalho por essa via, mas era interessante o modo como as pessoas realmente autoafirmavam essas crenças e se adequavam a esses rótulos. Não raro, mesmo sem que eu fizesse qualquer questionamento nessa direção, eu ouvia histórias como “somos tão parecidas - ela é meiga como eu” ou “cachorro de homem tem que ser grande, forte e macho” ou ainda a de que “optamos por esse, porque é de porte menor, “calminho” - perfeito para o convívio com nossos filhos e para o tamanho do nosso apartamento”.

Era ouvindo essas histórias que eu segui as primeiras semanas - quando não estava brincando com os dois filhotes de *setter irlandês* expostos na vitrina ou anotando frases das recomendações de embalagens de ração - “para dentes pequenos”, “para dietas a base de vegetal”, “sem glúten”, “zero calorias”. Mas tudo isso formava uma espécie de quadro surrealista, com um sem fim de elementos interessantes em particular, mas que justapostos não me produziam muito interesse.

Quando eu percorria os caminhos que Paula traçou na clínica logo a partir do primeiro dia, eu tinha, a partir daquele ponto, a possibilidade de ir para outras duas direções no interior da loja: de um lado, uma sala de operações de pequeno porte - curativos ou outros procedimentos simples, onde eu passaria a maior parte do tempo acompanhando

do os trabalhos. “Podes sempre entrar aqui, sem pedir licença”, foi sua autorização. Havia ali, bem ao centro, uma mesa-balcão para operações, coberta de metal inoxidável, e ao seu redor, banquetas para se sentar. Toda a sala era rodeada de bancadas completamente cheias de todo o material necessário para curativos, exames ou pequenas cirurgias. Eram gazes, tesouras, bisturis, medicamentos em utilização, álcool, anestésicos, agulhas, seringas, tubos, sondas, bolsas de soro, enfim - tudo aquilo que somado ao “cheiro de hospital” deixava claro a qualquer um que se estava em um “espaço médico”. Além da quantidade de utensílios médicos e medicamentos, os lixeiros com seus sacos especiais controlados pela vigilância sanitária ou os quadros de normas para procedimentos seguros passaram a formar um outro olhar sobre aquilo. Talvez pelo fato de eu vir do interior, e ter convivido em minha infância com animais de fazenda, em geral bois ou porcos, soltos no barro e requerendo outras formas de intervenção veterinária, a assepsia do lugar me causava estranhamento - ao menos, eu estranhava que aquela sofisticação e normatização toda fosse despendida para animais. Enfim, para mim ainda não era normal que eles fossem tratados da mesma forma que os humanos.

Anexo a isso, ficava a sala de internações, com suas estantes formadas por grandes gaiolas de metal que abrigavam os animais. Ali sim, eu não tinham dúvidas das minhas lembranças. O cheiro de fezes, pulgas ou urina me faziam lembrar dos estábulos para o gado, que eu conhecia quando garoto - os cães também ficavam por lá, longe de entrarem em casa, e tão perto de um banho quanto qualquer um que andasse na chuva. Esse contraste era marcante - eu não conseguia associar cheiro de hospital à animais. Mas na internação não. Paula logo me avisou que o cheiro ali era sempre muito forte, e especialmente nas primeiras horas da

manhã aquilo era completamente insuportável. Aos poucos, eu fui entendendo que muitos dos animais internados, tinham sérios problemas gastrintestinais e o odor de suas fezes, em geral misturadas a sangue, chegavam a me provocar dor de cabeça ou náuseas. Quase sempre eu evitava aquele lugar.

Na outra direção, cruzando a sala de esperas, eu encontraria a sala de Marcos. Outro contraste - agora, um escritório. O que isso fazia num lugar destinado a animais? Com duas mesas para computador encostadas em diagonal, ele agregava em um pequeno espaço a administração da loja e o atendimento e triagem dos clientes, acompanhados de seus donos. Ao lado, ainda na mesma sala, um pequeno consultório com uma mesa com tampo de granito, onde eram feitos exames preliminares com os cães ou gatos. Na parede às suas costas, um balcão com portas, onde eram guardados mais medicamentos e instrumentos, especialmente para assepsia, curativos ou retirada de pontos. Desse balcão, subiam estantes com muitos livros - algumas coleções, como *A Ortopedia dos Pequenos Animais*, *Cirurgia Abdominal* ou *Fisiologia Animal Moderna*, que eu pegava para folhear, às vezes. Era também de lá que Marcos sempre tiraria um imenso glossário de *Farmacologia Veterinária* para se certificar das dosagens exatas dos medicamentos que administrava.

Enquanto Paula me mostrava a loja, eu ouvia atento as suas explicações e seguia ela com um gravador na mão. Ela apenas pararia, quando minha resposta a uma de suas perguntas foi negativa.

– *Você cria que tipo de animal?*

– *Na verdade, eu não tenho nenhum.* Depois de uma pequena pausa acrescentei, “*mas gosto*”.

Como ela continuava parada, eu continuei.

– *Já tive mais de um cachorro, mas faz algum tempo e também já tive gatos. Na verdade, houve um tempo em que meus pais foram acolhendo os gatos que apareciam lá em casa - eles moram em um sítio e há lá um grande rancho, com estábulos para as vacas, um depósito de milho, madeiras e outras coisas. Os gatos ficavam por lá caçando os possíveis ratos. Como recompensa, pela manhã e pela noite, minha mãe deixava em uma gamela um pouco do leite que tirava das vacas. Daí eles foram chegando e ficando.*

Paula riu e eu fiquei mais aliviado - de início, pensei que isso pudesse ser um novo impeditivo para o meu trabalho. Mas depois ela me perguntou se eles ainda continuavam lá. Então eu expliquei a ela que teve um dia em que achamos que alguém na vizinhança havia envenenado carne ou que eles haviam comido algum rato morto por veneno - pois muitos deles morreram em uma mesma semana, outros adoeceram bastante - mas que no fim das contas outros ainda continuam por lá. Havia sido triste, eu contei, mas como eu vivia na correria da faculdade e do trabalho, nem acompanhei a coisa toda, só sabia à noite ou no dia seguinte, quando minha mãe ou meu pai me diziam “morreu mais um, morreu mais dois”.

– *Não sei como pode ter gente que faz isso - por aqui aparece muito bichinho envenenado assim. E isso é bem comum. Alguns dá para salvar,* terminou ela.

– *Mas eu pensei que você criava bichos,* sentenciou então, rompendo aquele pequeno silêncio que tinha se formado enquanto ambos seguíamos pelo corredor. Com os passar dos tempos na loja, e mesmo hoje, nem eu não acredito muito naquela história. A minha experiência com cães e gatos era a de que eles eram simplesmente animais, como os outros do sítio de meus pais - eu até gostava mais dos gatos, mas sabia que eles serviam para caçar os ratos, e com os cães, quando tínhamos, meu

convívio era menor, pois eu não gostava do cheiro e tinha um pouco de medo, desde que um tinha me mordido, quando criança. Para mim, era apenas guardas. Quando eu via veterinários no sítio, sabia que deveria haver alguma vaca adocida ou prestes a receber inseminação artificial. Outros vinham para aplicar vacinas no gado, pois minha família vendia algumas rezes para açougue, e precisava manter controle sobre a febre aftosa ou o carbúnculo. Eles nunca vinham até lá por conta dos cães ou gatos - desde cedo eu sabia que eles morriam de velho, de peste ou envenenados. Hoje, ao vê-los recebendo tratamentos equivalentes aqueles dos humanos, eu me pergunto se aqueles modos de se explicar a morte repentina daqueles animais era mais uma crença daquelas que vamos compartilhando ou se a humanização desses animais implica em mais investimentos do que os mimos e afagos. Parece-me que eles não ganharam apenas o acesso ao interior da casa, roupinhas, rações e direitos - ganharam colesterol, problemas renais, câncer ou depressão. A humanidade tem um custo, e ele não é apenas financeiro.

Michel Foucault (2005), naquela sua ideia já bastante conhecida de traçar vínculos entre o que ele chama de sistemas de verdade e as práticas sociais e políticas de uma dada época, ajudou-me a pensar essa questão. A partir dela, no entendimento desse autor, o conhecimento coincide com a sua própria produção, ao mesmo tempo em que essa produção é responsável pela emergência de novas formas de subjetividade. Na sua provocação (2005, p. 08):

práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento.

Na minha infância, eram apenas *bichos*. Hoje são quase gente ou mesmo gente, mas continuam mantendo a mesma aparência - aquelas coisas permaneceram, mas os discursos mudaram, e com isso novos objetos, novas técnicas e novos sujeitos de conhecimento. Certamente, mesmo aqueles veterinários que eu conhecia na infância não são os mesmos que eu segui em campo. A complexificação desses diagnósticos e tratamentos começa a ganhar corpo, na mesma proporção em que um conjunto de práticas se constitui como novas rotinas médico-veterinárias, que por conseguinte estimulam investimentos em novos serviços e novos produtos. Enfim, como bem resume Foucault (2005), trata-se de tomar o conhecimento como o resultado, sempre provisório, de uma aposta. Numa comparação rasa, a ideia geral de uma humanização dos animais, tão em voga recentemente, provoca efeitos como aquilo que Latour (2001a; 2011) já problematizou ao refletir sobre os micróbios de Pasteur - eles inventaram um novo mundo: eles não aparecem a olho nu, mas com eles apareceram as vacinas e toda uma gama de explicações médicas para problemas antes tratados como “pestes” ou “maldições”, apareceram também as lentes de microscópio, as usinas de processamento de cristais para a sua produção, etc. Enfim, eles permitem ou acionam a criação de novas realidades - transformam sentidos e ações.

Mas, voltando a história dos gatos, por alguns instantes eu acharia que ela fosse suficiente para amenizar o meu “não” anterior à respeito de ser um criador de animais, mas Paula se mostrava surpresa e um

pouco confusa com o porquê de eu estar ali¹⁷:

– *Quando me disseram ontem que você queria fazer sua pesquisa aqui, pensei que era por causa do seu gosto por animais - achei tão bonito.*

Foi então que eu aproveitei o momento para me apresentar melhor, e explicar do que tratava da minha pesquisa e insisti na tradicional ideia de “um interesse particular” sobre o tema. Conteí que haviam me confundido com um ativista, mas que na verdade o meu interesse estava em saber um pouco mais sobre tecnologias que são usadas na medicina veterinária, como o ultra-som ou hemodiálise. Enfim, coisas que eu havia “ouvido falar” e que de certa forma não me eram estranhas, desde que com humanos.

Paula então me levou pelo corredor que se iniciava ao lado da porta da sala de Marcos, e me apresentou a sala de *raio-x*. Na realidade, muito diferente daquilo que eu imaginava. Parecia um *baú de Dom Quixote*: tratava-se de um cubículo improvisado - um misto de laboratório de fotografia com almoxarifado de carpintaria. Havia, no seu interior, subdividido por uma lona preta, uma pequena mesa, uma luz-negra, um aparelho que parecia um *flash* de câmera fotográfica preso em uma cabo de vassoura e um balde velho com a solução reveladora de “chapas”. Como o personagem de Cervantes, que via nos moinhos de vento dragões, ela

¹⁷ Eu uso com frequência e livremente o termo “dono” ou “criador” de animais. Contudo, aos poucos eu notaria que isso não era uma unanimidade. *Dono*, é que tem um animal. *Criador* é quem cria (seja aqueles para o comércio de animais de estimação - filhotes de raça, etc. - seja aquele que cria para o consume de sua produção ou abate. Paula, às vezes falava em companheiro do animal, ao se referir ao seu dono, mas algumas pessoas, mais ativas na defesa dos direitos deles, costumavam contestar esses termos, empregando aquele de “cuidador” para substituir o “dono”, o “criador” ou o “companheiro”. Isso vem de arrasto no debate sobre o estatuto jurídico e moral dos animais - se eles são sujeitos de direitos, eles não deveriam mais ser vistos com coisas (como no Código Civil Brasileiro) e tão logo, não mais tratados como objeto de posse, mas como um sujeito tutelado ou cuidado.

via naquele amontoado de quinquilharias uma máquina de *raio-x*, e apesar de todas as explicações sobre ele, particularmente, eu nunca o viria ser utilizado, quiçá acreditava que funcionasse. A bem da verdade, exceto pela sala de cirurgias, branca, bem iluminada com seus aparatos asépticos e cheiro de hospital, aquele cubículo refletia um pouco a miscelânea de coisas desordenadas que compunham a loja como um todo.

Contudo, mesmo que aquele lugar não fosse o mais sofisticado da cidade, ele recebia diariamente muitos clientes. Para muitos deles, era uma questão de referência, já que Marcos estava muitos anos na cidade, e era atencioso e atualizado. Como eu mesmo via, ele se informava sobre as novidades no segmento indo a eventos ou assinando revistas com as quais eu também me informava, lendo-as em segunda mão. Quando eu comentava com ele algo sobre as novidades tecnológicas da medicina veterinária, ele apenas retrucava dizendo que já praticava há muito tempo o que “as máquinas” faziam de um jeito mais fácil. Aos poucos, isso foi definindo meu interesse em focar meu trabalho no acompanhamento de suas práticas. As promessas tecnológicas eram muitas, e cada revista que eu lia trazia mais milagres eletrônicos, e isso me interessava muito. Por outro lado, o que me despertava igualmente o interesse era o de ver como na prática, Marcos e Paula davam conta de responder às demandas cada vez mais exigentes de uma população que também se informava sobre as novidades no segmento *pet*, com aquilo que concretamente eles dispunham para as suas práticas. Dito de outra forma, passei a me interessar pelo modo como eles traduziam aquelas novidades, fossem conceituais, fossem tecnológicas, à sua realidade - transformando ambas.

Para isso, no total, fiquei pouco mais de nove meses frequentando a loja, e foi dela que acompanhei um mercado em expansão na cidade.

Entre 2008 e 2010, a população de Rio do Sul não cresceu significativamente, ficando estabelecida na casa dos 60 mil habitantes. Contudo, o número de *pet shops* e clínicas veterinárias aumentou de 26 para 64 nesse período, muitas delas, em função do fechamento de lojas agrícolas ¹⁸.

Rio do Sul é a principal cidade do Alto Vale do Itajaí. Nela se encontram os rios Itajaí do Oeste e Itajaí do Sul, que cortam as montanhas formando o vale que segue em direção ao litoral do Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil. Contando apenas com oitenta anos de fundação, a cidade formada a partir da imigração alemã e italiana, tinha até poucas décadas uma economia baseada essencialmente na agricultura e na indústria madeireira. Contudo, a grande expansão do comércio e o aparecimento de indústrias de porte médio, especialmente na área metal-mecânica e na confecção de *jeans*, oportunizaram o seu rápido desenvolvimento. Hoje, o município tem uma população ainda crescente, atraída pelo bom número de empregos, serviços e vagas na Educação Superior, o que resulta também em uma desenfreada expansão e especulação da construção civil. Mesmo assim, não se trata de uma cidade grande, apesar de que, se considerado o fato de que as outras no seu entorno possuem uma população média que não ultrapassa os 10 mil, não é difícil de se imaginar que ela foi se firmando como uma capital regional. Disso resulta que à medida em que sua economia passou a ser baseada na indústria, o comércio que se expandiu nos últimos anos deixou de ser aquele voltado às atividades agrícolas e passou a se dedicar à vida urbana, oferecendo amplas opções no ramo de vestuário, bares e restau-

¹⁸ Segundo fonte da Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais de Estimação - AnFal Pet, o Brasil conta com cerca de 50 milhões de animais de estimação, o que movimentou em 2009 cerca de 700 milhões de reais apenas em serviços médicos. Cf. <www.anfalpet.com.br>. Acesso em março de 2010.

rantes, comércio eletroeletrônico, mobiliário e decoração, automóveis e redes de supermercados. Com isso, as lojas agropecuárias, aos poucos, foram se tornando *pet shops* e os próprios serviços de medicina veterinária, antes dedicados aos animais de grande porte, como bovinos, equinos ou caprinos, passou a se reconfigurar para o atendimento dos mais pequenos, como cães e gatos, especialmente aqueles de estimação. Era com essas mudanças de cenário que Marcos situava o seu negócio. Ele sempre repetia isso com orgulho, especialmente se definindo como um dos pioneiros da constituição do mundo *pet*, em Rio do Sul. Com ele, muitas outras pessoas com quem eu conversaria ao longo da pesquisa ligariam a esse crescimento urbano à “proliferação” dessas lojas especializadas nos animais de estimação.

Aos poucos, aquele cenário inicial já me seria tão comum que eu sequer entenderia o estranhamento do primeiro encontro. Mas não seria essa a impressão que eu tinha nos primeiros dias. Depois de todas as explicações de Paula, e o amontoado de coisas por todo lado, eu sairia de lá no fim da primeira semana, carregando comigo além de um DVD do *Discovery Channel* sobre a história dos cães de estimação, que Carlos gentilmente me ofereceu em empréstimo - a certeza de que a realidade se apresentava, por hora, deveras menos interessante do que aquilo que idealizamos nos nossos projetos. Mas era apenas uma questão de tempo.

2.2 Fast Food

Sem muito sucesso, Marcos tentava inserir a sonda até a bexiga do gato. Ao que tudo indicava, ele vinha se alimentando mal, e aquela tarde de fim de março começaria com novidades. Fazia dias que eu aguardava ansioso para assistir algum procedimento cirúrgico. Como eu não ia todos os dias até a loja ou ficava apenas em algum dos seus turnos, já havia se somado um bom número deles em horários que eu não estava lá.

O gato era enorme e pesaria tranquilamente cinco quilos ou até mais - bastante para um *gato comum*. Comum, porque na *loja* eu já havia me habituado a chamar os cães pelo seu “nome de batismo” ou pela sua raça, quando eu sabia qual era. Agora, entre os gatos, contanto que não fossem *persas* ou *siameses*, eram sempre *comuns*. Este tinha pelagem preta por quase todo o corpo, à exceção da parte inferior do abdome, que era branco-pérola, num faixo que subia até ao redor da boca.

Segundo Marcos, nos últimos anos problemas renais em gatos de estimação apareciam com cada vez mais frequência na loja, especialmente por conta do consumo de rações de baixa qualidade. Dietas de animais de estimação são tema em pauta na loja e motivam discussões em torno da humanização que eles ganham nos últimos anos.

“Não é fácil”, repetia o veterinário balançando a cabeça, enquanto preparava os instrumentos. O pênis do gato era minúsculo, chegaria a pouco mais de um centímetro, dois talvez, dado o seu esforço em puxá-lo pela glândula para fora do prepúcio. Antes disso, para localizá-lo, foi preciso raspar os pelos ao entorno do local, com uma *gillette* daquelas

mais antigas, as quais se abre a parte superior do aparelho girando um mecanismo de seu cabo e introduzindo uma lâmina larga de dois lados com corte. O gato sangrava um pouco onde fora-lhe feita a depilação.

– *É normal, eles tem o pênis muito pequeno. Para inserir uma sonda ou um catéter na uretra é um saco - ela é muito estreita.*

Paula estava junto e limpava o sangue com uma compressa de gaze. Agora, e a medida que o processo ia acontecendo, o fluxo aumentava e coloria o inox da mesa. O gato continuava desacordado, deitado de lado, com a cabeça um pouco virada e encostada no tampo. A boca entreaberta que fazia aparecer as pontinhas dos dentes e os olhos com um pouco do branco à mostra fitando lugar nenhum, davam-lhe um aspecto de gato morto.

– *Até que enfim...*

A sonda havia entrado quase um centímetro - sobrava ainda mais uns dez dela. Imediatamente o tubo de plástico transparente foi se enchendo de sangue e tão curta quanto a sua inserção na uretra do gato, foi a comemoração de Marcos: os cálculos estavam interrompendo a passagem e o instrumento não entrava mais que aquilo.

– *E o que se pode fazer agora?*

– *Olha, no caso de seres humanos, além de cirurgia, tem muita coisa disponível, mas aqui, assim é melhor. Logo dá certo.*

Marcos me explicava que sobre o uso de medicamentos de dissolução de cálcio e da *litotripsia extracorpórea*, que consiste em um tratamento por ondas de choque que forçam a quebra das pedras no aparelho renal. Por se tratar de um método não invasivo, ele vem sendo largamente empregado entre humanos desde os anos de 1980. Recentemente, ele também vem sendo experimentado em animais, até mesmo associado com a

acupuntura (Giovaninni & Piai, 2010). Mas, naquele gato obeso, o veterinário forçaria, empurraria e como resultado, apenas mais sangue saindo no alto do tubo. Paula pegaria outra peça de gaze e limparia o suor daquela quarta-feira quente de fim de verão, descendo pela testa do pai e perguntaria se ele queria que ela tentasse.

– *É por isso que ele está assim - sinto a bexiga dele, veja como está cheia.*

Paula apalpou o abdome do bicho e disse que ele estava todo distendido. E conversaram entre eles, enquanto ela limpava de novo o sangue em abundância. Em seguida, Marcos me oferecia o abdome do gato para que eu também o apalpassse onde ele indicava.

De gatos, eu até gostava, mas não naquelas condições. Cara de morto, depilado, ensanguentado e com uma sonda no pênis. Tempos depois eu lembraria disso como “boas vindas”, naquelas imagens exóticas de uma antropologia de tempos idos - na hora, entendi que devia fazê-lo.

– *Tá duro, não tá?* Perguntou Paula.

Eu concordei com a cabeça, pois não sabia a diferença entre uma bexiga normal e uma bexiga distendida. Minha mão ficou cheia de sangue de gato, e eu me incomodei um pouco - Marcos queria me ensinar algumas coisas: nesses desencontros necessários, ele me aproximava da veterinária, e eu me via mais antropólogo. O nosso entendimento começou a tomar forma nas diferenças ou pressuposições que tínhamos sobre as mesmas coisas (pessoas ou animais). Até hoje eu não sei como é uma bexiga distendida, mas pegar numa foi fundamental para entender como se trata um gato com problemas renais. Isso domestica o pesquisador.

– *Parece que faz dias que ele não consegue fazer xixi,* tentei me posicionar.

– *É. Ele está todo trancado, coitado. Além da bexiga distendida, está bem desidratado, olha aqui...*

Marcos me mostrava que a pele da nuca do gato, quando puxada ficava às sobras, demorando para voltar ao lugar, sinal de desidratação. E pediu que eu mesmo testasse. Enquanto isso, Paula me explicava que esse caso era o mesmo de outro gato do qual Carlos negociava a internação uns dias antes, que eu conheci depois do procedimento feito. À moda daquele, a história desse também já tomava ares de “novela das oito”, como ela comparava: fazia dias que a dona ligava, tentando saber alguma solução para o gato, para que não precisasse para isso trazê-lo para uma consulta. Os casos dessa natureza eram bem comuns.

– *Imagina só, a dona disse que ele só não estava conseguindo fazer cocô, que se contorcia um pouco na caixinha de areia e que não saía nada e que era só isso - que estava ressequido. Eu disse pra ela trazer ele aqui, para ver mesmo o que ele tinha, mas ela não queria pagar uma consulta, sabe - mas consultar pelo telefone daí não conta...*

Eu não quis perguntar o preço da consulta, nem o da internação, mas circulando pela loja, ouvi que era sessenta. De início me assustei, especialmente ao somar isso àquelas rações de dietas especiais, vendidas ali em pacotes não muito grandes e com rótulos em alemão ou em inglês. Paula continuava:

– *Hoje, ela me disse que deu azeite na sexta-feira para ele tomar, para ver se ele fazia cocô, mas que depois de sábado de tarde ele nem se levantava mais.*

– *E hoje já é quarta, completei.*

Eu não sabia dizer nada mais complexo que isso: àquela altura existia apenas uma sonda de uns dez ou doze centímetros cheia de sangue pingando, ocupando toda a sala e os meus pensamentos, junto com

as minhas contas e dois veterinários irritados com a situação do gato.

– *Foi mais um pouco.*

Marcos continuava a operação com muita dificuldade. O pênis e toda a região já estava bastante inchada e como o sangue havia manchado a pelagem branca da barriga do gato, o aspecto fatídico da cena fazia aquilo tudo me parecer um esforço fadado ao fracasso. Eu aproveitei para pegar gaze para limpar o sangue das minhas mãos, e o fiz modo discreto, para que Marcos não pensasse que eu estivesse com nojo. Infelizmente, o sangue tinha secado entre meus dedos e os deixava colantes, com manchas debaixo das unhas. Não haveria problemas, se naquele dia eu não fosse sair da loja direto para o trabalho, dar aulas.

– *Vamos empurrar essas pedras para dentro. Pegue o soro Paula.*

Lá fora Carlos cuidava de tudo, segurava um ou outro cliente e fazia por si alguns pequenos procedimentos, como a retirada de pontos de um cão ou a entrega de outros do canil, que estavam de alta. O telefone não parava de tocar e Marcos se incomodava mais à medida que as coisas iam se acumulando.

Seguindo a instrução do pai, Paula anexava uma seringa à sonda, que tinha numa das suas extremidades um encaixe para esse fim, feito o encaixe para pôr alguma agulha. Ele havia tido uma outra ideia: encher a seringa com soro e empurrar as pedras de volta para o interior da bexiga, ao menos para limpar o fluxo.

– *Se a gente conseguir limpar um pouco empurrando soro, vai ser mais fácil,* explicava Marcos. Eu concordava.

Mas não seria assim tão fácil. O soro não empurraria a pedra - era preciso tirá-la antes. Marcos tiraria a sonda, limparia o sangue e puxando o pênis do gato mais forte ainda, localizaria um pequeno volume.

Mesmo com luva descartável, Marcos tentaria trazer a pedrinha mais para fora, com a unha, como que beliscando-a. Um pouco de sucesso rápido e novamente mais sangue e a pedra parada de novo. Marcos então pegaria uma nova sonda, cuja inserção foi mais fácil. Ele bloqueou com um das mãos a passagem depois da pedra e a tentou tirar, improvisando um espécie de pinça com o instrumento. Enquanto isso, Paula ia me explicando um pouco mais do que causava todo esse “transtorno”.

– *Se você soubesse a quantidade de gente que deixa pra última hora. Chegam aqui e então vamos lá pra triagem. Eu pergunto quantos dias o bichinho não come, daí me dizem, ‘ah, acho que faz uma semana’. Ah, vão pro inferno! Por que essa gente não experimenta ficar uma semana sem comer?*

Eu nunca tinha parado para pensar nisso, e olhe que eu mesmo já havia ouvido essa frase antes. E concordei com a cabeça, reprovando com Paula “essa gente”. Parece que o sofrimento que eu provava naquela tarde, tornava mais claro para mim a resistência que os donos tinham em acompanhar os procedimentos. O sangue, a aspecto fúnebre da cena, os cheiros, a sonda entrando e saindo da uretra - tudo isso animalizava tanto aquele gato “tão humano” - descortinava-se ali aquela imagem de um “bichinho de pelúcia”.

– *Que merda! Não é fácil. Não é fácil. Essas porcarias de ração.*

Olhei na direção de Marcos e percebi que aquela expressão forte teria sido uma exclamação positiva às avessas: a sonda teria tirado da uretra a pedrinha que interrompia a passagem. Mais e mais sangue, agora um pouco diluído no soro injetado pelo veterinário.

– *Olha, se tem uma coisa que eu não gosto de fazer por aqui é isso. Pode me aparecer de tudo, mas gato com problema renal é terrível. É muito ruim ter de tirar essas pedrinhas.*

– *E aparece muito?*

– *Toda semana. São essas porcarias de ração barata que eles comem. Sou veterinário há trinta anos e depois que começaram a fazer essas ‘rações de merda’, de qualquer porcaria, sabe - só pra vender mesmo - coisas como essas não pararam mais de aparecer. A gente até vende umas inferiores aí, porque tem muita gente que procura - mas eu sempre aviso. E tem gente ainda que para piorar tudo dá resto de comida da mesa para os gatos ou para os cachorros. Para os gatos mesmo, isso faz um estrago - eles não podem comer tanto tempero, principalmente sal - isso mata eles.*

Não expressei nenhum gesto - justo eu que nunca comprei um saco de ração na minha vida. O mais próximo disso eram minha idas à agropecuária, acompanhando meu pai nas compras destinadas às galinhas ou vacas que ele e minha mãe criavam no sítio. Parecia que nós também comíamos comidas bem diferentes dessas de hoje - havia mais carne vermelha na mesa, como também mais carboidratos e calorias - que vinham daqueles “pratos pesados” - batatas, feijão, polenta, pães, cucas - que herdamos da colonização alemã e italiana. Mesmo assim, não se falava tanto em obesidade, colesterol, hipertensão e todos esses males que nos atormentam hoje. Certamente, pensei eu ironicamente, os gatos e cães de hoje devem ser diferentes de aqueles que eu conhecia quando mais moço - esses não aguentam comer nada - são da geração *Coca-Cola* e *Elma Chips*, que agora engorda vendo anúncio de comida na TV, como tanto criticam as orientações médicas mais contemporâneas.

Num todo, a ironia não estava errada. Algumas patologias do trato urinário de felinos tem sido associadas às mudanças de hábitos desses animais. A *urolitíase felina*, também conhecida sob o rótulo geral de *síndrome urológica felina - SUF*, é um exemplo que inclui diversos distúrbios idiopáticos que tem afetado gatos domésticos, os quais, segundo Wouters

et al. (1998), tem sido caracterizados por hematórias (sangue na urina), distúrias (dor ao urinar), disúrias (dificuldade para urinar), polaquiúrias (micção frequente) e obstrução uretral parcial ou completa.

No caso da obstrução renal, tem-se um mal que tipicamente acomete gatos machos. Isso se deve a sua característica anatômica: eles possuem a uretra mais fina e alongada, enquanto as fêmeas tem ela mais curta e larga, o que faz com que elas sofram, mais comumente, de cistite (inflamação na bexiga) (Galvão, et al, 2010). Segundo Wouters et al (1998, p. 499), no caso da *urolitíase felina*, a “obstrução é feita usualmente por um plugue arenoso, moldado à forma da uretra de gatos machos, constituído por cristais de estruvita, restos celulares e proteínas”. Disso, não se descarta a associação à má nutrição, pois segundo os autores, dietas secas ou com níveis elevados de magnésio, geralmente associados a fósforo, são frequentes causadores da doença.

Num estudo veterinário recente, a má nutrição aparece de modo explícito como causa dos problemas com a saúde de animais domésticos, incluindo aqueles de ordem renal entre gatos (Carciofi & Jeremias, 2010, p. 39):

Atualmente, pesquisadores e empresas buscam a produção de alimentos que atuem na prevenção das urolitíases por estruvita e oxalato de cálcio, os dois tipos mais comuns de urólitos. O desafio na formulação dos alimentos é conciliar as medidas preventivas, já que as mesmas são praticamente opostas em relação a cada um destes urólitos. Em geral, estruvita associa-se a um pH urinário alcalino e oxalato de cálcio a pH urinário ácido, sendo necessário se determinar, por meio da supersaturação urinária, o ponto de equilíbrio entre ambos.

Para tanto, nos últimos anos tem sido demandados *estudos científicos*

direcionados ao uso de nutrientes em favor da promoção da saúde, prevenção de doenças e melhoria na qualidade e no aumento da expectativa de vida de cães e gatos, de modo equivalente aquelas que tratam disso para os humanos (id., p. 35):

Este direcionamento de pesquisas é, em grande parte, explicado pela importância que cães e gatos assumiram na vida das pessoas, fazendo com que as decisões alimentares dos proprietários com seus animais se assemelhassem às que adotam para si próprios.

Não se trata de estabelecer mais limites básicos de mínimo e máximo de quantidades nutricionais. O foco é a *qualidade da nutrição*, em favor do bem-estar e da longevidade. Do ponto de vista dos próprios autores, isso reflete uma mudança no estatuto do animal (id., 36):

Hoje inseridos na estrutura familiar, as informações científicas que resultam em impacto social e econômico requerem protocolos, métodos e propósitos de investigação totalmente diferentes, que se aproximam bastante da própria dinâmica investigativa da nutrição humana.

Na antropologia, Kulick (2009) também discute questões contemporâneas referentes à alimentação de animais de estimação. Para ele, a obesidade de cães e gatos tem refletido a dissolução das fronteiras entre espécies:

a obesidade como crise não é, nos dias de hoje, apenas um assunto humano. [...] Nos meios de comunicação de massa, há clamores cada vez mais comuns e cada vez mais estridentes de que estamos em meio a uma “epidemia” de obesidade

de animais de estimação” (p. 484).

Há pouco mais de um século, mostra o antropólogo, a indústria de alimentos para animais de estimação se esforçou para criar uma demanda, por meio de afirmações de que sobras da mesa e outras comidas com as quais os animais sempre tinham se alimentado não eram tão boas quanto aquelas industrializadas, sob a forma de rações. Atualmente, o que se vê é o desenvolvimento de alimentos tipo *Premium*, que possuem fórmulas especiais para etapas da vida ou para animais em dietas (Calmon de Oliveira, 2006; Kulick, 2009). Essas comidas, segundo Kulick (2009, p. 487) chegam a custar o dobro das normais, e respondem pela parte mais emergente do segmento de comida animal - o grande filão é que “os animaizinhos estão ficando gordos. Eles tem muito a ganhar em nos convencer de que animais de estimação, tal como seus companheiros humanos, precisam de dietas especiais para atingir o suposto peso ideal”.

É interessante notar aqui o quanto ciência, política, mercado aparecem acionados nessas preocupações, como consoante com os trabalhos que inspiram essa pesquisa. Desde *La Vie de Laboratoire*, de Latour & Woolgar (2006 [1979]), por exemplo, a antropologia tem dado mais atenção à produção de fatos científicos. De modo amplo, o que se passou a discutir é ideia de que a ciência não está livre dos interesses políticos, econômicos e de outras ordens que não aquelas cerradas na própria ciência. No caso explicitado, o que toma lugar de proeminência não é mais exclusivamente a evolução da medicina veterinária e a sua preocupação com o animal, mas o lugar que ele ocupa na qualidade daquilo que Ackrich (2006) bem chamou de *utilizador ativo* ou *inovador*. Ou seja, mais do que os cientistas, os engenheiros ou os profissionais do *marketing*, quem passa a configurar o jogo da inovação são os seus utilizadores, que

traduzem os produtos concebidos e manufaturados, a partir de suas práticas e dos sentidos individualizados - nesse caso, aqueles que os donos projetam para os seus animais.

Mas havia ainda um algo a mais. A ração ruim não aparecia no discurso de Marcos propriamente tratada em termos de suas propriedades de composição. Trata-se dos “novos tempos”, expressão que ele associava a “ração ruim”, como algo negativo, que paulatinamente roubou o velho paraíso. Ele me dizia que as rações mais baratas são feitas com os restos do que é selecionado para as “rações de primeira” - ou seja, elas não tem um controle tão grande e o que se utiliza muitas vezes, são carnes de baixa qualidade, cheias de hormônios, sal ou quaisquer “outras porcarias”, que o organismo dos animais de pequeno porte, sobretudo os gatos, não consegue digerir satisfatoriamente. Esses resíduos vão se acumulando, e formando os cálculos. No entanto, os problemas não se resumem a isso, continuava ele - nos cães, infecções digestivas também eram cada vez mais comuns e eram um dos principais motivos de internação na loja. Mesmo assim, ele as vendia também, sob a justificativa de que eram procuradas - faz tempo que sabemos que os nossos dragões são criados em casa.

– *Finalmente*, ele exclamou, *está vindo*.

Quando voltei-me à cena, Marcos já havia conseguido colocar novamente a sonda no gato. A pequena pedrinha que obstruía a uretra veio, mas veio também fezes, as quais Marcos explicou como uma reação involuntária depois de tantos apertões no abdome do gato. Era mais um novo cheiro que se misturava aos demais naquela composição. Comecei a me preocupar com o tempo que duraria aquela sedação.

– *Ele não vai acordar?*

O veterinário levantou a cabeça do gato e num gesto bruto a largou de súbito sobre o balcão de metal fazendo um pequeno estrondo:

– *Não. Está capotado, veja*, ele me respondeu.

Paula continuou injetando soro na sonda, enquanto Marcos tentava empurá-lo para dentro com movimentos bruscos, como que desentupindo um ralo de pia. Aos poucos, o longo tubo de plástico transparente adentrava o gato mais do que nas tentativas anteriores.

Ao puxar o êmbolo da seringa, misturado ao sangue e soro, um pouco de urina amarela preenchia o tubo - e com ela a comemoração de Paula e um cheiro forte. Mas esse fluxo também pararia em seguida. Marcos puxou várias vezes o êmbolo da seringa, como que querendo sugar o próprio gato por ela e em seguida tirou-a de novo e puxou o pênis esticando-o da mesma forma de antes. E logo se poderia ver mais um pequeno volume marcando a pele:

– *Tá aqui. Mais uma maldita pedra.*

Marcos pediu que Paula alcançasse um pequeno instrumento que não entendi o nome e nem quis perguntar no afã da ação. Ele secava o sangue que voltava a sair com mais força e tentava empurrar aquela pedrinha para fora, pressionando-a em direção à saída da uretra. Novamente o sucesso e o sangue.

– *É preciso agora tirar toda essa urina acumulada e limpar bem; ele deve estar cheio de pedrinhas ainda e se a gente não limpar bem, daqui uns dias ele está aqui de novo*, completou.

Marcos enchia o êmbolo da seringa com soro e empurrava-o gato a dentro. Ao sugar o líquido para fora, nas primeiras vezes, se podia perceber pequenas pedrinhas no fundo do recipiente de metal, onde ela dispensava o líquido. O complicado havia passado e o que se seguiria

não requereria os trinta anos de experiência do veterinário, de modo que ele pediu que Paula continuasse sozinha, para poder atender a outros que se acumulavam nas mãos de Carlos na sala ao lado.

– *Injete um pouco de soro para limpar bem e depois vá tirando tudo, até ficar tudo limpinho, sem o amarelo da urina ou sem sangue, recomendou. Não tenha pressa. Deixe bem limpinho.*

Paula enchia a seringa com soro, injetava no gato, e em seguida sugava dele o líquido que ainda voltava muito cheio de sangue, meio vermelho, meio amarelo; por fim, esvaziava a seringa novamente na tigelada à minha frente. Náusea. O cheiro era forte e ela repetiria essa operação umas quatro dezenas de vezes até Marcos voltar de outro atendimento e se dar por satisfeito, explicando como era para fazer o curativo.

– *Se ela já tivesse deixado ele conosco no sábado, teria sido bem mais fácil - a gente faria isso e depois deixaria ele internado, sob observação, durante o fim de semana. Depois era só dar um Diazepan para ele que ele já voltaria a comer que nem um morto da fome. Segunda, ele estaria novinho, mas não...*

– *Diazepan? Desses para relaxamento?*

– *É, esse mesmo. O faixa preta, de farmácia. Se o gato não come, é só dar um pedacinho de um comprimido desses que eles dormem, dormem, mas quando acordam, comem tudo o que vêem pela frente. O Diazepan estimula o apetite - não sei direito porque, mas é que nem quando se fuma maconha, quando passa o efeito, vem a larica.*

Mais tarde, eu viria a entender que os *benzodiazepínicos*, família que inclui o Diazepan, o Rivotril ou o Valium, famoso na segunda metade do século XX, são utilizados entre humanos como ansiolíticos, anticonvulsivantes ou relaxantes musculares, mas entre os felinos e caninos, eles auxiliam no restabelecimento do apetite, sobretudo entre animais em estado anorético (Oliveira et al, 2008). Contudo, a restrição feita é a pre-

caução à dependência - e depois de restabelecido o apetite inicial, a sugestão é o abandono da droga. O uso desses medicamentos, começava a se tornar mais uma pista importante para algum entendimento dessa humanização dos animais¹⁹.

Paula fazia um curativo no gato, de modo que a sonda permanecia imobilizada no pênis dele. Segundo ela, se a sonda fosse tirada ele não conseguiria urinar de novo, pois nas próximas horas o inchaço aumentaria e interromperia o fluxo. Enquanto tratava do gato ela conversava comigo e por vezes ainda se mostrava indignada com aquela situação, fazendo gestos negativos, balançando a cabeça enquanto olhava para o gatão estendido na mesa.

– *Agora o bichinho tem que sofrer assim. As pessoas querem eles enquanto eles tem saúde; quando ficam doentinhos, eles deixam por conta, que nem brinquedo estragado.*

Eu apenas concordaria com a cabeça. Aquele cheiro de urina misturada ao sangue me deixaria um pouco nauseado pelo resto da tarde. Certamente era nostalgia e falta de informação, mas eu ainda pensava que os cães e gatos morriam de velhos, senão atropelados ou envenenados por algum vizinho descontente - uma ideia de “morte natural” que vinha a corroborar com aquele imaginário de uma natureza harmônica, *poiética*. Contudo, na rotina da loja, animais obesos, cardiopatas, diabéticos ou mais comumente os gatos com seus problemas renais, e os cães com os digestivos, especialmente os constipados, e o uso indiscrimi-

¹⁹ Em 2009, uma reportagem especial na revista *Superinteressante* (ed. 263, março de 2009) afirmava que 77% dos cães de estimação tomam algum tipo de medicamento. Segundo a reportagem, trata-se de um jeito moderno de resolver os problemas desses pequenos animais. Não é o tem em discussão, mas interessante também, é notar que faz algum tempo que existe o consumo de medicamentos de uso veterinário (equinos e bovino) entre humanos, especialmente com fins anabólicos.

nado de Diazepan era a rotina.

Por volta das 11h do dia seguinte, a dona do gato gordo ligaria, avisando que ele e um sobrinho vinham busca-lo. Dado o procedimento recente e a debilidade na qual ele já se encontrava, a sua alta era estimada para depois de alguns dias de recuperação. No entanto, por mais que Carlos tivesse alertado ela de que não adiantaria vir, meia hora depois ela já aguardava pelo animal na recepção - a espera pelo tratamento e cura é mais um desses custos que esses outros humanos nos trazem.

Paula me olhou, fazendo uma careta de desaprovação e ligou para Marcos, que não estava na loja naquele dia. O gato ainda não estava bem.

– *Ele ainda está bem fraco, faz pouco xixi*, dizia ela ao telefone. Enquanto fez sinal para que eu a seguisse até a mesa do pai, Paula continuava a conversa.

– *Imagina só, ele ficou pelo menos uma semana sem comer - eu não sei se não deu ‘neurológico’ agora. Se ela deixasse ele aqui, até segunda a gente teria certeza se ele está melhor, ou não e nem daria tanta diferença assim no preço. Mas é uma teimosa, teimosa. Quando ela ligou, eu disse que ele não estava de alta, mas ela veio de Rio do Oeste para buscar ele - deu uma desculpa esfarrapada - disse que quis aproveitar a carona de um sobrinho*, continuava²⁰.

O “neurológico” do qual Paula tratava com o pai ao telefone, diz respeito a uma das consequências da uremia (excesso de ureia no sangue), que faz com que gatos como aquele, com problemas renais, possam desenvolver tremedeiras, ataxia (falta de força muscular e coordenação de movimentos), mioclonias (contrações repentinas dos músculos), e no limite, o coma e a morte (Toledo-Pinto & Rennó, 2008). Como o gato

²⁰ Rio do Oeste é uma pequena cidade, distante cerca de 15 km de Rio do Sul.

ainda nem havia se levantado depois do procedimento de desobstrução da uretra, era difícil dimensionar alguma sequela.

– *Eu vou digitar um termo de responsabilidade. O pai não deu alta ainda.*

Paula me explicava que Marcos, por telefone, haveria dito que se a mulher quisesse levar o gato, ninguém poderia fazer nada - que era um direito dela - mas veja-se, um direito dela sobre o animal, passivo e objeto de posse. Ainda mais que a mulher havia resistido muito em deixá-lo internado, sob a queixa de que não podia gastar muito agora, pois estava com um problema na família. A situação era difícil e ela já havia contado no outro dia, quando Paula disse que o gato ficaria internado, que a neta tinha nascido com complicações e precisou ser operada - e que “Graças a Deus” estava bem, mas que tinham gasto muito com o tratamento. Marcos diria a Paula que entendia a situação e já tinha antecipado naquele dia que ela poderia parcelar em mais vezes a conta, se fosse preciso, mas que preferia fazer o tratamento bem feito.

O gato, de fato, não parecia muito bem. Deitado, com o queixo apoiado no fundo da gaiola de internação, e tudo, por culpa do excesso com rações de má qualidade disponíveis a preços baixos no mercado - um mal dos dias de hoje. Na segunda-feira seguinte, o gato voltaria para uma nova internação e eu acompanharia ainda muitos desses casos, quando não, ainda associados a problemas gastrintestinais, como diarreias, vômitos ou constipação.

Consultar, operar, internar, medicar - nisso tudo havia outro custo - e esse sim era financeiro. Como também o era aquele que fazia decidir entre a ração mais bem elaborada e de valor mais elevado, e a ração barata, que a médio e longo prazo trazia tantos problemas. A humanização dos animais de estimação tinha preço, e não era pequeno. Eu mes-

mo insisti em não adentrar nessa discussão, especialmente quando algum de meus colegas de trabalho me provocavam para isso, como uma professora de economia de formação marxista, que dizia não acreditar que eu ainda não havia denunciado em algum texto os valores que se gasta com algum cão ou gato, enquanto pessoas morrem de fome. Mas aos poucos, eu comecei a olhar a questão por outra ótica - para mim havia uma outra chave do que aquela de um modelo moral, de luta por um mundo melhor e menos desigual economicamente - o dinheiro permitia, mas também limitava a humanidade desses animais. Com ele se pode escolher um filhote de determinadas características físicas, e se pode torná-lo distinto, com roupas, brincos, perfumes, e torná-lo “a cara” do dono. Mas o dinheiro também é necessário para a sua manutenção - as consultas tem preço - e na loja de Marcos, valiam cerca de 60% do valor praticado por médicos de humanos. Os medicamentos veterinários também não são baratos, as rações, as vacinas, tudo isso ajuda a compor o tamanho da humanidade desses animais. A questão era - até onde pagar pela vida do animal (ou para ele não ser simplesmente um animal)? Paula, enquanto examinávamos uma cachorra da raça *chow chow* com suspeita de fratura nas costelas depois uma queda numa piscina vazia, deu motivos para pensar nisso. Segundo ela me dizia, é comum as pessoas quererem uma espécie de “bicho de pelúcia vivo”. É bom ter um animalzinho em casa, enquanto ele está bem, e cheio de saúde. Mas, é só ele ficar doente, que segundo ela, logo partem para olhar algum outro, principalmente se o valor do tratamento for maior do que o preço de um filhote. Esse foi o caso da *chow chow*, que acabou sendo tratada e encaminhada para adoção na APAD. Havia a fratura sim, e depois do diagnóstico, os donos acharam mais vantajoso sair da loja com um animal novo.

Decidiram empregar o dinheiro numa *beagle* ao invés de tratar o cão antigo. As coisas viram lixo muito cedo, como já disse Bauman (2007). A questão é que, nessa perspectiva, o vínculo que pode ser facilmente descartado é aquele do homem para o animal - é certo que muitos sofrem com a perda dos seus animais, outros os tratam como produtos substituíveis, como denunciava Paula, mas o fato é que ninguém se pergunta o quão fácil é para o animal se desvincular do seu humano.

Nesse ínterim, a desconfiança pelos serviços era também um lugar de disputa e de decisão financeira. Naqueles dias, por ocasião do retorno de um *boxer* à loja para avaliação de um tratamento que Marcos havia protagonizado, Paula e eu retomamos a conversa sobre as desconfianças nessa área. Isso porque, depois de avaliado, o cão foi dado por curado de uma hérnia perineal. Mas durante a consulta de retorno para avaliação, os donos se queixaram sobre o problema e me diziam que na clínica veterinária anterior, haviam gasto uma boa quantidade de dinheiro em um tratamento bastante longo e sem efeito, dirigido à bexiga do *boxer*. O veterinário era o mesmo que havia feito todas as restrições e impedimentos para o meu trabalho, meses antes.

A situação era complicada. De fato, segundo Mortari & Rahal (2005, p. 1220), as hérnias perineais pode causar problemas renais e digestivos, como a estrangúria (dificuldade de urinar) e a constipação (dificuldade em defecar). Nesse caso, ambas resultam da pressão sobre a uretra e o reto, causada pelo deslocamento caudal de alguns órgãos internos. Mas como Marcos me explicou, os problemas que o outro veterinário vinha tratando eram os sintomas, e não a hérnia. O que havia sido feito agora, se resumia ao que ele chamava de procedimento cirúrgico simples, que consistia em uma sutura interna do diafragma pélvico.

A bem da verdade, Marcos era um homem de poucas palavras, mas naquele dia conversamos bastante. Depois que os clientes saíram, Paula contou a ele que eu havia passado por muitas dificuldades para fazer a pesquisa naquela outra clínica, e que tinha acabado desistindo. Mesmo deixando claro um certo desconforto em tratar da situação, ele me explicava que não era falta de conhecimento tratar a bexiga do cão e não a hérnia - “partindo do histórico clínico e fazendo exames simples, como o de apalpamento, qualquer um vê que se trata de uma hérnia”. A questão é que algumas vezes poderiam haver alguns abusos, pois ao tratar da bexiga ou da constipação, com internações e medicamentos, prolonga-se o tratamento e conseqüentemente, o rendimento com ele. Para Marcos, muitas vezes, não se tratava de um erro, mas de uma estratégia.

Nisso, Marcos me contou outros casos que envolvem essa “estratégia”, afinal de contas, não é difícil imaginar essas situações entre pacientes que “não podem reclamar” como cães e gatos. Na verdade, eu já havia colhido muitas histórias negativas de serviços veterinários, mas não quis alimentar mais o debate com isso e fiquei com elas para mim. Igualmente, eu começava a me questionar quem era o objeto de cuidado ético - o animal, que sofria com tratamentos inadequados, com a prolongamento ou mesmo ausência deles, ou o humano, que era enganado e atingido em seu bolso, pagamento por serviços não prestados?

Passada uma pausa, enquanto eu ajudava a enfileirar medicamentos repostos na estante, Marcos voltou a tratar do tema, agora com um tom mais introspectivo:

– Olha Jean. Acho que é importante que tu saibas que toda profissão tem problemas. A nossa não é diferente. Vou te contar uma história.

Marcos olhou para Paula e perguntou se ela se lembrava de um

cachorro que chegou se arrastando na loja. Ela sorriu e balançou a cabeça com um gesto de reprovação.

– Outro dia chegou aqui uma senhora, velha cliente, que nos últimos anos tinha nos trocado por outra clínica. Segundo ela, o veterinário tinha operado o cachorro, a mulher deu a ré no carro e não viu que ele estava debaixo, e ele quebrou o fêmur. Daí fui examinar, e vi que os pêlos estavam iguais. Perguntei quanto tempo fazia e ela disse que nem dava um mês. Já fiquei “encucado”. Comecei a mexer então na perna dele e senti que o osso estava torto, daí fui olhando e quem disse que eu achei cicatriz de operação, pontos e coisa assim.

– O outro veterinário não fez a cirurgia, adiantou Paula.

– Nada, não tinha feito nada - deixou o osso “colar” sozinho. Mas até então eu não sabia que ela tinha ido lá. Apenas disse que ela tinha sido enganada.

Marcos disse que se sentiu constrangido, pois a mulher ficou muito irritada. O cão não conseguia andar direito e somando a cirurgia, a internação e os medicamentos, ela já havia gado mais de cinco mil reais. Em seguida Marcos contou que operou o cão, mas esclarecendo que ele não recuperaria totalmente os movimentos. Foi preciso quebrar novamente o fêmur e instalar uma platina. Segundo ele, aquela situação toda era desgastante para a profissão, e repetiu várias vezes durante a conversa que isso alimenta algumas críticas populares, de que apenas se ganha dinheiro nessas clínicas - mas para longe disso, ele dizia ter um nome a ser preservado.

Em um segmento tão concorrido e emergente, a disputa por clientela, especialmente aquela com disposição à dispensa de custos financeiros tornava a questão mas acirrada entre as principais clínicas. Nisso, muitos dos clientes que Marcos recebia diariamente, vinham eles mesmos, pela tradição e pelo olhar individualizado do veterinário. Ele tinha

o diferencial da experiência no ramo:

Enquanto que os outros apenas atendiam vacas ou cavalos, Marcos já cuidava dos nossos bichinhos. Nos anos 80 [1980], eu me lembro, a gente encontrava por aqui gente de Lauretino, Aurora, Rio do Oeste, Ibirama, Ituporanga e até de Lages [cidades da região do Alto Vale, a última, da Serra Catarinense distante cerca de 150 km de Rio do Sul]. [...] Ele sempre foi muito cuidadoso com os cachorros, sempre se preocupou em nos orientar com a alimentação e com os demais cuidados, acima de tudo, de não deixa-los trancados. Sempre que precisamos ele estava aqui, dando atenção especial e diferenciada aos nossos animais. [...] Na verdade, se você olhar o quanto de clínicas que tem hoje por aqui, ele foi um revolucionário (Carlos, dono de um cão da raça Golden Retriever, em março de 2009 - notas minhas).

Novamente, vinha à tona a questão da referência e da confiança em relação à Marcos, firmado como um dos mais antigos da cidade naquele segmento. E, de certa maneira, as próprias pessoas que traziam seus animais na loja reconheciam que havia na própria cidade outros veterinários que já contavam com tecnologias bastante avançadas, as quais eu mesmo desejava encontrar. Contudo ele promovia diagnósticos e procedimentos que, mesmo não tão precisos quanto aqueles que pode m ser feitos a partir das novas tecnologias à disposição da medicina veterinária, tinham o diferencial da experiência e da sensibilização. Nisso, as pessoas que procuravam o espaço com seus animais, creditavam seu reconhecimento.

Até mesmo Paula, sua filha recém formada, reconhecia que muito do que se fazia ali era uma questão de prática e experiência.

Eu não posso negar que essas máquinas de hoje facilitam muito o nosso trabalho. É difícil diagnosticar algo em um animal - ele não chega dizendo o que está sentindo, onde está a dor, etc. Mas o tempo vai melhorando o nosso trabalho. Claro, sempre é preciso estudar muito, ler o que estão pesquisando e des-

coabrindo. O pai faz isso: vai nas feiras da área, faz cursos todo o ano, mas eu concordo com ele que tem certos equipamentos de hoje que são um absurdo - alguns apenas fazem o que qualquer veterinário experiente já faz, mas que os novos, da minha geração, não estão mais tão preocupados em aprender e outros são muito caros para a nossa realidade. O grande diferencial do pai é que ele olha para cada animal como se fosse único. [...] Ele considera os padrões de diagnóstico de uma doença, é claro, mas ele não generaliza, porque sabe que hoje em dia, esses animais não vivem nas suas condições naturais - eles são como um bebê, que precisa de atenção, cuida e principalmente carinho (Paula, falando sobre o trabalho de seu pai, junho de 2009).

Quando traçamos alguns objetivos para uma pesquisa, optamos por deixar de fora certos elementos, previstos ou não no projeto. A discussão sobre a “humanização dos animais” não era aquela que eu queria dar algum tratamento - de alguma forma ela me parecia um novo clichê para uma velha discussão de quem tem a ação - nesse caso, uma domesticação em vias solidárias: não se trata mais de objetificar o animal, mas estender-lhe um pouco do nosso algo a mais. Por isso, sempre que as nossas conversas seguiam esses caminhos, a dos “bebezinhos”, dos “lindinhos”, dos “filhinhos”, eu ficava um pouco tentado a sair da questão. Certamente, isso é um daqueles equívocos que comete-se em campo quando se faz de algumas ideias, escudos para não se ouvir outras. Foi apenas na revisão do material de campo, tempo depois, que eu notaria que mesmo “clichê”, como eu assim considerava a questão, ela era, de fato, central - ver o animal como um ser singular, dotados de qualidades particulares, diga-se subjetivas, experienciais, era uma dar chaves que acionava vários investimentos, e que trazia, igualmente, diversos custos.

Aos poucos, e apenas depois de algum tempo, fui percebendo que um novo movimento tornava-se crescente na loja - os com cães com diagnósticos “psiquiátricos” que se tornavam consumidores de medicamen-

tos psicotrópicos. Um dos primeiros casos foi o de Pink, uma cadela da raça *poodle* que havia sido curada dois anos antes de um tumor na laringe e que agora estaria com depressão. É a partir da exposição dele que me ocupo com a temática no próximo capítulo.

Salvos pela Natureza

Tirei o jaleco branco e parei no balcão para algumas anotações. Era quase onze, e dali a pouco eu iria direto para a academia, ainda antes do almoço.

– *Eu não vou deixar ela aqui, hoje é sexta.*

A voz da mulher ao celular vinha da sala de espera. Apenas olhei. Dado a hora, eu não queria me envolver. No sofá, uma *poodle* grande, com meio corpo deitado sobre a sua perna.

– *Sim, vamos ver o que esse aqui diz. Qualquer coisa eu volto pro trabalho hoje à tarde. Acho que não é depressão.*

Olhei de novo. Ela continuava ao celular, mas sem falar. Passei direto e fui até a sala de Marcos e esperei no lugar de sempre. Na mesma hora ele veio da internação e convidou-as a segui-lo.

– *Bom dia.*

Marcos fez os cumprimentos e apontou para mim e disse que eu acompanhava os trabalhos. Ela me olhou com um sorriso e balançou a cabeça e se apresentou como Bia.

– *Então, como é o nome dessa menina?* Ele perguntou, olhando para a *poodle*.

– *É Pink. Mas, eu não sei o que ela tem, anda meio triste.* Respondeu a mulher.

– *Vocês já consultaram aqui?*

– *Não.*

– *Quantos anos ela tem?*

– *Nove.*

– *Alguma coisa diferente nos últimos dias: não come...?*

– *Eu sempre fui no Dr. Roberto e ele e o outro que trabalha junto disseram que ela está com depressão, mas eu não acredito nisso: minha amiga na contabilidade é depressiva e não se comporta assim. A Pink geme a noite toda, uiva - acho que já perdeu alguns quilos, não vai direito no banheiro, se coça toda e fica assim, toda tristonha. Eu tenho medo de que ela esteja doente de novo.*

– *O que ela tinha?*

– *Com seis anos o Dr. Roberto curou ela de um tumor na garganta. Ele operou e depois fez quimioterapia por um tempo. Curou tudo, mas pode ter voltado. Não é?*

Marcos anotava tudo no prontuário, no computador. Eu continuava em silêncio, escrevendo também. Em seguida ele se levantou e pediu que Bia levasse Pink até a mesa de exames. Como de costume, eu fui ajudar. A cachorra mal se mexia e Marcos puxou suas pálpebras, olhou as gengivas, apertou o abdome em movimentos de massagem e com o estetoscópio ouviu seu coração e pulmões. Em seguida, ele a puxou pela nuca e me olhou: a pele demorou a se restabelecer no lugar - estava desidratada, eu já havia aprendido isso. E ele voltou para a mesa fazendo sinal para que Bia fosse também.

– *Ela está bem debilitada. Mas ainda é difícil dizer o que é. Eu vou precisar fazer alguns exames.*

Bia abaixou a cabeça um pouco e ficou olhando para Pink. Tudo indicava a sua internação.

– *Tudo bem. Mas será que é depressão? Isso pode?*

– *Eu farei uma biópsia para ter certeza do tumor. Acho difícil ter voltado, mas pode acontecer. Se não for isso, pode ser que seja depressão mesmo. Ela fica sozinha?*

– *Enquanto eu estou na contabilidade sim. Eu chego depois das seis.*

– *Pode ser isso.*

– *Mas em cachorro? A minha amiga que tem depressão fica até dopada com o faixa preta que toma. Tem vezes que ela tem que ir pra casa, senão dorme no escritório. A Pink vai ficar assim?*

– *Não. Caso seja isso mesmo, eu vou receitar a dosagem certa de um composto de fluoxetina - tudo de acordo com o peso e as medidas dela. Daí, você manipula na Gemballa. Enquanto isso, ela precisará ficar aqui até, pelo menos, na segunda - ela está muito desidratada, e nisso aproveito para fazer os exames.*

– *Tá, mas a Gemballa tem remédio pra depressão de cachorro?*

– *Sim.*

– *Nossa, eu não fazia ideia - então, isso existe mesmo.*

Os cães com depressão existem. Por mais trivial que pareça uma afirmativa dessas, ao longo desse capítulo, ela diz respeito àquela ideia de que o conhecimento consiste naquelas crenças que as pessoas sustentam com confiança e com as quais levam a vida (Bloor, 2009). Consoante às discussões anteriores, aqui eu dou continuidade a ideia geral de seguir o trabalho dos veterinários em suas práticas, e o modo como a relação entre humanos e animais se configura na clínica. Contudo, some-se a isso o levantamento de questões sobre a humanização dos animais - agora, na multiplicação de semelhanças, com o reconhecimento de uma subjetividade deles, aparente pela apatia, tristeza e comportamento. Mais que isso, é nesse capítulo que me detenho à discussão do que poderia se chamar de *consumo de ciência*, mas especificamente, pela conjugação e tradução de elementos da ciência positivada - da neurologia, da psi-

quiatria e da psicanálise, com os conhecimentos ditos comuns sobre a depressão ou ansiedade.

3.1 Uma Nova Epidemia

No sábado pela manhã eu voltei. Pink havia passado a noite tomando soro para se reidratar e parecia melhor. Depois que Bia saiu de lá no dia anterior, ajudei Paula com alguns exames e procedimentos clínicos. Foi com grande insistência de Marcos que Bia deixou a *poodle* internada.

Enquanto a contadora ainda estava na loja, ele não fez nenhuma intervenção mais invasiva na cachorra, apenas ficou repetindo alguns testes simples, como bater palmas próximos da sua orelha ou passar o bloco de receitas na frente dos seus olhos, avaliando suas reações aos estímulos externos. Segundo Bia, a cachorra já havia perdido quase metade do peso nas últimas semanas. Ela contava que mesmo ficando fora o dia todo, percebia que Pink não se alimentava, pois a ração e a água permaneciam da mesma forma que ela deixava, pela manhã. Em poucos minutos, Paula repetiu várias das perguntas que Marcos também havia feito - e imaginei que fosse alguma estratégia para confirmação de respostas ou para a identificação de contradições. Ao final, a dona questionou novamente se era depressão, como já havia ouvido de outros veterinários, e que agora se somava com a suspeita de Marcos. Mesmo assim, para tirar ainda uma última hipótese de cogitação, ela perguntaria se

poderia ter sido um bombom, porque a mãe dela, às vezes e às escondidas, dava chocolates e outras guloseimas para a cachorra. Os veterinários quase descartaram isso de imediato, mas avaliariam uma possível intoxicação alimentar. Eu ouvia tudo aquilo com certo entusiasmo - fazia tempo que eu saía da loja com a sensação de que “nada era interessante”, mas a história da depressão mexeria comigo.

Depois que Bia saiu, na mesa de mármore, Paula e eu passamos ao exame de Pink. Ela mediu a febre, inserindo o termômetro no ânus da cachorra, tomou os batimentos cardíacos com um estetoscópio, e repetia alguns dos testes de Marcos, passando o dedo de um lado para outro em frente aos olhos para ver se ela acompanhava os movimentos, puxava a pele da sua nuca e fazia quaisquer toques e pequenas massagens ao longo do corpo. De tão debilitada, mesmo nos gestos mais bruscos, Pink não ensaiava nenhuma reação, de modo que eu nem precisei segura-la, como já fazia por costume durante os exames. Bom para mim, pensei, que por mais que me esforçasse em participar do cotidiano daquele lugar, não me sentia muito à vontade nesses contatos mais diretos.

– *Não me parece intoxicação não*, comentou Paula. *Nós vamos tirar uma amostra de sangue e encaminhar para o laboratório. Vou pedir tudo, daí a gente já vê se é alguma intoxicação ou qualquer outra coisa*, sentenciou.

Marcos voltou para a sala com uma *gillette* nova e raspou os pelos no entorno do tornozelo de uma das patas dianteiras de Pink, contando com a ajuda de Paula para segura-la. Segundo ele, ali era o melhor lugar para a coleta do sangue, pois era mais fácil de localizar as veias. Paula segurou a cabeça e a pata da cachorra, enquanto ele “achava a veia” para a coleta de uma seringa cheia. Em seguida, ele colocou o conteúdo da seringa em um pequeno recipiente cilíndrico, feito um Tubo de

Becker, mas com tampa plástica para proteger o líquido. Balançou o tubo com sangue de um lado para outro, e definiu que ele estava numa consistência normal - ou, pelo menos nos seus dizeres, não estava contaminado por carrapatos.

– *Se ela tivesse contaminada por carrapatos, o sangue estaria assim ‘uma coisa’.*

Na hora, eu não sabia ao certo o que seria “uma coisa”, mas fiz por minha conta uma imagem de algo meio gelatinoso ou com alguma consistência diferente daquela líquida. Na verdade, depois eu fui pesquisar e descobri que ele estaria mais “apagado”, o que seria um indicativo da *babesiose canina* - uma doença parasitária transmitida por carrapatos, que pode gerar a anemia, perda de peso, fraqueza ou estados depressivos, até chegar a morte (Corrêa et al, 2005). Alguns dos sintomas que compunham o quadro de Pink.

Enquanto Marcos preparava a amostra, separando algumas gotículas do sangue sobre um lâmina de microscópio, e etiquetando o tubo com a identificação da cachorra, Paula pediu que eu ajudasse com o soro. De início, ela quis aproveitar a mesma área já depilada por Marcos, para procurar outra veia para colocar a agulha do soro. Mas antes de começar o procedimento, ele sugeriu que ela fizesse isso no outro lado, para não gerar tanto trauma em um só lugar. Então, nova depilação e dessa vez, por minha conta, pois Paula se disse meio desajeitada com a *gillette*. Ocorreu-me, lembro-me bem, um certo temor em cortar a pele daquela cachorra, chave de tanta movimentação naquela manhã, mas aceitei o pequeno desafio.

Paula segurava Pink e em um ou dois minutos, minha parte estava feita - agora ela teria de inserir a agulha do soro. Agora Pink já ensaiava

reações, e Paula que dizia que ela estava ficando estressada foi rápida com a agulha e com a sonda que passaria a ocupar o seu lugar. Enquanto isso eu tentava distinguir uma veia de uma artéria, apenas olhando a diferença de cores, como já haviam me ensinado, mas eu não conseguia notar a diferença.

Terminado o processo de encaixar os pequenos tubos, Paula verificou o fluxo exato do soro, ajustando uma válvula plástica, perto da bolsa de um litro. Para evitar a entrada de ar nos tubos, Paula ainda fincou no alto da bolsa de soro, no intervalo entre o líquido e o topo da embalagem, a agulha antes usada para encontrar a veia de Pink. Na sequência passamos a um enorme curativo, envolvendo de uma só feita, a pata, a “agulha de plástico” e parte do tubo que conduzia o líquido, de modo a manter tudo imobilizado caso Pink se mexesse bruscamente durante a internação. Em seguida ela tomou a cachorra nos braços e pediu que eu ajudasse a levar o soro, sempre em um ponto mais alto que a cachorra, para que o fluxo de soro fosse mantido e para que ar não entrasse no interior do tubo. Na sala de internações, Pink ocuparia uma gaiola e eu colocaria o soro em um suporte metálico próprio para esse fim.

– *Agora a nossa “deprimidinha” vai ficar assim um tempinho, até a próxima rodada*, disse Paula, com um meio sorriso.

A “próxima rodada” seria a biópsia. Como não encontrou nenhuma alteração aparente no volume da região do pescoço da cachorra, Marcos decidiu por não fazer intervenção cirúrgica. Segundo ele não justificaria “cortar” o animal se era possível a coleta por aspiração. A biópsia aspirativa é um método de coleta de material que se faz por meio do uso de uma agulha na região do processo tumoral, com ampla utilização entre humanos, e que tem se tornado cada vez mais comum na

medicina veterinária, justamente pela facilidade com a qual o diagnóstico pode ser realizado (Cunha, 2009).

Contanto que a biópsia já permitiria o exame celular, Marcos ainda se encarregaria de mais algum morfológico, e se encarregaria de fazer o *raio-x* da cachorra para avaliar alguma metástase (formação de novo tumor a partir de outro, em geral em lugar diferente)²¹. A sua preocupação era de deixar isso pronto logo, pois no fim de semana não havia como dar encaminhamento ao exame. Isso, porque enquanto eu ajudava Paula com os procedimentos finais da internação de Pink, Marcos já preparava lâminas com a amostra retirada da cachorra, que seriam despachadas para Belo Horizonte (MG) ainda naquela tarde, via *Sedex 10*.

– Faz um bom tempo que eu trabalho com um laboratório de lá. Eles tem excelência nesse tipo de exame, são rápidos e precisos. Segunda-feira a amostra chega lá, e no mesmo dia, eles já vão me enviar o resultado, por e-mail.

Para eu que queria sair mais cedo e fazer meus exercícios, já era passado da meia hora da tarde, e como os veterinários sabiam qual era a academia que eu frequentava, pediram-me que levasse a amostra de sangue até o laboratório lá próximo. Ao final da tarde, um deles passaria lá para pegar o seu resultado. Peguei minha mochila lá no armário da sala de banho e tosa, temporariamente desativada, e guardei a encomenda com cuidado, entre minhas roupas de academia.

– Só vou te pedir pra não virar isso, nem quebrar, nem perder, dizia Paula rindo.

Marcos saiu na mesma hora - ia almoçar e levar a amostra da

²¹ Cf. “Câncer em Animais”:<<http://www.saudeanimal.com.br/artigo81.htm>>. Acesso em setembro de 2011.

biópsia nos correios, e eu saí rindo também, com o pensamento no tubo cheio de sangue de cachorro com suspeita de depressão, para ser entregue no mesmo laboratório onde eu fazia os meus exames rotineiros.

No entanto, não era apenas a convivência entre eu e Pink, do laboratório de análises clínicas, que me despertava o estranhamento. Minhas idas para a academia eram recomendações médicas. Segundo ele, eu andava muito estressado, ansioso, preocupando-me em demasia com o trabalho e me alimentando mal, acumulando peso, muitos afazeres, hábitos sedentários e mais uma lista de problemas que ele havia capturado em minhas poucas respostas às suas perguntas. Recomendou-me então exercícios frequentes, um tempo para relaxar - idas à academia, para manter a regularidade das atividades e contar com orientações.

De alguma maneira aquilo foi decisivo para a pesquisa. Parecia irônico, mas um pouco antes eu ouvira Marcos falar para Bia que ela deveria se envolver menos com o trabalho, de modo a permitir mais tempo livre com Pink, que deveria alimentá-la mais adequadamente e a levar para exercícios no parque da cidade, isso porque que o apartamento fechado a deixaria estressada, ansiosa e com a saúde ruim. E foi desde de que Pink apareceu na loja, passei a focar minha atenção nos casos em que, à falta de uma origem mais precisa para certos estados nos quais certos animais se apresentavam, eram imputados a eles o diagnóstico de depressão.

As controvérsias em torno da depressão são bem situadas por Philippe Pignarre (2001, p. 21), especialmente a partir de algumas transformações da psiquiatria. Entre elas, o laço com a biologia e o uso do DSM:

Le *DSM* est avant tout un outil para établir le consensus: oublions tous les sujets qui fâchent (les causes des troubles mentaux) pour nous concentrer sur les points d'accord (les manifestations visibles des différents troubles) Son mode de rédaction en témoigne: des groupes des psychiatres américains se réunissent pendant des années pour établir par consensus les critères permettant de classer les patients. Le *DSM* n'a uniformisé la manière de poser un diagnostic que parce qu'il a d'abord uniformisé les psychiatres dans la manière d'observer les patients.

A questão que o autor coloca é a de que desde o DSM, aparece a imposição de uma depressão universalizada - e por isso ele chama isso de epidemia, já que no mundo psiquiátrico ocidental, ela se baseia sob os mesmos sintomas consensuados na APA. A uniformização do olhar do psiquiatra, aos moldes da associação americana, passou a definir e diagnosticar a depressão a partir do reconhecimento de pelo menos cinco sintomas por um período igual ou superior a duas semanas. Pignarre (2001) elenca esses sintomas: “tristeza excessiva”; “perda de interesse, incapacidade de agir”; “problemas de apetite”; “problemas com o sono”; “agitação ou desaceleração”; “fadiga, perda de energia”; “culpabilidade excessiva”; “dificuldade em se concentrar” e “vontade de morrer”.

Muitos desses sintomas aparentes, são justamente aqueles com os quais as pessoas se autodiagnosticam com a depressão e por conseguinte equivalência, eram com esses que elas diagnosticavam os seus animais de estimação. Imagine-se então como antropólogo em trabalho de campo numa *pet shop*, com o compromisso iminente da escrita de uma tese, e dividido entre a pesquisa e o trabalho na universidade e a organização de documentos e providências burocráticas para sair do país em favor de um estágio doutoral. Eu estava, fazia algumas semanas, experienciando alguns daqueles sintomas. Na mesma via, Pink também os aparentava e

isso nos aproximou em um primeiro momento - mesmo sendo ela uma cachorra, e eu um humano. Para o alívio do sofrimento dela, o veterinário pediu que se desse condições de ela mudar as suas rotinas. Igualmente, para o alívio dos meus problemas, o meu médico fez as mesmas recomendações, de modo que a humanidade de Pink parecia tão evidente quanto a minha. Mas isso não bastava: para o seu tratamento, ela precisaria de *fluoxetina*, tanto quanto eu precisava de *sibutramina*. Desde Descartes, a ciência e a filosofia entendem a subjetividade e a experiência como aquilo que compõem o mundo privado, de difícil acesso e análise. Mas isso não era mais um problema - por sorte, a nossa natureza era equivalente. Descortinados, ambos, da nossa humanidade, sobrávamos os dois, feito bolos de compostos orgânicos e inorgânicos em desalinho. Esse é um dos efeitos entre o casamento da psiquiatria com a biologia, apontado por Pignarre (2001; 2006): ele divide subjetividade e fisicalidade e age na segunda para obter respostas na primeira.

Azize (2010, p. 03) também pontua isso ao se debruçar sobre o que ele chama de “nova ordem cerebral”. Para ele:

Um vocabulário relacionado às “novas ciências do cérebro” - neurônios, neurotransmissores, sinapses, serotonina, etc. - começa a fazer parte do acervo semântico do qual o público leigo lança mão em seu cotidiano para falar dos mais variados temas que dizem respeito ao comportamento e sentimentos humanos. Estamos atravessando um processo de popularização desse tipo de saber, assim como já vivemos uma popularização de saberes ligados aos conhecimentos ‘psi’, como inconsciente, ego, ato falho, etc. Ecos de uma ‘cultura psi’ convivem hoje de forma complexa com um discurso no qual o cérebro tem preeminência sobre a mente; ou melhor, a mente é um epifenômeno do cérebro, uma consequência direta de sua atividade química e elétrica. Trata-se aqui de pensar o papel da difusão científica nesse processo. Mas

também refletir sobre uma mudança mais ampla em termos de visão de mundo, a partir da qual uma noção de pessoa centrada no cérebro começa a fazer sentido.

A questão que se coloca aqui é a de que, para mais além do que sugere Azize (2010) esse novo vocabulário não era apenas acionado para tratar dos comportamentos ou sentimentos humanos. Ele fazia fazer sentido aqueles do animal humanizado. A bem da verdade, eles permitiam constituir ou reificavam a humanidade de Pink ao mesmo tempo em que faziam aparecer a nossa animalidade - afinal, até podemos questionar a tristeza e a apatia da cachorra e duvidar de uma subjetividade que a singularize entre outras da mesma espécie. Mas não podemos negar que ambos temos cérebro e neurotransmissores, com atividades químicas e elétricas que funcionam a partir dos mesmos princípios. No século do cérebro, a animalidade nos uniu. Como continua Azize (2010, p. 07) “novas formas de objetividade e novas formas de subjetividade confundem-se em um discurso que mescla cérebro e pessoas, imagens técnicas e sentimentos, razão e emoção”, e porque não, o humano e o animal.

3.2 Coisas de Mulher

Durante o restante de tempo em que fiz o trabalho de campo na loja, aparecia, em média, pelo menos um cão por semana que levaria consigo esse diagnóstico, somando algo em torno de trinta deles. Mesmo que minhas preocupações não se deram em termos estatísticos, dois fatos

chamavam a atenção - o primeiro deles é que há em Rio do Sul dezenas *pet shops* e alguns amigos que sabiam de meu trabalho, falavam-me que fenômeno semelhante se tornava frequente em outras lojas. O segundo deles é a incidência em cadelas, pois pelo menos dois terços dos casos que acompanhei mais de perto eram entre fêmeas de pequeno e médio porte.

Além da loja de Marcos, às vezes, eu acompanhava Paula até outra clínica bem próxima - a de Alice, sua amiga e ex-colega de faculdade. Ela confirmava muitos casos de depressão, e especialmente pelo fato de que a sua loja possuía uma ênfase especial - era uma *pet shop* de ginecologia e obstetrícia - onde a maioria dos cães depressivos eram cachorras que somavam à depressão, o diagnóstico de gravidez psicológica.

A clínica de Alice era de um porte bastante menor que aquela de Marcos, e ficava no segundo piso de uma *pet shop* que tinha outra pessoa como proprietária, ou seja, não se tratava de um único estabelecimento, mas apenas de uma proximidade estratégica. A questão chave dos seus serviços era a sua especialidade - o foco era o acompanhamento da gravidez de gatas e cadelas, como também o auxílio aos partos ou a aplicação de vacinas anticoncepcionais. Tratava-se de uma “clínica para coisas de mulher”, como definia Alice. Mas o seu trabalho era ainda bem mais amplo.

O grande problema é que as pessoas não planejam a gravidez dos seus animais. Bem, se muitas vezes nem planejam nem para si. Mas eu tenho feito um trabalho de conscientização aqui. Mas é difícil, porque em casa, as pessoas até cuidam e não deixam os animais se misturarem ou saírem sozinhos pela rua. Mas nos fins de semana ou nas férias eles saem para passear ou recebem visitas e aí juntam os animais da família e o controle se perde (Alice, em outubro de

2009).

Eu não acompanhei nenhum dos seus procedimentos, mas pela sua apresentação, a clínica era bem equipada: tinha um aparelho de ultrassonografia, que Alice comprou de “segunda mão” de uma médica ginecologista da cidade. Além de dispor de uma sala de cirurgia para partos cesarianos e outra mesa para os partos naturais, além do material clínico e farmacêutico de praxe.

Alguns *blogs* ou *sites* de clínicas veterinárias, difundem as vantagens do pré-natal animal. Fazendo um sobrevoo nos seus conteúdos, é possível ler recomendações que incluem cuidados com dietas, que devem incluir mais ferro para evitar a anemia da futuras “mamães”, exercícios, especialmente aqueles que promovam a desenvoltura abdominal, em favor de partos naturais, além de exames clínicos e hemopatológicos, a fim de evitar surpresas ou complicações, especialmente em casos de gravidez de risco²². Além desses textos, a expressão “mamãe”, para se referir às cadelas e gatas eu já via como comum, pois era dessa forma que Paula, Alice ou Marcos tratavam esses animais nessas condições. Mas em certa ocasião, Alice fez questão de me corrigir quando eu perguntei a ela detalhes sobre a prenhez das cadelas. Os detalhes não aparecerem, o que veio foi a explicação de que o termo prenhez era inapropriado para os animais de estimação. Como ela me dizia, “eles são tão humanos”, que “a gente” costuma dizer que elas estão grávidas, por isso as recomendações para ultrassonografia, os exames laboratoriais para a detecção de

²² Ver, por exemplo: <<http://www.senamadureira.com/midia15.html>>, acesso em maio de 2010; <http://www.petfriends.com.br/veterinario/dicas_fileti_prenatal.htm>, acesso em maio de 2010. Ver também a matéria intitulada “A Mordomia das Futuras Mamães”, da *Revista Veja*, ed. 1828, de 12 de novembro de 2003.

alguma alteração bioquímica no corpo, e é claro, o que ela dizia ser o mais importante, “cercar a futura mamãe” de todos os carinhos e mimos para “aquele momento tão especial”:

O meu espaço está pensado para isso: o melhor para as futuras mães. Trata-se de um período importante na vida de todos. Durante a gravidez e mesmo no puerpério, o corpo faz uma bagunça nos hormônios - isso serve para a gente, como para elas [as cachorras e as gatas]. Então é preciso cuidados especiais, seja com a saúde, seja com o preparo do ambiente: é preciso um lugar para acomodar os filhotes, tem que se pensar na iluminação, na temperatura, na higiene, enfim, em tudo. Ah, e sem esquecer, é preciso também uma boa dose de paciência. Ninguém fica igual nesse período (Alice, em setembro de 2009).

Isso tudo era interessante. Alice fazia várias referências ao feminino na sua propensão ao cuidado das “grávidas”, com paralelos constantes sobre o lugar da mulher na sociedade contemporânea ou as suas conquistas dos últimos anos, como a presidência em vários países, e outros importantes postos em instituições públicas e privadas. Contudo, ao mesmo tempo em que ela afirmava a força da mulher, ela associava às fêmeas - cadelas e gatas, a fraqueza, o cuidado especial ou a sensibilidade - “as pobrezinhas precisam mais cuidado, como toda mulher”, dizia com frequência. O lugar do feminino parecia afirmar, à moda daquilo que provoca Spivak (1998) ao tratar da ideia de minoria, uma posição sempre instável - as ditas minorias se dizem fracas e esquecidas e então querem voz, quando elas a tem, não são ouvidas, porque não são mais fracas e esquecidas - ou seja, não são mais minoria. Como ali, no discurso ambíguo de Alice, a mulher tem mostrado nos últimos anos a sua força e por isso agora pode requerer seus direitos de carinho e cuidado ne-

cessários à manutenção da sua fragilidade.

As fronteiras entre o humano e não-humano se tornavam assim contingentes, a medida em que, fêmeas caninas eram equivalentes ao feminino humano, e traziam consigo os rótulos de gênero. Ao mesmo tempo, gravidez e filhos apareciam como uma espécie de eufemismo para prenhez e prole, que são tão animais. E nesse mesmo contexto, aparecia a depressão. Na literatura médico-veterinária que eu pesquisei havia pouca associação entre depressão e gravidez psicológica, contudo, nos *blogs* e outros *sites* “não-científicos” ou mesmo no discurso de Alice, havia uma correlação bastante pragmática, entre elas. De uma forma geral, a depressão aparecia como denotando a fraqueza da cadela - nesse caso, uma fraqueza psicológica, associada à “frustração” diante da falsa gravidez ou a “carência” diante da ausência dos “filhotes idealizados”. Segundo Alice,

elas [as cadelas] começam a ganhar barriga, ficam com as tetas inchadas e quando chega o tempo da cria se aninham para terem os filhotes. Mas filhotes não aparecem. É frustrante - imagine o que isso representa para uma mãe que idealiza a chegada dos filhos. [...] Então ficam depressivas. A solução, nesse caso, é a aplicação de anticoncepcional ou castração, para a gravidez, e a administração de psicotrópicos à base de fluoxetina - um santo remédio para a depressão (Alice, em outubro de 2009).

O termo veterinário para a gravidez psicológica é *pseudociese canina*. Também conhecida como pseudogestação clínica ou manifesta ou pseudoprenhez ou falsa gestação, segundo Lopes & Martins (2005), ela é caracterizada pela “mimetização dos comportamentos pré, peri e pós-parto”, acompanhado da “adoção de objetos inanimados ou de filhotes

de outras fêmeas, com excessivo carinho, atenção, proteção e defesa”. Muitos das condições dessas cadelas são de fácil tratamento clínico ou mesmo nem requerem ele, pois no final do ciclo o conjunto sintomático tende a desaparecer. Questões mais pontuais são de fácil manutenção, apontadas por Martins & Lopes (2005): trata-se do cuidado com as possíveis diarreias e vômitos, além da produção e secreção láctea, que podem ser tratadas impedindo a ingestão de líquidos por seis ou sete noites e fazendo-se o uso de um colar elizabetano, que impeça a lambertura das mamas, que estimula a prolactina.

Os maiores problemas são aqueles de ordem “psicológica”, já que as cadelas nessa condição podem apresentar agressividade, ganhos de peso pela compulsão alimentar ou anorexia e a depressão. Nessa situação, há o requerimento de estímulo às atividades físicas associadas ao uso de medicação. O interessante é que uma lista de “tratamentos baseados no uso de estrógenos, progestógenos e andrógenos” e outros outros esteróides são tomados como “não muito indicados”, por conta dos efeitos colaterais. O sugerido são os tratamentos com “agonistas seletivos e não-seletivos de dopamina”, entre os quais, alguns são indicados para a depressão. Como muitos dos medicamentos indicados não são licenciados para uso veterinário no Brasil, as autoras trazem um boa lista de equivalente de uso humano. Mas o ponto é que, mesmo as “questões psicológicas” são entendidas, nesse caso, como questões físicas - afinal, a fluoxetina, por exemplo, cumpre bem o “seu papel de refazer o balanço neuroquímico cerebral”. O psicológico aqui segue um entendimento fiscalista, e não metafísico - emoção, subjetividade, identidade ou qualquer equivalente a ele é entendido como próprio da natureza (no sentido de físico,

biológico)²³.

Nesse caminho, a questão latente, e que engloba depressão, gravidez e feminino, faz eco àquilo que Tornquist & Maluf (2010, p. 442) problematizam ao discutirem o trabalho de Silveira (2000²⁴), sobre as mulheres que narravam seus dramas cotidianos, seus ataques e sensações físicas e emocionais naquilo que se chamava “doença de nervos”. Pelo fato de não terem suas queixas ouvidas pelos médicos, elas se investiam no uso de calmantes. Essas medidas se tornavam um idioma que expressava dimensões pessoais e sociais, da mulher fraca, nervosa, que levavam à tona configurações hierárquicas de gênero. O que isso rende, especialmente no modo como a veterinária colocava a questão, é de que a depressão canina com sua incidência maior em fêmeas, não era apenas uma questão de reação à gravidez psicológica - era um problema emocional, que deveria ser tratado quimicamente, pois se referia ao cérebro - mais especificamente, ao cérebro de fêmeas - era da sua natureza

²³ Segundo as mesmas autoras, apesar tenha ocorrência comum, sua incidência e distribuição permanecem ainda desconhecidas, mas “especula-se que sua manifestação seja uma característica evolutiva herdada pelo cão doméstico”. A vantagem evolucionária, nesse caso, se daria pelo fato de que a “fêmea dominante” poderia caçar enquanto outras, mais fracas do grupo fizessem o trabalho de amamentação. Pois bem, parece que no “mundo animal”, tal qual nos modelos capitalistas tão discutidos nas ciências humanas, é preciso que alguém de conta das rotinas de manutenção da vida cotidiana (e natural), enquanto outros fazem o trabalho fora de casa (cultural e provedor). De momento, isso fica apenas como uma anedota, mas é interessante problematizar uma questão - ou bem os antropólogos questionamos os “modelos naturais” e como humanos nos colocamos de fora da questão, ou bem os veterinários e demais cientistas naturais “culturalizaram” os seus discursos, ao reafirmaram modelos de gênero - quem é forte ou quem é provedor até a afirmação da heteronormatividade. Outra questão importante nesse íterim, que pode ser mais densamente explorada, é a tensão sobre isso que entendemos por psicológico - se ele se remete à fisicalidade, a resultado de processos neuroquímicos do cérebro, não fica difícil de se aceitar a equivalência entre humanos e cães. Mas se psicológica diz respeito a algo metafísico, espiritual, ele se contrapõe àquelas ideias tão tradicionais de que o que nos diferencia dos animais é justamente a racionalidade ou a habilidade representativa.

²⁴ Ver, SILVEIRA, Maria Lucia. **O Nervo Cala, o Nervo Fala**: a linguagem da doença. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

e estava incluído naquele pacote de “coisas de mulher”.

3.3 Ficções Úteis

O diagnóstico da depressão era complexo e controverso: era preciso eliminar os “problemas físicos”, para partir para os “problemas psicológicos”, para enfim, medicar os cães. Conforme explicava Marcos, a depressão e a debilidade física resultante de má alimentação e de outras patologias, fazem parecer que os cães estão tristes, e isso, para os leigos é visto como a mesma coisa.

As pessoas adiam a vinda para o veterinário na esperança de que no dia seguinte vão acordar com o seu animal curado por si mesmo. Isso é um complicador da saúde de cães ou gatos, já que adoecidos eles se alimentam mal, se desidratam, e desenvolvem outras patologias, e podem vir a morrer é uma reação em cadeia. [...] Como veterinário eu sirvo mais para fazer milagres do que para prevenir um mal. Os bichinhos quase sempre chegam aqui à beira da morte (Marcos, dezembro de 2009).

Esse foi o caso de Pink, como também foi cerca da metade dos casos que acompanhei ao longo da pesquisa. No caso dela, logo de saída Marcos pediu que eu estivesse atento aos seu sintomas: o queixo apoiado no chão entre as patas dianteiras, a dificuldade para se levantar ou se locomover, o olhar perdido, os pequenos uivos tristes, patas e rabo apresentando feridas de mordidas. Com isso, ele já pré-diagnosticou a ca-

chorra como depressiva, mas haveria de buscar mais provas. A internação dela se deu por dois motivos - a debilidade física avançada e a necessidade de exames, especialmente pela variável a ser descartada - um novo tumor, resultante daquele retirado anos antes com cirurgia e cessado depois da quimioterapia.

A coleta de sangue, o raio-x ou a biópsia, não serviam para o diagnóstico da depressão - eles apenas permitiam o descarte de outras hipóteses, e na falta de questões orgânicas, passava-se àquelas emocionais ou comportamentais. Mas, à medida que apareciam os casos com menos históricos complicados e com menos resistência do dono, como foi o da Pink, os diagnósticos se faziam quase que automaticamente, a partir da caracterização da indisposição, da apatia e da tristeza. “Meu amiguinho está triste”, diziam a maioria, “isso é depressão”. Na sua empatia, aquilo que antes era a resposta final, aos poucos começava a se tornar a praxe.

De um modo amplo, ao utilizar como palavra-chave de pesquisa termos como “depressão canina”, “depressão - animais de estimação” em bases de dados que reúnem importantes periódicos de medicina veterinária, nacionais e internacionais (Scielo ou Periódicos CAPES, por exemplo), eu não consegui encontrar trabalhos dedicados a esse tema. Assim, à falta de “literatura científica”, comecei, nessa época, a me questionar sobre o estatuto dessa depressão canina. Ao passo disso, a pesquisa bibliográfica me permitiu descobrir que a medicina veterinária tem considerado como problema crescente na última década a Ansiedade de Separação em Animais - SASA, e esta era motivo de confusão nos dia-

gnósticos²⁵.

A SASA pode ser caracterizada por um conjunto de comportamentos indesejáveis, quando animais de estimação - especialmente cães, são deixados sozinhos ou quando estão afastados da figura de apego (Soares et al, 2010). Esses animais, uivam, choram ou latem em excesso, e podem urinar e defecar em locais onde o vínculo é, em geral, estabelecido.

Mesmo assim, na prática, as pessoas chegavam à loja se queixando de que seus cães estavam com depressão²⁶. Foi quando eu mudei minha forma de abordagem ao tema: eu deixei de questionar *se existe depressão canina*, tomei-a como um fato, e passei a perguntar para as pessoas como elas sabiam que os seus animais estavam sofrendo com ela. De um todo, as respostas novamente se voltavam para comportamentos aparentes, contudo pistas importantes para a formação de um contexto maior para o entendimento dos cães com depressão começaram a aparecer à medida em que as fontes das informações sobre esse mal foram aparecendo nos seus discursos:

Hoje em dia é fácil. É só procurar no Google. Tem tantos sites especializados nisso. As pessoas não sabem o que fazer quando aparece um problema porque não querem, pois informação tem por toda a

²⁵ Os termos utilizados para a busca de materiais eram combinações entre as palavras “depressão”, “cães”, “transtorno depressivo”, “depressão canina”, “animais de estimação”. Em alguns casos, esses termos eram lançados diretamente no *Google* ou no *Google Acadêmico*, como foi também essas combinações em inglês e em francês. Nesse caso, era mais fácil encontrar textos que tratavam do tema, exceto pelo fato de que o critério para atender a “cientificidade” do trabalho era a de que ele estivesse publicado em revista da área da medicina veterinária, ligada a alguma faculdade ou com ISBN. Não foi o caso. Os resultados da pesquisa apenas direcionavam a *blogs* ou *sites* de informações gerais - a exceção, eram aqueles institucionais, de laboratórios farmacêuticos, como discutido adiante.

²⁶ Note-se que são os humanos que se queixam da depressão dos seus animais, não os animais que se queixam dela.

parte. [...] Eu me cadastro em diversos sites para receber novidades sobre o cuidado dos pets (Carla, dona de uma poodle, em agosto de 2009).

Alguns são bem completos [sites] pois trazem até listas completas de remédios que podem ser utilizados nos nossos animais - ali tem tabelas com raças, tamanhos, idades e quantidade de cada remédio que pode se usar sem perigo à saúde (Aline, dona de yorkshire, agosto de 2009).

O que começou a ficar claro para mim é que enquanto eu procurava explicações científicas para a depressão canina, as suspeitas ou diagnósticos trazidos pelas pessoas à loja, frequentemente vinham de *blogs*, revistas jornalísticas, programas de televisão ou mesmo pela recomendação de amigos - como naquilo que Brown (2010) chamou de *epidemiologia popular*²⁷.

Seguindo essa pista, comecei a consultar os *blogs* que eram reco-

²⁷ Entenda-se que mesmo que as informações não fossem científicas, não significa que as pessoas fossem mal informadas. Pelo contrário, muitas vezes acompanhei alguns donos de animais recomendando leituras à Marcos, quando discutiam a depressão dos cães. Note-se também que nos últimos anos, importantes revistas brasileiras, como *Veja* e *Superinteressante* trouxeram na capa manchetes sobre o tema : “Eles venceram: cães e gatos são tratados como filhos em milhões de lares brasileiros, que gastam com eles 9 bilhões de reais por ano” (Veja, n. 29, de 22 de julho de 2009) ; “Cães e Gatos : a medicina deles é tão boa quanto a dos donos” (Veja, n.19, 12 de maio de 2010 - *op. cit.*) ; “Cachorros : por que eles viraram gente?” (Superinteressante, março de 2009, *op. cit.*) ; “Fuga das Relações : pesquisa revela que 18% dos brasileiros preferem a companhia de seu *pet* no Dia dos Namorados” (Psique, ano VI, n. 66, junho de 2011, *op. cit.*). Veja-se também a popularização de programas como o de Cesar Millan, o célebre “encantador de cães”, exibido até o fim de 2010 no *Animal Planet* e a partir de 2011 no *Discovery Channel*. Outro aspecto interessante na formação desse cenário local é que a UNIDAVI, passou a oferecer desde o ano 2000 o Curso de Psicologia. Com isso, houve nos últimos anos uma significativa desmistificação e popularização dos serviços dessa área, com crescimento de espaços dedicados à psicoterapia (até pouco tempo na região, psicólogos e psicanalistas eram comumente entendidos, grosseiramente, como “médicos para loucos”). Disso, resulta que algumas das pessoas que traziam seus cães à loja e sugeriam o diagnóstico de depressão, eram também usuários de serviços de psicoterapia, faziam análise e invocavam constantemente no seu vocabulário os conceitos de estresse, ansiedade, depressão, qualidade de vida, no que se pode chamar de “cultura psicologizada”. Sobre isso, ver Duarte & Carvalho (2005).

mendados pelos frequentadores da loja. Um deles, o *Dog's Times*, trazia definições bastante complexas sobre a depressão canina²⁸. Segundo ele, o fato de que cães podem sofrer de estados depressivos foi ignorado por muito tempo pelas pessoas e pelos veterinários - a isso se respondia como fatores de envelhecimento, motivadores da diminuição das atividades treinadas ou brincadeiras desses animais. Mas isso mudou com o estudo das patologias do comportamento, que entre outras coisas, passou a entender que a depressão em cães

é um estado particular das estruturas emocionais que se pode manifestar clinicamente de várias maneiras [...] o cão deprimido é um indivíduo apático, inativo, que não se interessa absolutamente pelo que o rodeia e que manifesta um estado de angústia permanente. No entanto, este estado pode se alternar com outros de agitação, característicos de uma das formas clínicas.

Dentre essas formas clínicas nas quais se manifesta a depressão canina, o *blog* caracteriza especialmente três: a *depressão de reação*, “causada por um estresse ou choque emocional grave”, onde “o organismo responde a uma sobrecarga de estímulos negativos”, como uma agressão, por exemplo, com estados transitórios de depressão, que duram de oito a dez dias, os quais não precisa ser medicado. A *depressão de regressão*, classificada pelo *Dog's Times* como muito grave, “caracterizada pela perda de comportamentos adquiridos” (especialmente de higiene ou ordens aprendidas em adestramento) e “pelo regresso a comportamentos infantis” (em particular a exploração oral). Nesse caso, “o animal cessa, quase que totalmente, de se movimentar, chora durante horas, faz as necessi-

²⁸ Cf. “Depressão”: <<http://www.dogtimes.com.br/depressao.htm>>, acesso em outubro de 2009.

dades debaixo de si mesmo e engole tudo o que encontrar nos seus escassos deslocamentos”. Aqui, segundo a orientação do *blog*, haveria a necessidade de intervenção psicotrópica à base de inibidores seletivos de recaptação da serotonina, como é o caso da fluoxetina. E, por fim, aparece a *depressão cíclica*, entendida como relativamente frequente especialmente entre fêmeas. Seus ciclos duram entre quinze dias e dois meses e se caracterizam pela “indiferença, tristeza, anorexia, perda dos comportamentos aprendidos”.

Noutro *blog*, as características de depressão canina eram associadas àquelas encontradas na literatura científica como SASA: “o comportamento de apego é essencial para a sobrevivência de animais sociais. É um mecanismo de coalizão social”²⁹. Segundo o veterinário Mauro Lantzan, autor da matéria, deve-se então estar atento ao que ele chamava de período de socialização entre o cão e seu dono, que segundo ele é o período fundamental para a determinação de hierarquias, comunicação e confiança entre ambos. Caso o animal fique muito dependente do seu dono, períodos de separação, como as idas para o trabalho por exemplo, podem desencadear esses comportamentos depressivos no cão:

a depressão, ou *estado depressivo*, pode estar relacionada à ansiedade e *acontece quando o animal é exposto a situações de estresse, em caráter crônico ou de forma traumática, passando a manifestar sinais de inabilidade em executar suas funções biológicas, apatia, inapetência e isolamento social* (grifos originais).

Na sequência, eu encontraria a explicação de que haveriam raças mais propensas à depressão, em especial aquelas “selecionadas para

²⁹ “Ansiedade de Separação em Cães”: <<http://www.saudeanimal.com.br/artig130.htm>>, acesso em maio de 2009.

companhia”, mas que mais determinante que isso, deveria ser a consideração de que mudanças bruscas de rotina, ausência dos próximos ao convívio - outros cães ou humanos - eram os principais fatores desencadeantes da depressão, pois os tornam “vulneráveis ao estresse”. No entanto, e sobretudo, o leitor deveria ter a consciência de que “cada animal é um ser único e deve ser encarado como um indivíduo dotado de características próprias”.

“Ser único”, “indivíduo com características próprias”, aquelas expressões já se sobressaíam em outras situações na loja. Mas continuei minha leitura:

a depressão deve ser encarada como um processo complexo. Uma vez diagnosticado o problema e definida a sua causa, o tratamento pode incluir medicamentos antidepressivos, como Prozac, além de mudanças no manejo. Remédios homeopáticos e Florais de Bach contribuem para o restabelecimento emocional do cão deprimido e podem ser prescritos pelo terapeuta. Melhorar a qualidade de vida do animal e cuidar do seu bem estar é também importante. Essa é a base da terapia comportamental.

Parecia que em cada linha lida eu encontrava mais um elemento a ser discutido, e ia se somando - “processo complexo”, “Prozac”, “remédios homeopáticos e Florais de Bach”, “restabelecimento emocional do cão deprimido”, “prescritos pelo terapeuta” ou “qualidade de vida do animal” - tudo isso fazia tanto sentido, ao menos no conjunto dos diagnósticos que chegavam à loja ou que eram feitos lá. Mas a questão é que aparentemente havia nesses *blogs* uma tradução de elementos característicos da SASA, para falar da depressão canina e somado a isso, uma leitura que era conveniente em relação aos estados apresentados pelo

cães e os interesses de seus donos.

Aparentemente, a ideia de depressão canina simplificava o entendimento entre os donos, já que se tratava de uma espécie de termo comum de uma certa camada da população que crescentemente tem feito uso de sistemas explicativos de mundo centrados no ego ou no subjetivismo – pelo reconhecimento de uma interioridade (Duarte & Carvalho 2005) Ao passo disso, ela promovia as *pet shops*, pois as colocava “na onda” da humanização dos animais (Kulick 2009) associada à reorganização comportamentalista das psicoterapias, que passam a supor a exigência de medicamentos psicotrópicos (Vlahos, 2008; Pignarre 2006). A tristeza e a melancolia não são a depressão. Mas a depressão se torna o nome geral para ambas. E isso não operava como uma simples substituição de termos.

Nos modos tradicionais de reconhecimento de uma doença, já bem apontou Langdon (2003), há uma proeminência de explicações cosmológicas onde as pessoas se compreendem como afetadas ou invadidas por algo externo a elas: um feitiço, um mal-olhado, um efeito do mundo sobre si. De outro modo, na maior parte dos modelos biomédicos uma doença é explicada como resultado de processos de desajustes fisiológicos, sejam eles de ordem congênita ou adquiridos por meio de bactérias e vírus. O primeiro, no mundo da *crença*, o segundo no mundo da *prova*. E em ambos um brecha para a desresponsabilização pelo sofrimento. Afinal, as pessoas são atacados por microorganismos e feitiços ou tem seus destinos traçados no nascimento, seja por suas divindades ou por seus genes (Segata, 2010).

Tristeza e melancolia são conceitos para estados ou modos de constituição do ser bastante complexos - mas solúveis, por serem metafí-

sicos. Se uma pessoa é ou está triste ou melancólico, isso é parte dela e ela pode se reconhecer bem ou feliz assim. Contudo, se ela se faz ou se percebe em desacordo com isso, é responsabilidade dela agir em função de se colocar em outros estados. Já a depressão, esse conceito de disputa entre a psicologia, a psiquiatria e a neurologia, traz em si o aspecto do negativo da patologia e ao mesmo tempo a possibilidade de fuga de responsabilidade pelo sofrimento³⁰. Depressão, na lógica biomédica, é uma questão de desordem da natureza psíquica ou neuroquímica - não é uma questão de escolha, mas de “ser escolhido”. Dessa forma, isso desresponsabiliza o sujeito, pois não é a pessoa que deve se desfazer disso - é preciso que algo ou alguém o faça por ela. E é aí que entre outras coisas as pessoas se autorizam à medicalização. Não é um problema a ser resolvido pelo sujeito, mas pela fluoxetina. Em uma fórmula resumida, tristeza e melancolia estão para o *agente*, tanto quanto a depressão está para o *paciente*. E é nesse caminho que Roudinesco (2000) faz sua defesa à psicanálise. Para ela, diferentemente da neurociências, das psicologias de modelo cognitivo ou da própria psiquiatria, a psicanálise se focaria no sujeito-agente que ao passar a se reconhecer como constituído pela depressão, passaria no processo analítico a se reconhecer também como aquele que potencialmente pode se constituir nela ou por ela. Enfim, um *sujeito melancólico*, e leia-se isso como positivo, tomando como contraponto um paciente *objeto da depressão*. Em termos mais gerais, Roudinesco (2000) nos transmite a ideia de que haveria um processo de *desagenciamento* dos sujeitos ao buscarem cada vez mais formas de tratamento que não exijam de si próprios um processo de análise. - o que pode, é claro, ser lido como

³⁰ Sobre a disputa entre as discussões subjetivistas e fiscalistas da depressão, ver Azize (2008)

outras formas de agenciamento.

Nesse caminho, importa perceber esses agenciamento na sua relação com Pink. As duas moravam em um apartamento, e sempre que Marcos responsabilizava Bia pelo sofrimento de Pink acusando-a de pouca dedicação a passeios pela rua e de não dispor de mais tempo livre para brincadeiras, Bia se desresponsabilizava em um contradiscurso que tinha sempre como eixo central um questionamento: “mas o que eu posso fazer se ela tem depressão?”. A fluoxetina, recomendada por Marcos era a única ação tomada em um tratamento que deveria incluir, primordialmente, mudanças de hábito ou caminhadas ao ar livre, que tirassem, minimamente, ambas, Bia e Pink do apartamento onde viviam. Mas, como se pergunta Roudinesco (2000), para que se preocupar com tanta coisa, posto que a neurobiologia tem a resposta certa e a indústria farmacêutica a solução? Parece que a natureza nos salvou - às suas desordens, a química traz as soluções.

No que se segue a isso, os estados apresentados pelos cães, segundo a literatura médico-veterinário, poderiam ser de SASA, caso fossem profundamente investigados ou de qualquer outra patologia que os colocasse em aparente tristeza e apatia. Mas a depressão passou a se tornar uma síntese provisória resultante de uma rede de mais complexa que permitia o entendimento comum e ao mesmo tempo movia ações. Como um modo de vida contemporâneo e com as facilidades do seu tratamento, especialmente possibilitada pela imensa mobilização de meios de financiamento de suas formas de tratamento medicamentoso (Roudinesco, 2000; Pignarre 2001, 2006), a depressão canina, tal qual aquela humana, se tornou uma epidemia.

A depressão canina poderia ser considerada, assim, uma espécie

de ficção útil, ou seja um dispositivo que permite o conhecimento e a organização de certas experiências no mundo. O que diz respeito às classificações que nos permitem construir uma determinada realidade na organização de fatos empíricos. Por alto, essa é uma ideia que aparece desde a filosofia kantiana, como aquilo que permite a solução de problemas factuais, àquilo que os norte-americanos costumaram chamar de *folk psychology*, onde a possibilidade de comunicar, conhecer e agir se dá na suposição de partilha de significados e nas crenças elaboradas a partir de experiências cotidianas (Davidson 1980; Machado, 2011; Zilhão 2001).

Assim, os cães com depressão são contingentes. Ou seja, eles resultam de novos conhecimentos engendrados a partir do surgimento de novos conceitos, novas técnicas e novos sujeitos de conhecimento que podem ser apreendidos na forma de uma síntese sempre provisória (Foucault, 2005; Simmel, 2006). Sua importância não se dá aqui pelo seu valor de verdade, no sentido de serem, de fato, um fenômeno patológico reconhecido pela literatura médico-veterinária, compondo novos índices epidemiológicos. O que eu considero interessante é que as pessoas se organizam em torno da sua existência.

3.4 Tristes Amigos

Havia, por fim, uma resposta bastante pronta para um amplo conjunto de medidas que autorizavam e naturalizavam a utilização de

tecnologias médicas, incluindo medicamentos, para animais de estimação: “é tudo igual”. Marcos e Paula frequentemente conversavam comigo sobre esses temas. E interessava-me em nossas conversas justamente a naturalidade com a qual elas se desenrolavam em suas longas narrativas sobre suas experiências de trabalho em *pet shops* e clínicas veterinárias. Para elas, o avanço da medicina veterinária e a emergência de cães com depressão era entendido como “super normal”.

Foi nesse período em que eu procurei os *Laboratórios Gemballa*, para onde eram encaminhados muitos dos donos de cães depressivos, para que encomendassem a manipulação dos medicamentos. Lucas, um dos bioquímicos do laboratório já era meu amigo há alguns anos, e comecei a envolver ele na pesquisa, questionando-o sobre as prescrições de fluoxetina para cães:

Vou ser bem sincero. Tu sabes que agora eu não estou trabalhando nisso, eu sou um dos farmacêuticos responsáveis lá na Gemballa, assino papéis, ajudo nas vendas, mas não estou mais na produção. Tem outros lá que trabalham na manipulação. Mas é simples: para mim, que sou o farmacêutico, não faz diferença nenhuma o objetivo final do medicamento.

[E se ele não funcionar, pelo fato de ser para um cachorro?]

Bem, alguém, antes de mim, já se preocupou com isso, lá no laboratório, lá na indústria, na universidade - alguém se dedicou à pesquisa para saber se ele ia funcionar ou não: fez os testes cegos, tirou as provas de placebo, as contra-provas - enfim, seguiu o protocolo. Então, agora pra mim, que estou lá na produção comercial e não na pesquisa, não é isso que está em jogo, a coisa é mais direta e objetiva: eu preciso respeitar a fórmula, nem mais, nem menos, a prescrição é X, então vou

fazer X, e ponto. Não me interessa para quem é, nem para o que é. É triste meu amigo, é o que vocês chamam na Sociologia de produção em massa, alienação, sei lá. [...] Bem Jean, tu sabes, na receita não diz o que o sujeito tem, diz o que ele tem que tomar. É claro que a gente sabe para o que é, pois a gente já conhece os medicamentos - pela prática, acaba-se quase decorando composições e posologias. Agora, se diz lá, 'para Alice', eu não sei se 'Alice' é uma moça, uma senhora ou uma cachorra. Tanto faz - é tudo igual: cachorro e gente é tudo igual - o medicamento deve funcionar e ponto. E por isso a gente faz e vende (Lucas, bioquímico e farmacêutico, julho e agosto de 2009).

O “tudo igual” que aparece nessas falas é uma das chaves finais para a composição do cão com depressão - e para esse modo de relação entre nós e “os outros humanos”. É a partir do reconhecimento de certas propriedades que podem ser compartilhadas entre humanos e animais que se estabelecem modos de identificação e relação - como a convivência no mesmo lar, o uso de roupas, a fisiologia e o diagnóstico e tratamento de certas patologias antes apenas atribuídas aos humanos e, mais recentemente, a administração de medicamentos dessa mesma natureza.

A atenção ao que se pode chamar de problemas comportamentais em animais de estimação e a sua medicalização, segundo Vlahos (2008, p.451) tem se tornado cada vez mais comum nas últimas duas décadas. Associado a isso, aparece a prática de prescrever para esses animais os medicamentos desenvolvidos para humanos, como o caso do anticonvulsivante Gardenal (*fenobarbital* - Bayer) utilizado em animais com epilepsia ou o ansiolítico Diazepam (*benzodiazepínico* - Roche) de uso comum antes de pequenos procedimentos cirúrgicos, como sedativo, entre tantos outros. Contudo, a grande estratégia adotada pelos grandes laboratórios farmacêuticos, no entendimento desse autor tem se tornado cada vez

mais focada: “vender drogas de modificação comportamental e de estilo de vida especificamente para animais de estimação” (id.). Esse é o caso de Slentrol e o Anipryl, da Pfizer, utilizados, respectivamente, para cães obesos ou para aqueles que apresentam défices cognitivos, como a perda da memória na idade avançada. Mais especificamente em termos dos problemas que aparecem nessa pesquisa, há os recentes Clomicalm - uma versão canina do Anafranil da Novartis utilizado entre humanos e o Reconcile, uma versão mastigável e com gosto de carne, do medicamento que revolucionou o mundo da depressão - o Prozac, da Eli Lilly. Ambos tem indicação para SASA, contudo recomendados para os cães com depressão.

Note-se que é interessante pensar que a questão controversa se forma quando começa a ficar evidente que, se por um lado há um processo visível de singularização do animal de estimação, com suas características comportamentais, emocionais ou mesmo biotípicas bastante individuais, por outro aparecia a homogenização, como no caso da medicação psi. Pignarre (2006, p. 18) mostra isso com propriedade, ao tratar do que ele chama de medicalização do social. Ele questiona:

Un patient souffrant d'un trouble mental ou psychologique peut-il être considéré comme faisant partie d'un “groupe” rassemblant ceux qui présentent les mêmes symptômes que lui, ou faut-il considérer qu'il n'existe que des “sujets tous différents”?

À moda daquilo que questiona Pignarre (2006) à respeito dos humanos, de que suas particularidades foram postas em segundo plano com o advento da medicalização, entre os animais a resposta massiva dos psicotrópicos também se tornava operante. Com passar do tempo,

grande parte do trabalho de Marcos se resumia a uma simples confirmação: as pessoas já chegavam à loja com uma espécie de diagnóstico pronto, facilitadas pelas informações da internet, asseguradas pelas crenças e pela manipulação de medicamentos no *Laboratórios Gemballa*³¹.

“Você mora em apartamento?”, “caminham juntos ou praticam alguma atividade física?”, “há algum histórico familiar de diabetes ou colesterol ou de hipertensão?”, “problemas cardíacos?”. Para quem faz exames periódicos de saúde, essas não são perguntas estranhas. O que eu estranhava é que elas eram destinadas à formulação do diagnóstico dos animais atendidos. Quando aparecia algum obeso, com problema renal ou constipado ou ainda aqueles cujo exame hematológico apontava problemas como o colesterol ou o diabetes, entrava em cena um processo de distinção dele de uma categoria homogenizadora, para uma atenção particularizada. Nesse caso, não se tratava mais genericamente de um cão ou de um gato, tampouco de algum exemplar da raça *boxer*, *beagle* ou *pitbull*. Trata-se de Fred, Rambo, Mel, Pepper, com todos os seus hábitos sedentários, má-alimentação, e histórico familiar de algum problema cardiovascular.

Em maio de 2010, a *Revista Veja* dedicou uma matéria especial à medicina de cães e gatos, definindo ela como tão boa quanto a dos seus

³¹Isso porque, havia na época, no Brasil, restrições para a comercialização de psicotrópicos e medicamentos especiais para animais de estimação, como esses fabricados pelo Novartis ou pela Eli Lilly. Ver também o interessante trabalho de Fraser (2001): *The nature of Prozac*. Nele, a autora trata dessa revolução causada por esse medicamento. Para ela, as explicações do funcionamento do cérebro que acompanham esse medicamento, fez aparecer novos entendimentos que avalizavam o seu uso. Sobre o estatuto da droga e do medicamento, especialmente psicotrópicos, ver ainda Vargas (1998 e 2006), Pignarre (1999), Akrich (1995), Azize (2010) e Lakoff (2008). Especialmente esse último, traz uma interessante apresentação do caso argentino, de quando o DSM-III acionou a indústria farmacêutica para o tratamento dos males psi, antes, território da psicanálise.

donos³². Segundo a reportagem, o Brasil já abriga o segundo maior contingente de cães e gatos domésticos, ficando apenas atrás dos Estados Unidos, sendo que as famílias desembolsam cerca de 700 milhões de reais por ano, apenas com consultas, medicamentos e vacinas. Isso tem se tornado cada vez mais comum, a medida que os animais de estimação preenchem as lacunas afetivas de seus donos. Assim, “protegê-los e cuidar deles para que não sofram e vivam por mais tempo faz parte dessa amizade ancestral” (*Veja*, 12 de maio de 2010, p. 143).

Por conseguinte, o segmento dedicado à saúde dos animais, especialmente os domésticos, tem sido igualado ao dos humanos. Alguns exemplos dessas novidades tecnológicas são os *holters de glicose* e a *insulina sem pico de ação* que monitoram e medicam o efeito da insulina em cães e gatos diabéticos, o *ecocardiograma com doppler colorido e tecidual* e o *holter por telemetria* que monitoram e avaliam durante 24 horas o ritmo cardíaco - a contração, a musculatura e a circulação sanguínea - para avaliação de arritmias em animais com insuficiência cardíaca; a *eletroquimioterapia* que injeta a medicação diretamente no tumor com o uso de uma agulha elétrica e a *criocirurgia* que utiliza nitrogênio líquido para necrose e remoção de tumores - ambas utilizadas em animais com câncer; a *tomografia computadorizada de articulação* que permite observar em 3D os processos ósseos e de cartilagem e o *tratamento com células-tronco* utilizado para a regeneração do tecido articular ou como anti-inflamatório em cães e gatos com problemas ortopédicos; a *gasometria* que examina a dosagem de cálcio e sódio no sangue e a *hemodiálise* utilizada para os casos graves de insuficiência renal e; o *tonopen veterinário* que é um aparelho digital usado para a

³² “Tudo Pela Saúde Deles”. Revista *Veja*, ed. 2164, ano 433(19), 12 de maio de 2010, p. 140-146.

medição da pressão intraocular e o *microscópio cirúrgico* que auxilia na realização de microcirurgias de catarata, pálpebra e córnea em animais com problemas oculares³³. O que resta disso, é avaliar o quanto esses investimentos tecnológicos com suas promessas milagrosas, atendem, de fato, a demanda do sofrimento dos animais. Muito do que se oferece hoje, diz mais respeito à conveniência de donos, que assim não precisam lidar diretamente com a animalidade de seus animais. Como provoca Vlahos (2008, p. 461), especialmente à respeito do uso de fármacos, ao comentar sua entrevista com Dr. Nicholas Dodman, da clínica de comportamento animal, da Universidade de Tufts:

Tratamentos farmacológicos são, algumas vezes, mais para a conveniência dos donos do que para a saúde dos animais de estimação. Quando o cão morde, quando o gato mijá - “muito dos ‘comportamentos problema’ que tratamos são, na verdade, comportamentos normais para o animal”, diz Dodman. Gatos não são doentes mentais se atacam um novo felino na família ou se arrancam a mobília para demarcar seu território. Vigiar a comida e agressão contra estranhos aumentam a taxa de sobrevivência dos cães no mundo selvagem, mas não funcionam na sala de estar. E ambos, gatos e cachorros, demarcam seu território com urina. “Se um cão vai ao banheiro na moita do lado de fora, você não se importa a menos que não seja a sua moita”, diz Dodman. “Mas quando ele volta para casa e ergue a sua pata na sua cadeira, é como se, ‘esse cão está com alguma doença mental?’”.

³³ Cf. *Vêja* op. cit.: as novas tecnologias para diagnóstico e tratamento dos animais de estimação chegam associadas a um gama de novidades farmacológicas. No próximo capítulo destaco o investimento nos psicofármacos: ansiolíticos, antidepressivos ou inibidores de apetite para animais de estimação. No Brasil e nos Estados Unidos, entre 2003 e 2009 o número de cães que tomavam algum medicamento passou de 25% para 77%. A mesma reportagem ainda traz um indicativo de que 42% dos cães tem problemas comportamentais e no todo, eles apresentam 9 vezes mais distúrbios psicológicos do que os humanos. Cf. também: *Revista Superinteressante*, ed. 263, de março de 2009, p. 54-63 e *Canine Inherited Disorders Database - CIDD* <www.upei.ca/cidd/intro.htm> acesso em maio de 2011.

De um modo geral, parece que os comportamentos “animalescos” dificultam a relação - fazem com que um desses Jujou ou uma dessas Pink voltem ao seu “estado natural”, de simples cães ou gatos - como provoca o autor, *o que não combina com a sala de estar*. Sem os “manejos dequadros”, sem o tratamento dessas “pulsões”, dilui-se a humanidade deles. Os equipamentos médicos, os diagnósticos e os tratamentos com fármacos parecem facilitar uma diplomacia entre as espécies - eles permitem a amizade³⁴.

Talvez aquela fala tão trivial de que “o cão é o melhor amigo do homem” traga lá também as suas pistas para entender as contingências em torno das fronteiras entre humanidade e animalidade. Os amigos não são iguais, mas se dizem parecer, nem sempre concordam, mas podem compartilhar ações ou entendimentos. Nisso, seguindo Aristóteles, um amigo é um outro si mesmo. Quando ele escreve “um outro si mesmo”, ele não fala de um eu, mas da alteridade imanente a mim. Não se trata, pois, de uma relação de intersubjetividade, ou seja, de sujeitos definidos com identidades ontológicas capazes de se engajar com outros para formar uma sociedade, naquele velho modelo atomista. Trata-se, antes, de uma dessubjetivação - eles estão ligados por uma partilha que os antecede, a saber, a amizade. À propósito disso, cito Agamben (2009, p. 91-92):

Essencial é, em todo o caso, que a comunidade humana seja aqui definida, em relação àquela animal, através de um conviver que

³⁴ Uma dívida imensa aqui e ao longo dessa tese, é com as discussões que podem ser encontradas em Haraway (2008), especialmente a ideia de partilha de sofrimento - “sharing suffering”, que rompe com as tradicionais ideias de relações instrumentais. No entanto, no conjunto de opções que eu fui fazendo ao longo da escrita do texto, o seu trabalho ficou ofuscado, apesar do imenso rendimento que ele traz à questão.

não é definido pela participação numa substância comum, mas por uma *condivisão* puramente existencial e, por assim dizer, sem objeto: a amizade, como com-sentimento do puro fato de ser. Os amigos não *condividem* algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são *com-divididos* pela experiência da amizade. A amizade é a *condivisão* que precede toda a divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse *com-sentir* originário que constitui a política (*grifos originais*).

Nessa perspectiva, homens e animais não somos amigos porque dividimos uma casa, roupas, medicamentos, certas propriedades físicas ou estados de espírito. Antes disso somos divididos pela amizade, que é a política e que permite a relação. Foi essa a leitura que eu fiz do aparecimento dos casos de depressão entre cães. Para além das explicações pragmatistas de mercados farmacêuticos em expansão, a depressão, como a amizade, permite a partilha. Humanos e cães são descontínuos mas equivalentes: a identificação entre eles é nutrida pela forma aparente desse mal - a apatia, a falta de apetite ou a melancolia, e o tratamento os aproxima nas correlações orgânicas ou naturais. Assim, se no caso dos humanos existe no diagnóstico da depressão a autorização a determinadas demandas, como o uso da medicação psicotrópica, por analogia, por que não medicalizar os cães também? Afinal de contas, esses tristes amigos, somos parecidos, o suficiente. O que resta é a associação, e ela não supõe a igualdade das partes.

Correntemente, no que se faz discussão dos animais de estimação, as críticas são postas ao modo como eles são humanizados, e isso no questionamento das vestimentas, dos mimos, dos investimentos financeiros. Em resumo, sobressai a ideia de que humanizamos os animais para podermos nos relacionar com eles. No entanto, ao seguir os veterinários

ou mesmo em outras situações do trabalho de campo, a relação que se estabelecia fazia aparecer a “animalidade” do homem. A equivalência biológica permitia a partilha de tratamentos renais, cuidados com a nutrição ou a depressão. O próximo capítulo é dedicado a problematizar essas equivalências.

Problemas de Encaixe

“Ele escolheu deixar a natureza para viver entre nós. Aprendeu a falar com a gente, enganou nossos sentimentos e virou nosso filho. Só tem um problema: isso está matando nosso melhor amigo”. Na reportagem intitulada “Humano”, era com esses termos que os jornalistas da Revista Superinteressante de março de 2009, designavam os cães. Como um todo, tratava-se de um trabalho que buscava dar explicações de como se constituiu o que ali se chamava de “um caso de amor”: “quando brincamos com eles, nosso corpo libera ocitocina; o mesmo hormônio que nos faz amar as crianças”, dizia o texto. Mas o perigo vinha do que eles chamavam de “linha de montagem”. O que estava matando os cães seria a busca desenfreada pela variedade e beleza:

livre das obrigações da lida rural, os cães passaram a usufruir de mimos, guloseimas e passeios. Transformado em bibelô e símbolo de *status*, o cachorro deixou de ser avaliado pela sua função e passou a ser pela aparência. [...] Para acelerar o desenvolvimento das raças, os canis recorrem ao incesto. [...] Cruzamos animais da mesma família para aperfeiçoar e embelezar as raças. Mas isso resultou numa explosão de doenças genéticas. [...] Eles sofrem mais problemas nos olhos e nos ossos e tem mais câncer do que nós. Como se isso não bastasse, também estão herdando as aflições humanas: um terço dos cachorros é gordo, e boa parte deles

é neurótica.

O texto da revista dá um indicativo geral das discussões que vem se somando no meio jornalístico, científico, legal ou político nos últimos anos. Isso, sem contar nos programas de TV que ensinam como conviver bem com os animais domésticos ou aqueles que dão notícia do seu uso como peça terapêutica³⁵. O amor, a ocitocina, a linha de montagem, a libertação das obrigações rurais, a aparência pela função ou a herança das aflições humanas e seus modos de trata-las, não é apenas um enunciado sobre os cães em si. Há algo aqui que apresenta indicativos de problemáticas que respondem, igualmente, por macro-modelos de vida, pela mobilização da indústria de bens de consumo e a emergência de novos mercados, as novas formas de constituição familiar ou razões de parentesco ou a vitalidade do debate sobre natureza e cultura.

É inegável que nos últimos anos tem aparecido em voga uma série de deliberações que respondem por aquilo que cabe sob o rótulo de humanização dos animais, especialmente os de estimação. Tratados como humanos, convivendo nos mesmos lares, usando as mesmas roupas ou compartilhando diagnósticos e tratamentos médicos em favor da saúde e estética dos animais, a sugestão é a de que cada vez mais se tem borrado as fronteiras entre eles e os humanos³⁶. Essa é a ideia geral que conduz

³⁵ Faço referência ao uso de animais para condução de pessoas cegas ou para o acompanhamento de pacientes oncológicos ou depressivos. Sobre isso ver Almeida & Vaccari (2007) e Clerici (2009).

³⁶ Por tratamentos estéticos, eu trato da tosa e coloração de pelos, corte de unhas, aparelhos ortodônticos, banhos e perfumes. Ao longo da tese, eu optei por não aprofundar essas questões. O pouco material que coletei sobre isso, eu pretendo explorar em outros momentos. Na loja de Marcos, por exemplo, o “banho e tosa” estava desativado, pois segundo ele “não valia à pena comercialmente”. Isso, é claro, implicou em mudanças de meu projeto, mas cabe a provocação de que cães cheirosos, com unhas aparadas, dentes alinhados e pelo tosado, interessam na medida em que “amenizam” a animalidade daqueles animais.

esse capítulo, onde eu apresento discussões em torno do uso de animais de reserva para transfusão sanguínea, o destino final dos animais mortos ou o consumo de carne. Antes disso, outra questão é discutida - aquilo que respondemos por humanidade.

4.1 A Semelhança Multiplicada

Deve ser muito bom ser *humano*, e Tim Ingold (1991a, 1991b, 1994, 2000, 2004) já havia pensado isso bem antes que eu. De modo sofisticado, esse antropólogo britânico tem reacendido nos últimos, alguns calorosos debates, tais como aqueles em torno da noção de evolução social ou do estatuto de humanidade ou ainda, de maneira mais ampla, as espinhosas controvérsias entre a biologia e a antropologia. Grande parte de seus trabalhos está amarrada a uma linha de pensamento que vem desde a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, às vertentes ecológicas do psicólogo James Gibson e do antropólogo Gregory Bateson e isso o coloca num lugar um pouco avesso entre a maior parte da “comunidade antropológica” (Velho, 2001). No entanto, seus trabalhos oferecem argumentos interessantes para um debate entre humanos e animais, que vão para além das tradicionais fronteiras entre biologia e cultura, enfocando, em especial, os modos como nós construímos e percebemos os ambientes dos quais fazemos parte.

De modo amplo, ele sugere que o que tratamos por “variação cultural” consiste antes em variações de habilidades, que não são nem

inatas, nem adquiridas, mas que são desenvolvidas e incorporadas em nosso “organismo humano” através de práticas e treinamentos nesses ambientes. Para Ingold (id), aquilo que respondemos por humanidade repousa em grande parte na negação da animalidade, tratada sempre como uma deficiência de tudo aquilo nós, humanos, supostamente, temos - e inclui-se aqui a linguagem, a razão ou a consciência moral, o que, de uma forma geral, nos faz equivaler aos animais de estimação, quando negamos a ele também a sua própria animalidade. Não obstante, paradoxalmente, nós mesmos nos lembramos que, *no fundo*, o humano também é *ainda* um animal e a humanidade apenas ganha sentido quando comparada aos outros animais, não-humanos (Ingold, 1994).

Para Ingold (1994), criamos assim um paradoxo cujo ponto comum é o antropocentrismo: de um lado, esse antropocentrismo se caracteriza “culturalisticamente”³⁷, posto que supõe somente ao humano a possibilidade de simbolização e de diferenciação entre os seus através de suas capacidades de volição e consciência. De outro modo, ele aparece na definição naturalista de homem como uma espécie animal, cuja suposta diferença reside justamente no fato de sua diferença se sobressair à massa de todos os demais animais, tomados como essencialmente iguais e fadados a seguir programações genéticas. Assim, não ficaria difícil responder o porquê de conseguirmos olhar para outros humanos e tê-los, mesmo que iguais *enquanto espécie*, de sensivelmente à completamente diferentes entre si, uma vez que a todos nós mesmos atribuímos capacidades diferentes e singulares de variações, inerentes à humanidade. Isto não é uma questão de *tipos*, tampouco de essências, alerta Ingold (1994,

³⁷ *Culturalístico*, porque se refere ao “culturalismo” como tradição antropológica e não simplesmente à cultura.

2004), antes sim, trata-se da capacidade de singularização que nós atribuímos a nós mesmos. Entretanto, o difícil é responder o porquê de não percebermos gatos ou cachorros, ou quaisquer outros animais, especialmente aqueles mais distantes do convívio humano, como singulares entre si. Atribuímos a eles uma homogeneidade própria de uma programação biológica essencial - da espécie, cujas pequenas diferenças resultam, dentro de uma gama possível de variabilidade, de também pequenas possibilidades de arranjos e rearranjos genéticos - que chamamos de raça. Em outras palavras, os animais *não-humanos*, são, para nós, naturalmente biológicos, enquanto que os animais *humanos* são biológicos e algo a mais. O que passa a se tornar interessante é constatação que desde os gatos com problemas renais, aos cães constipados, os obesos ou com câncer, até as cadelas com depressão, a medida para o diagnóstico e tratamento era feita a partir de correlatos da medicina destinada aos humanos. A isso corresponde a provocação de que, se por um lado os cães e gatos são “outros humanos” porque compartilham dos nossos estilos de vida, nossos hábitos alimentares ou nossas doenças, nós somos “outros animais” pois dividimos com eles as mesmas propriedades orgânicas. A humanização deles está assegurada pela nossa animalidade, e vice-versa.

A Filosofia da Biologia, responde a isso por outro caminho - para ela, seguindo Leal-Toledo (2011, p. 50), “ainda estamos presos a um modo essencialista de pensar sobre a natureza”. Para o autor, o principal problema da visão essencialista - para ele, aquela ainda presa à *scala naturae* e não ao *pensamento populacional*, próprio do evolucionismo - tem como problema chave a concepção errônea de que todos os indivíduos de uma mesma espécie são idênticos entre si - com pequenas diferenças aparentes ou superficiais. Nesse caso, a explicação para o fato de que muitos de

nós ainda acreditarmos que todas as zebras ou lulas são iguais, se dá pelo equívoco de julgarmos isso baseados no uso comum de nossos cinco sentidos:

Um indivíduo visualmente muito semelhante ao outro será considerado por nós como idêntico, mesmo que o cheiro deles seja completamente diferente. Mas se tal espécie se distingue internamente pelo cheiro, então eles mesmos se julgarão completamente diferentes. Morcegos de uma mesma espécie, por exemplo, costumam ser, para nós, idênticos entre si, pois são visualmente muito semelhantes, mas, para eles, são completamente diferentes, pois se identificam pelo som e pelo cheiro (LEAL-TOLEDO, 2011, p. 52).

À noite, todos os gatos são pardos, conta o dito popular. É, claro, ele traz consigo outros sentidos - mas literalmente, da loja de Marcos, muitos dos gatos consultados saíam cheirando a Dolce & Gabbana, vestindo modelos alinhados às tendências da alta costura internacional, com unhas lixadas, pelos tratados ou curados dos seus males da bexiga ou rins. Outros ainda, como Jujou de Freyre, não é apenas mais um dentro de uma série - é um indivíduo, vitoriano e pomposo. E tem os cães, que sofrem de depressão com seus donos ou que compartilham de dietas à base de proteína de soja. O que faz desses cães e gatos indivíduos, e não uma peça igual a outra dentro da espécie? Talvez uma das chaves esteja na maneira como empregamos em uso comum outras palavras, como pessoa ou gente: talvez o modo mais apropriado de se colocar a questão não seja a *humanização* dos animais, mas *personalização* de-

les³⁸.

Mauss (2003), em um texto que data de 1938, já se preocupou em romper com a visão natural de um eu ao explorar a ideia de pessoa, como uma categoria de entendimento. Ele analisa documentos históricos e etnográficos, que culminam situando a forma como a noção de pessoa é empregada como fato moral e como ela encontra sua base metafísica segura com o cristianismo. Para ele, há, nessa noção, uma ambiguidade:

o personagem que cada um é e quer ser [e] o seu caráter, a verdadeira face [...] ela conserva ainda um sentido de imagem superposta [...] estende-se a palavra a indivíduo em sua natureza nua, arrancada toda a máscara, conservando-se em contraposição, o sentido do artifício: o sentido do que é a intimidade dessa pessoa e o sentido do que é o personagem (MAUSS, 2003, p. 390).

Dessa perspectiva, as roupas, os perfumes, os nomes e mimos oferecidos aos animais de estimação poderiam ser tomados, literalmente, como a composição de um personagem, que cumpre um duplo papel -

³⁸ Uma das questões que eu tenho perseguido na minha formação de doutorado é a do papel da linguagem na antropologia. Eu tenderia a responder, de um modo construtivista, que se trata apenas de uma questão de como os construímos a partir de hábitos de uma linguagem compartilhada, mas eu não me arrisco a uma resposta tão unívoca nesse momento - faz diferença aos nossos hábitos linguísticos o que denota a palavra pessoa, gente, ou humano. Discutir isso, inclui, especialmente, a problematização do estatuto da descrição antropológica, desde questões levantadas em muitos trabalhos de Marilyn Strathern, desde o seu *Gênero da Dádiva*, às considerações pouco exploradas da obra do filósofo estadunidense Nelson Goodman (especialmente, 2006). Para ele, não temos um mundo prévio cuja realidade pode ser aproximada pela sua reprodução em uma boa descrição - senão, tão somente aquilo que se pode construir na própria descrição. Não há o mundo, ao menos não um que possa ser plenamente ou universalmente conhecido - há apenas versões. Cada descrição é uma nova versão que constrói um mundo - a antropologia é, por conseguinte, nesse caminho, apenas mais um modo de fazer mundos - não de retratá-los ou descobri-los. Para o aprofundamento dessas questões, eu estimo novos projetos a partir dessa tese. Sobre isso também ver Overing (1990) e Segata (2011b).

permite a relação e cria a distinção dentre das peças aparentemente iguais de uma dada espécie. Como aponta Ingold (2000), isso é comum entre os ocidentais, pois falarmos de pessoas é falarmos de pensamentos, intenções e ações de seres humanos. *Pessoa e Humano* são totais e sinónimos e em alguns casos estendem-se para falar dos animais não-humanos, como aqui, no caso dos animais de estimação, dos quais se fala *como se fossem pessoas*, vivendo na casa de humanos e sendo quase membros de suas famílias, sofrendo de suas patologias. Isso, seguindo os argumentos do autor, obscurece as fronteiras entre humanidade e animalidade uma vez que vestindo roupas e sendo-lhes atribuídos sentimentos e vontades humanas, eles tem sobre si nossa humana estendida. Mesmo assim, no entendimento desse autor, ainda que *se ser uma pessoa é ser um humano*, paradoxalmente os animais podem ser apenas pessoas se estendermos nossa humanidade a eles.

Pessoa, aqui, assume aquilo que pressupõe a etimologia da palavra: máscara, personagem que pode ser “interpretado” tanto pelo humano como pelos animais, borrando fronteiras: uma *poodle* pintada de rosa, com cílios postiços, roupa de vedete e problemas com a alimentação - que segundo a dona era deveria ser bulimia - é tão personagem, quando um ator no palco, encenando a vida de um antigo romano³⁹. Por outro lado, nas fábulas infantis, onde humanos se tornam ou são tornados em

³⁹ Para um ponto de vista das Ciências Naturais, um clássico é o *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais* (Darwin, 2009). A proposição *darwiniana* exposta nele, é a de que animais de convívio próximo e duradouro com *humanos*, tais cães e gatos, passam a expressar suas emoções, como alegria ou tristeza, do mesmo modo aparente que as *pessoas*. No entanto, e de um modo geral, isso limita a análise proposta aqui nessa tese, pois joga com a ideia de que uma relação, especialmente aquela que costumamos qualificar como social, se faz entre elementos humanos, e então voltamos àquela ideia a ser problematizada, de que o social é composto por humanos e por tal motivo, para nos relacionarmos com os animais de estimação, os humanizamos.

lobos, ursos, gatos, peixes e outras criaturas, isso implica numa confusão que nos faça desconfiar esses humanos sejam uma coisa ou um animal – afinal, são *apenas estórias*. Os personagens animais servem para ilustrar distintivamente disposições humanas e comportamentos e pensamentos estranhos, como o cervo inocente, o nobre leão, o conceituado sapo. Enfim, o personagem animal é usado para trazer-nos comentários sobre a *natureza* da sociedade *humana* - especialmente aquela dela ser boa e distinta. Mesmo assim, desde cedo as crianças são ensinadas a distinguir entre *estórias contadas* e fatos recontados, daí de não se confundir a vida dos anfíbios com o personagem d'*A princesa e o Sapo* ou o comportamento dos lobos com *Chapeuzinho Vermelho* (Ingold, 2000). Tanto os animais de estimação e as fábulas ilustram a técnica conhecida por antropomorfismo – atribuir qualidades humanas a seres não-humanos. No primeiro caso a atribuição é metonímica – o animal como extensão do humano – e no segundo caso, é metafórica – o animal substitui o humano. Assim, voltando, a ideia de que o homem se distingue do animal via cultura ou via símbolo, Ingold (1991b) sugere que esse processo não se dá em termos de humano e animal, mas em termos de *humanidade* e *animalidade*, como no caso da elevação do posto de orangotango para humano, onde o que está em jogo é o grau de *humanidade* e não uma diferença entre animal não-humano e humano. É a partir deste ponto que ele começa a sugerir em boa parte de seus trabalhos uma outra forma de classificação: organismo e pessoa. Há algumas implicações nesta diferenciação.

A primeira delas diz respeito a distinção que aparece de forma marcada na ideia de que o organismo se desenvolve na natureza, enquanto que a pessoa se desenvolve na cultura. O homem é assim um animal suprabiológico, neste caso, o homem não se distingue de outros

animais em espécie, mas em grau. Nós nos emancipamos da natureza e como cientistas podemos observá-la e sobre ela produzir análises, como aqui, nessa tese.

A segunda, sugere que a pessoa se distancia do organismo por um processo de socialização ou aculturação. O organismo apenas cresce, a pessoa *é feita*. Tornar-se pessoa então é subir acima da condição de organismo. O bebê elefante, exemplifica Ingold (1991b), não se torna elefante, ele *já é* elefante. Diferentemente, a criança humana é um “ser humano”, mas ainda é preciso que ela se *torne* humana, no sentido de se tornar um tipo de humano, sob condições simbólicas e culturais específicas de “ser”.

A terceira implicação sobre a separação entre organismo e pessoa é que para o organismo não-humano, diferentemente do organismo humano, presume-se que os genes não estabelecem um conjunto de possibilidades de desenvolvimento. O humano excede o organismo a partir do momento em que os genes não o programam, mas que ele torna-se algo mais do que apenas orgânico. O organismo é reduzido à genética, o homem, parte organismo, parte pessoa, não se reduz a ela - há, ainda, a experiência, a subjetividade, o “livre-arbítrio”, as escolhas, e outras “coisas” difíceis de programar. Aqui, aponta Ingold (1991b), aparece o mote que permite uma certa autonomia da antropologia para os seus estudos: eles são constituídos pelas variedades de pessoas e experiências, mas sem negar a dimensão objetiva, material ou biológica do homem.

Aprofundando um pouco essa questão, Ingold (2011) se põe outro problema: o de que pressupomos uma evolução e um desenvolvimento que puseram em determinado momento histórico o homem em condições de pensar essa separação (objetiva e subjetiva) e autonomia de um

saber (o natural e o social/humano). Para ser mais preciso ao seu argumento, isso supõe uma dupla evolução ou *uma* evolução e *uma* história: é necessário que o homem, como coisa biológica, evolua até chegar em determinado ponto em que pode começar a produzir história e a cultura e pedagogicamente transmiti-la ao seus próximos, e isso explicaria porque os animais não as tem (Ingold, 2011; Ellen, 2002).

A bem da verdade, costumamos ouvir histórias *sobre* animais, mas não ouvimos dizer que eles *produzem* história. Assim, essa evolução e desenvolvimento, mesmo para a biologia, são processos diferentes, o que não implica dizer que são alheios: a evolução de processos de desenvolvimento não é em si parte do processo de desenvolvimento. Ou seja, mesmo em termos genéticos, o desenvolvimento do organismo é, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do ambiente que propicia o seu desenvolvimento. Assim, os genes não são um veículo para levar significados do mundo ao organismo, mas são *veículos relacionais* que constroem o mundo. Da mesma forma que para organismos não-humanos, os organismos humanos necessitam da relação com outros indivíduos para a sua formação e desenvolvimento ontogenéticos, daí de se pensar que o processo de tornar-se pessoa é, ao mesmo tempo, um processo social, de desenvolvimento de consciência, agência, inteligibilidade e intencionalidade que pode servir como parte fundamental do processo de nos desenvolvermos também como organismos ou do processo biológico de se tornar um organismo. Neste caso, não há uma linearidade progressiva do organismo para a pessoa, mas há um processo de mútuo desenvolvimento (Ingold, 1991a; 2011) - trata-se de uma questão de socialidade.

Essa ideia de socialidade, ligada à teoria da percepção, é que permite pensar na possibilidade de pessoas se envolverem em experiên-

cias partilhadas. Neste caso, ela depende de um desenvolvimento perceptivo de habilidade para essa socialidade. Assim, temos que repensar a divisão entre biológico e social, entre filogenia e ontogenia, entre desenvolvimento e evolução, pois elas nos impedem de compreender campos relacionais (Ingold, 1991b)⁴⁰.

Com efeito, se tornar-se pessoa é tornar-se parte integrante de se tornar organismo, então não podemos mais pontuar que apenas o processo de socialização é que faz um organismo tornar-se pessoa. Segundo Ingold (1991b), classicamente, socialização é uma questão de organizar pessoas em um ambiente social, com papéis distribuídos. Esta ideia repousa na teoria da percepção indireta, muito comumente trabalhada na Psicologia Cognitiva, que supõe que um percebedor não tem acesso direto ao mundo, mas que ele precisa figurá-lo ou construí-lo através de seus sentidos e esses sentidos são parte do organismo, de antemão determinados biologicamente. Contudo, ao recuperar as preocupações da Psicologia Ecológica de Gibson, para quem é preciso *aprender a perceber* (que depende da aquisição de competências para tal ato as quais se consegue apenas no envolvimento e engajamento com o ambiente), Ingold (1991b)

⁴⁰ De imediato, isso rompe com grande parte das proposições bem asseguradas da biologia - de que as relações entre humanos e animais são naturais, posto que ambos são biológicos, mas com características especiais, pois se encontram em espécies distintas. Para mim, o argumento de Ingold (1991b) é sofisticado e responde muito bem ao debate de longa data entre biologia e antropologia. Junto dele, destaco aquele de Strathern (et al, 1996) quando ambos compartilham de posições comuns em torno do uso obsoleto do conceito de sociedade e do uso profícuo da noção de socialidade em detrimento daquela de *sociabilidade* (Strathern et al, 1996). *Sociabilidade* não tem o mesmo valor conceitual que *socialidade*. Strathern (1999; 2005) afirma que *sociabilidade* remete a uma ideia de comunidade, de solidariedade, mútua cooperação, vida comum e todas aquelas “qualidades positivas, sentimentais” e reducionistas que se possa remeter a invenção dessas entidades. Já por *socialidade*, entende-se no sentido desses autores, “relação” - e relação não se reduz a acordo, solidariedade, comunhão de iguais - está se falando de um campo relacional duradouro ou não, entre humanos e não-humanos ou quaisquer que foram os elementos imbricados (*conexões parciais*, em Strathern ou *engajamento*, em Ingold). De modo resumido, não se trata de uma *qualidade de relacionamentos*, mas os *próprios relacionamentos*, em si.

contra-argumenta que tornar-se pessoa não é um processo de aculturação ou socialização, mas de habilitação (de aprender *habilidades para – skillment*). É preciso desenvolver competências e essas desenvolvem o organismo e a pessoa conjuntamente⁴¹.

Os ácidos graxos essenciais, ômega 3 e 6, farinha de carne de aves desidratada, arroz quebrado, proteína isolada de suíno, gordura animal estabilizada, gordura de frango, milho integral moído, óleo de peixe refinado, óleo vegetal, polpa de beterraba, farelo de soja, hidrolisado de fígado de frango, antioxidante, premix vitamínico mineral, premix micromineral transquelatado, baixa caloria, sem conservantes. Com frequência eu lia os rótulos das rações vendidas na loja de Marcos, especialmente depois que ela as empregava em suas receitas, para a continuidade do tratamento aos animais atendidos. Processar todos esses compostos e atender plenamente aos apelos de seus bons efeitos, como um corpo sadio, pelo liso e brilhoso, desenvoltura nas atividades cotidianas, são algumas dessas habilidades que interseccionam o animal e o humano e permitem, igualmente um desenvolvimento conjunto da pessoa e do organismo. Isso sem contar naquelas habilidades para fazer cocô na caixinha de areia ou adestrar os esfíncteres para se aliviar na rua, na hora do passeio.

Paula sempre me explicava que cada raça, idade ou situação de cães ou de gatos tinha características próprias - uns de boca pequena ou em lactação ou em idade avançada ou em troca de pelo - machos, fêmeas, em crescimento, com colesterol, obesos, magros - cada um tem sua

⁴¹ Em resumo, tanto a capacidade de ação, quanto de percepção, surgem no processo de desenvolvimento do organismo-pessoa. Para Ingold (1991b) essa socialidade seria a qualidade constitutiva dos relacionamentos. Está nos relacionamentos e através dos relacionamentos – a socialidade é o potencial relacional entre pessoas e entre pessoas e ambiente: sendo mais preciso ao seu vocabulário, elas não são causa e efeito, são engajamentos.

ração específica, cuidadosamente projetada para as suas características. Isso fazia parte desse processo de singularização desse animais, que os retirava da rótulo geral da espécie e da raça, conforme aponta a discussão de Ingold (1994, 2000, 2004), e para isso é preciso equilibrar animalidade e humanidade em doses precisas. Nesse sentido, por que não pensar nos adestradores? Infelizmente, eles não foram objeto de minha atenção durante a pesquisa, mas eu me ponho a pensar no que é necessário fazer para que um gato qualquer se torne um Jujou ou que uma cadela venha a ser uma Pink. Certamente, isso inclui *habilidades para* - que vão desde o reconhecimento do lugar corretor para a defecação ou urina, até a regulação do nível de decibéis dos seus latidos. Não basta “querer” ser um humano, é preciso desenvolver habilidades para isso.

Voltando assim a afirmativa inicial de Calávia Sáez (2008, p. 48), “o caso é que, seja lá como for, a dicotomia natureza/cultura goza de excelente saúde”. No entanto, há certos temas em que os antropólogos nos alinhamos do lado da cultura, como nos discursos antropológicos mais comuns sobre a sexualidade, entendida como culturalmente variável, “no limite uma opção de grupos ou pessoas”, e noutro caso, como ao tratar da biotecnologia, dos transgênicos ou das novas técnicas reprodutivas, o que por alto se nota é que “a sensibilidade e a militância dos antropólogos se alinham do lado da natureza, entendida aqui como um equilíbrio dado, que não pode ser alterado sem consequências graves e imprevisíveis” (ibid, p. 48-49). No que se segue aqui, a problemática se dava em torno do uso do sangue de alguns cães, o destino daqueles mortos ou o consumo de carnes.

4.2 Heresias

“Ainda dava pra aproveitar muita coisa”. Foi com essa curta sentença que Marcos explicou-me o porquê de não ter sacrificado a Belinha. Tratava-se de uma cadela que deveria reunir em si pelo menos umas dez raças misturadas e uns quinze anos de vida. Mas havia sido nos últimos dois deles que a osteoporose passou a se mostrar implacável. Mesmo com os suplementos de fósforo, cálcio ou vitamina D, ela vinha somando pequenas fissuras nos ossos das patas ou mesmo a fratura completa de algum deles. E não era só isso, a idade já trazia a ela outras complicações, como uma ligeira cegueira e a surdez parcial.

Em geral, tempo de vida de um cão varia dos dez aos quinze anos, mas há exceções e variações conforme as raças - incluindo-se o porte e o “estilo de vida”. Em alguns *sites* é possível encontrar facilmente tabelas com média de idade das raças ou fórmulas que permitem fazer a equivalência da idade de um cão a de um ser humano. No caso de Belinha, se comparado a um homem, ela já estaria com mais de oitenta anos⁴². No entanto, “ela ainda tinha um sangue muito bom” - e era esse o principal motivo dela ser tratada no fundo da loja junto com outros dois cães “vira-latas” recolhidos da rua.

– *Você sabe como é, muita gente não tem tempo para ficar se incomodando com um cachorro quando ele começa a ficar velho. Como eu sempre te falo, é bom enquanto tá com saúde, depois é tchau pra eles.* Explicava Paula.

Segundo ela, a Belinha tinha sido avaliada com uma nova fissura

⁴² Cf. <www.nte-jgs.rct-sc.br/rodolpho/caes/TEMPO%20DE%20VIDA%20DO%20CACHORRO.htm>. Acesso em agosto de 2011. No caso de Belinha, 15 anos + Fator de Multiplicação ($\times 5,8$) = 87 anos (humano).

(fratura não total) de duas costelas. A dona da cachorra disse que havia um degrau entre o corredor e a sala de estar do seu apartamento, e como ela já não caminhava mais com tanta desenvoltura, acabou caindo de lado, e se ferindo. A dificuldade para caminhar vinha, somada a cegueira, da calcificação de algumas vértebras e desgaste excessivo de outras - o que lhe provocava desvios na coluna e dores. Aquilo, dizia Paula, era considerado pela dona como uma “judiaria”. A cachorra sofria demais e vivia à base de medicação - então, avaliando o quadro geral, ela solicitou a Marcos que Belinha fosse sacrificada. Mas o desfecho foi outro.

Marcos tratou a cadela e como ela era de bom porte e, apesar de uma cirurgia para tratamento de uma fratura, não ter necessitado receber sangue, o veterinário achou melhor coloca-la para estoque do líquido. Segundo eles, essa era uma prática comum, e até mesmo recomendada - a de se manter de dois a cinco animais nas clínicas ou hospitais, para que sirvam sempre como doadores de sangue⁴³. Marcos também me explicava que existem algumas alternativas artificiais para a substituição de sangue, mas que elas ainda eram muito caras e, dada a sua demanda, aqueles três cachorros podiam muito bem “dar conta do recado”. Mas nem todos com quem eu falei sobre isso se mostravam simpáticos à ideia.

Em 2009, eu participei da II REACT - Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, que aconteceu em Belo Horizonte. Eu havia começado o trabalho de campo não fazia muito tempo, mas experimentei levar para a discussão alguns dados da minha pesquisa, muito mais no tom de “primeiras impressões” do que de uma análise mais aprofun-

⁴³ Cf. <<http://www.saudeanimal.com.br/artig160.htm>>. Acesso em agosto de 2011.

dada. E Belinha e seus dois companheiros vira-latas foram o mote de minha apresentação. Como já havia sido antes, nas Jornadas da UFSC, de 2008, as reações variavam do riso ao espanto, e quase sempre combinavam em reprovação. Isso é o que poderia se chamar de “uma heresia”, “uma coisa desumana”, disse um colega que pouco minutos antes falava sobre a massacre nas américas nos anos de 1500, liderados por Francisco Pizarro ou Hernán Cortéz, cuja proporção, objetivo e distância histórica não impediram a equivalência. Em um tom parecido com aquele de Florianópolis, eu ouvia uma espécie de conselhos para a luta contra esse “absurdo” praticado contra um animal, e mesmo, além disso, vultos de que a antropologia deveria se manifestar de alguma forma.

Eu tentei responder por outra via - até mesmo fazendo frente aos posicionamentos de Paula e Marcos - afinal, qual é o problema em eles serem doadores de sangue? Isso não era menos “violento” do que o sacrificar a velha cadela ou deixar pela rua, sem alimento, os dois vira-latas? Não salvariam eles outros cães em emergência? Do ponto de vista de alguns não. O sacrifício era o compromisso com o fim do sofrimento e o acolhimento e a comida não justificavam o utilitarismo da ação.

Uma das questões que tocava mais alto era a de que se tratava de se fazer uso de cães que não tinham raça definida. Mas isso vinha de formas diferentes: eu questionava Marcos - até mesmo em tom de brincadeira - se ele não teria problemas com alguns donos de cães de raça, que por ventura descobrissem que, no caso da necessidade de uma transfusão sanguínea para os seus animais, o sangue utilizado viria de outros, sem *pedigree*. Para Marcos, aquilo não fazia diferença - no entanto, ele pediu que eu não questionasse os clientes sobre isso - afinal, como ele mesmo dizia, “eu nunca havia pensado que isso pudesse ser um proble-

ma”. E talvez fosse. Calmon de Oliveira (2006, p. 91) em sua etnografia sobre “homens e cães” mostrou como a pureza da raça - em seus aspectos genotípicos como fenotípicos - e o *pedigree* do animal são elementos centrais para o grupo que ela pesquisou - o de criadores de cães, campeões ou não, que são levados às exposições de beleza⁴⁴. Para ela, “como cães de raça campeões são vistos pelos criadores como obras de arte raras”, saber sobre eles e suas raças é um conhecimento distintivo do grupo pesquisado, com aquilo que compõem o que Pierre Bourdieu chamava de capital cultural. O sangue, nesse ínterim, tem um papel fundamental - especialmente na composição do imaginário ocidental sobre o parentesco ou a pureza racial - é o “puro sangue”, que faz a diferença. Marcos concordava que isso poderia ser mal interpretado por algum dono - “vão achar que se eu botar sangue de um vira-lata num *Dálmata*, ele perderá a raça”, falou rindo. Mas logo foi me explicando que tecnicamente não haveria problemas, pois a compatibilidade sanguínea dos cães ou gatos não é medida da mesma forma que aquela humana. Segundo ele, apenas em algumas exceções há a rejeição⁴⁵.

Por outro lado, houve opiniões de colegas antropólogos que sugeriam que o uso de vira-latas para serem doadores de sangue que pudessem salvar os animais de raça trazidos à loja, era mais uma afirmação dos privilégios de uma minoria distinta. A analogia se dava nos termos

⁴⁴ *Pedigree* é o certificado que é atribuído a um animal doméstico, caso ele atenda às características padronizadas de uma determinada raça. No Brasil o órgão geral para avaliação e certificação é a Confederação Brasileira de Cinofilia - CBC, filiada à Fédération Cynologique Internationale - FCI e a American Kennel Club - AKC.

⁴⁵ Conforme Apicella (2009, p. 20-21) há oito tipos sanguíneos entre cães - A1, A2, B, C, D, F, Tr, He - sendo que C e F aparecem em cerca de 98% da população canina, mas no Brasil, segundo ela, a tipagem sanguínea não é comum nas clínicas, sendo feito somente um “teste de compatibilidade”. Nele é possível notar, ao serem misturadas amostras do doador e do receptor se há incompatibilidade, visível com a formação de aglutinação. De toda forma, não é necessária a igualdade de tipo sanguíneo para isso.

de classe social - os vira-latas equivaleriam aos assalariados, de pouca renda, que numa linguagem marxista se alienam ao venderem sua força produtiva, transformando-se em meras ferramentas para a hominização de uns poucos, os patrões. “Ninguém questiona isso”, provocavam, “porque já temos inculcado em nós essa visão dos que tem valor e dos que não tem - e de quem trabalha para quem”.

Conforme o pedido de Marcos, eu não fiz provocações à respeito do uso de sangue, aos clientes que chegavam à loja. Minhas discussões sobre aconteciam fora de lá, como também foram a maior parte daquelas cujo tema era a morte dos animais. Particularmente, esse é um tema com o qual eu não me sinto à vontade para tratar - especialmente com pessoas em períodos de luto. E como eu estava em um ambiente destinado à cuidados médicos, a morte era algo presente. Ali, o que tornava essa questão difícil, passava por discussões que iam desde as novas formas familiares, às implicações sanitárias.

A ideia de que esses pequenos animais são parte da família, é bastante corriqueira e até ganhou um novo nome nos últimos anos: *childfree*, um movimento caracterizado pela transferência do papel do filho para um animal de estimação⁴⁶. Calmon de Oliveria (2006, p. 40), também sugere essa transferência:

devido a instabilidade dos casamentos, o número de nascimentos de crianças nas classes médias diminui, aparecendo o cão como

⁴⁶ Cf. Gláucia Viola, no editorial “Humanização Animal”, da revista *Psique*, ano VI, n. 66, junho de 2011. Na mesma revista, a matéria de capa, intitulada “Fuga das Relações: pesquisa revela: 18% dos brasileiros preferem a companhia de seu *pet* no Dia dos Namorados”, é inspirada em Bauman (2004). Ela trata as relações fluidas e descartáveis como um fenômeno contemporâneo, que requer investimento de tempo e energia. Os animais de estimação, nesse caso, assumiriam o lugar de afeto, que mais facilmente pode ser descartado.

mediador entre o casal, muitas vezes no lugar da criança. A dificuldade de relacionamento entre as pessoas faz com que o animal seja um elemento com grande potencial de proporcionar afetividade sem produzir prejuízos ou riscos.

Em parte, isso explicava o porquê de algumas pessoas não reagiam bem à morte de seus animais e dada a sua experiência, em geral, era Marcos quem conversava com elas. Por darem aos seus cães e gatos tratamento próprio de um membro da família, era comum observa-las se descrevendo em luto - “é como perder um filho”, dizia uma jovem senhora, que perdera sua cadela *boxer*. Igualmente, a perda desses animais era acompanhada de ritualizações, que incluíam o choro, a lembrança dos bons momentos de convivência e a despedida - muito disso ali mesmo, na sala de esperas ou na sala de Marcos.

Como acompanhei na loja, apenas em um caso excepcional, de um criador que tinha um sítio, o animal morto foi levado para ser enterrado. No decorrer das vezes, as despedidas eram feitas na clínica, pois os animais eram recolhidos por um serviço especializado que atende às exigências da vigilância sanitária. Eu começava a perceber que havia questões polêmicas sobre o destino desses animais.

– *Imagine você ter uma pessoa especial jogada numa vala comum. Ninguém quer isso. Isso [o animal de estimação] não é uma coisa que se joga no lixo, como um brinquedo estragado ou um sofá velho. Muita gente quer ter a lembrança, quer visitar,* explicava-me Paula.

A questão que entrava em cena é a crescente preocupação com a saúde pública. Trabalhos recentes (Claeys-Mekdade & Nicolas, 2009; Hodak, 1999; Kéck 2009, 2010; Manceron 2009) abordam discussões em torno das zoonoses e das situações conflituosas a necessidade emer-

gente do cuidado com os animais e com os humanos. Casos recentes, como a gripe aviária e a gripe suína ou a epidemia da vaca louca, despertaram polêmicas que envolveram a opinião pública, políticos ou cientistas, em discussões que cruzaram fronteiras de Estado (e também de natureza e cultura):

les relations aux animaux constituent l'un des substrats de cette trame sociale contemporaine, l'enjeu des rapports de pouvoir étant la capacité des uns ou des autres à justifier et à négocier leur propre régime d'action sur le monde (MANCERON & ROUÉ, 2009, p. 09)⁴⁷.

Mesmo considerando essa necessidade de cuidados, Rio do Sul não tem cemitério de animais. Isso porque, entre outras coisas, algumas das pessoas com quem eu conversei sobre o tema na loja, entendiam isso como ofensivo - um desrespeito com os mortos humanos. Ao mesmo tempo, missas e outros rituais para em favor desses animais tem se tornado mais comuns nos últimos anos⁴⁸. Por outro lado, o fato de não ter um cemitério, soava igualmente como ofensa para aqueles que consideram a incineração, o descarte em rios ou nos aterros sanitários, um desrespeito com os animais - afinal de contas, como resumiu uma senhora dona de uma *poodle*, “eles tem uma identidade,”. O cemitério não é apenas um local para depósito de animais mortos, “mas um espaço para

⁴⁷ Em Lévi-Strauss (2009) também é possível encontrar uma crítica sobre as relações contemporâneas entre humanos e animais, especialmente focando os nossos regimes alimentares baseados em carne, a partir do exemplo da epidemia da vaca louca.

⁴⁸ Sobre isso, ver Calmon de Oliveira (2008), que descreve festas e missas com bênção para animais de estimação, como iniciativas de congregações católicas, no Rio de Janeiro. Recentemente, por ocasião de um debate na EHESS, Anne-Marie Brisebarre, pesquisadora do LAS, levantou a questão das missas para cães em Paris, das quais ela e sua cachorra também participam. Em geral, essas iniciativas tomam a figura de São Francisco de Assis, santo católico, como referência.

lembrança desses entes queridos”, dizia Paula.

A própria ideia de descarte era difícil de ser articulada. O destino dos mortos toma as mais diversas formas e sentidos e são muitos e variados os trabalhos antropológicos dedicados a esse tema, desde a etnologia, como no imaginário urbano. Como bem resume Calávia Sáez (1996, p.162):

a relação entre vivos e mortos atravessa inúmeras vias. O sonho, o transe, a psicografia, a aparição, a oração, a adivinhação, a analogia. Na medida em que se elabora um culto, alguns desses canais de comunicação são escolhidos e privilegiados sobre outros, outros ainda são desprezados ou interditados.

O autor se refere a participação dos mortos na composição de relações - e sua análise se dá a respeito de mortos humanos. Contudo, não era difícil perceber esse estatuto de humanidade sendo estendido aos animais, pois a relação com aqueles que morriam pareciam assumir formas semelhantes.

De uma maneira generalista, os cemitérios não são exclusivamente um local para o “descanso” ou o “encontro” - eles tem seus fins práticos, especialmente no que diz respeito a ordem sanitária. Mas a ideia de descarte não é aquela com a qual simpatizamos mais facilmente - e isso vale para eufemismos que tomam a forma de noções técnicas, como a cremação ou a eutanásia. Quando eu perguntei a Paula se os animais de estimação eram *incinerados*, ela me disse que não - que eram *cremados*, e me advertiu:

– *A gente sabe que no fim é a mesma coisa, queima-se eles e se dá um fim. Mas imagina você falar para uma pessoa que acabou de perder seu animalzinho, que vamos coloca-lo num incinerador de alguma indústria. É por isso que eu te disse outro*

dia que nós não sacrificamos os animais, mas praticamos a eutanásia, entende?

Paula se referia a minha pergunta sobre o caso de um gato que havia caído da sacada de um apartamento. Quando eu cheguei à loja ele já estava sendo examinado, inconsciente e com suspeita de hemorragia interna em várias estruturas. Na ocasião, eu questionei se havia alguma chance dele ficar bem, e na resposta negativa, questionei se ele seria então sacrificado - e senti que a pergunta não havia sido completamente apropriada.

A ideia de sacrifício não era invocada no modo como classicamente o fizeram Mauss & Hubert (2005), na qualidade e função de intermédio entre o sacrificante e a divindade. Antes sim, era o de antecipar o desfecho certo: a morte, nos casos clínicos irreversíveis. Mas em si ela parecia carregar uma carga negativa que era aparentemente amenizada pela definição técnica de eutanásia: de ser um procedimento avalizado pela medicina veterinária, com uma conduta padrão a ser respeitada⁴⁹. Por fim, e novamente, um elemento que tornava a situação um pouco mais difícil era o modo como ela assumia a forma de demanda financeira: “quanto custa o tratamento?”, perguntavam alguns clientes - caso ele demandasse tempo de internação, medicação ou procedimentos caros, algumas pessoas pediam que fosse feita a “eutanásia”, e optavam, como na queixa de Paula, por comprar um novo filhote, “como se fosse um brinquedo”.

⁴⁹ Em uma cartilha disponível na internet, veterinários da Escola de Medicina Veterinária da UFMG, trazem uma lista de procedimentos a serem seguidos para esse fim. Dentre aqueles mais tradicionais, como a rapidez do procedimento ou a garantia de ele ser indolor, o documento - que resume discussões do Comitê de Ética em Pesquisa, sugere que ele seja “esteticamente aceitável” na promessa de que ele não motive algum abalo emocional no seu executor. Cf. <<http://www.ufmg.br/coep/eutanasia.pdf>>. Acesso em abril de 2009. Sobre as tensões entre cuidar e matar na prática médico-veterinária, ver Law (2010).

Em outra medida, o que chama atenção aqui é que não se está colocando em discussão o abate de uma forma generalizada. Vialles (1987) aborda essa questão, na sua etnografia sobre nos abatedouros de Andorra. Ali, não se está lidando com animais - mas sim com comida. Isso começa a aparecer na tensão entre as palavras francesas “chair” (carne bruta) e “viande” (carne escolhida/trabalhada). Em português, ambas tem como tradução “carne”, mas no francês há uma diferença onde equivaleria dizer, num sentido grosseiro, que a “chair” contém “viande”, mas a “viande” não contém “chair”. Não se trata de um simples jogo de palavras, mas do estatuto da carne - ou seja, qual carne se pode comer/vira alimento e qual carne não se pode.

Questionées, toutes sortes d’interlocuteurs donnent des réponses que, dans sa formulation technique, la définition d’un vétérinaire résume assez bien: la viande est “un produit consommable d’origine animale”. Les oeufs, le lait? Les poissons, les mollusques, les crustacés? “Naturellement”, ils sont exclus, mais implicitement, car cela “va de soi”. Il va sans dire que la chair de tout animal n’est pas consommable, que la chair de certains animaux n’est pas viande, et que la viande ne s’obtient que par la mise à mort des animaux (VIALLES, 1987, p. 02-03).

O que a autora sugere, de um modo amplo em seu trabalho, é que o regime alimentar de um animal é mais importante do que sua espécie, na definição de categorias dos quais podem ir para a cozinha dos homens e de quais não podem. Ela se volta, em grande medida, para as disciplinas cristãs que tratam das interdições da carne - como aquelas sobre não consumir o sangue dos animais, suas vísceras ou a carne de cavalos. “Enfin, et peut-être surtout, on n’obtient la viande qu’en tuant les animaux. Les animaux morts, de mort naturelle, de maladie, ou d’ac-

cident, sont réputés impropres à la consommation. Il faut donc bien tuer” (id.).

Aqui aparece a segunda chave do seu trabalho - *Le Sang et la Chair*: a morte consciente de um animal faz verter sangue. O sangue aparece como a figura central de muitas formas públicas de sacrifício no coração das cidades, e para não permitir esse tom à produção da carne a ser consumida, entra em cena a figura do abatedouro, hoje, invisível, exilado, como que clandestino. Sua função é tornar invisível todo o processo. Nesse caminho, como ainda comenta Françoise Héritier, que prefacia o trabalho, a questão que move Vialles - como tornar o animal em alimento e não em um cadáver repugnante - faz aparecer uma série de técnicas, e sanitárias e simbologia, como as metáforas do vegetarianismo, com o uso de termos como “escolher” (cueillir - no sentido de colher vegetais), “descascar” (deshabillage - no sentido eufêmico de tirar a roupa, quando ao abrir a carcaça), “florear” (fleurer - que remete às habilidades das incisões regulares e contrastadas na carne, evocando motivos estético do seu preparo - “la sable sculpté au rateau d’un jardin zen”). Para ela (Héritier-Augé, 1987, p. vii-viii), tudo isso se remete a origens bíblicas, já que na origem o Paraíso era vegetariano:

Ainsi, la viande par excellence peut-elle être vue comme la transmutation ultime du végétal, de l’herbe, une fois que l’animal a perdu de la main de l’homme ce qui le distingue de la plante nourricière, le sang chaud et la mobilité, effusion nécessaire si l’on admet les corrélations qui existent entre les différents humeurs du corps e donc entre le sang et la sexualité dans ses aspects physiques dont il ne viendrait à l’idée de personne de dire qu’elle est le propre du règne végétal. En quelque sorte, désanimée, désanimalisée, mais aussi asexuée, la ‘viande’ de boucherie ne peut plus être autre chose que la quintessence du végétal.

Paula era uma veterinária-militante. Isso já havia ficado claro nos seus posicionamentos, como também nas suas autoafirmações. Para ela, qualquer forma de sofrimento dos animais era objeto de desprezo e motivo para a denúncia. Isso me motivava a questioná-la sobre algumas das dietas propostas aos animais que chegavam à loja, afinal de contas, eram inúmeras as rações, e acima de tudo as “papinhas”, feitas à base de carne.

“Aí tu tens que ver que na maioria das vezes isso é feito apenas de restos dos cortes, coisas que não se aproveita para a nossa alimentação. [...] No mais das contas, no mundo selvagem é assim, as pessoas às vezes se impressionam com aqueles documentários com leões degolando uma zebra, cheios de sangue, mas é assim mesmo” (Paula, em julho de 2009).

A ambiguidade da fala de Paula é interessante, pois de um lado ela não põe em questão o consumo que os humanos fazemos da carne animal, e dá o tom de que a alimentação de cães e gatos com carne, é legítima pois não permitem que se desperdice nada do animal abatido. Mas ele é abatido - e isso, para muitos defensores dos animais, já é o suficiente. Basta digitar no *google imagens* a palavra abatedouro ou matadouro, para ver a tela do computador dividida entre fotos de “carnes preparadas” em linhas de produção, e fotos de animais ensanguentados, em aspectos sofríveis, com mensagens de “basta a violência”. A falta de cemitério na cidade de Rio do Sul era motivadora de discussões na loja - com seus prós e contras - mas um grande frigorífico, os demais abatedouros isolados ou a famosa fábrica de rações da cidade ao lado, eram apenas motivo de estranhamento - não por parte de Paula em relação às suas atividades, mas pelo fato de eu questionar tudo isso. “Aquilo ali”,

disse-me ela, “não tem nada a ver com os animais”.

Sorte de uns, azar de outros. Como provoca Descola (1998), a sorte dos arenques parece menos em voga do que aquela dos golfinhos - ou ainda, quem são os ecologistas preocupados com as tênias ou medusas? Descola (1998) aborda esse tipo de questão, argumentando que a reprovação da violência contra os animais domésticos aparece concomitante a um período da história em que burros ou cavalos de tração ainda eram maltratados nas suas atividades rotineiras. Igualmente, trata-se do mesmo período em que é sentido um forte aumento nas pesquisas com animais em laboratório ou aquele que coincide, na Europa, com a vontade do homem sobre a natureza - isso conta os idos do século XIX. No entanto, no que diz respeito à Amazônia, campo etnográfico desse autor, nos termos de uma homologia estrutural clássica, as relações com os animais pode ser compreendida não apenas como predação, mas como reciprocidade. A caça, um elemento central da vida de muitos dos povos dessa região, pode ser tomada como uma forma de integração da “oposição universal entre eu e outrem”. Entre os Jivaro, as picadas de cobras ou acidentes na floresta são entendidos como uma forma de represália contra aqueles que violaram as regras de moderação ou que não ofereceram compensações, como a adoção dos filhotes órfãos de caças. Quem sabe o fato de Paula escolher uma profissão cujo cerne é o cuidado dos animais, fosse a sua contrapartida pelo desprezo em relação à matéria prima das rações que ela vendia. Quem sabe, mais do que isso, o fato de nos preocuparmos tanto com os animais de estimação, ao ponto de estendermos a eles a humanidade, seja a nossa retribuição por tamanho consumo de carnes: entre tantas heresias, alguma expurgação.

De toda forma, o que resta dizer aqui é que a relação entre os

animais, seus donos ou os veterinários, flutuava sobre um conjunto de negociações que procuravam equalizar os limites entre a humanidade e a animalidade - os animais de estimação são, por exemplo, muito “animais” para dignidades funerais, e ao mesmo tempo, muito “humanos” para ser incinerados. Além disso, quem quer ter a sua pureza posta a prova ao receber o sangue de um desconhecido? No cotidiano da clínica, esses pequenos eventos provocavam a diferenciação, mas, sobretudo, multiplicava certas semelhanças era só uma questão de ajustar alguns problemas de encaixe.

Considerações Finais

A contingência da cultura e a universalidade da natureza ainda é o modelo operativo-analítico central entre os ocidentais, como bem sugeriu Descola (2005). Essa distinção - sua criação, seus componentes, e recentemente sua contestação - motivam debates que cruzam a história da antropologia, e é um dos temas que conduz todo esse trabalho.

Como provoca Calávia Sáez (2008, p. 47), ao comentar a resenha da contracapa do livro *Nature and Society: anthropological perspectives* editado por Descola e Pálsson (1996), “pode ser humanidade/animalidade, sujeito/corpo, clareira/mato, *nature/nurture*, gene/meme” o binômio natureza/cultura, mesmo com sua validade limitada e questionada, encontra nesses outros pares “algum equivalente sempre na ativa”. Não se trata aqui de se fazer uma afirmação do estruturalismo de Philippe Descola, tampouco o de outorgar àquilo que respondemos comumente por natureza, um estatuto ontológico. Mas o que eu procurei mostrar ao longo dessa tese é o fato de que na prática - ao menos no que diz respeito as negociações entre humanidade e animalidade dos animais de estimação, o binômio natureza/cultura organiza modos de pensar e conduzir ações. E aqui, parece que a contingência não é apenas da cultura, em relação à natureza - mas da própria relação/diferenciação entre natureza e cultu-

ra.

Nesse sentido, o que eu procurei mostrar aqui a partir de exemplos empíricos, especialmente aqueles que advém do acompanhamento das práticas de médicos veterinários, pode ser resumido na ideia geral de que a relação entre humanos e animais não se sustenta apenas pela suposta partilha de um universo cultural, por assim dizer. Ela se nutre, igualmente, de equivalências biológicas que permitem a partilha de diagnósticos e tratamentos medicamentosos à base de fármacos. Não partilhamos apenas roupas, alimentos, a mesma casa ou alguns nomes de família; possuímos uma anatomia e uma fisiologia que respondem a determinados padrões biológicos, os quais, na sorte ou azar de sermos ambos animais, nos torna semelhantes. Temos um trato urinário, que acumula cálculos e inflama, problemas com dietas compostas por comidas de má qualidade, ou um cérebro com processos neuroquímicos, que em desequilíbrio nos torna agressivos, apáticos ou depressivos.

No entanto, isso não significa que eu esteja tomando como certo e indiscutível a ordem de um fisicalismo contemporâneo. O que eu não quero perder de vista é o fato de que no cerne de muitos debates contemporâneos, ele e a biomedicina, a medicalização e tudo aquilo que supõe um “mundo natural”, são objetos de atitudes defensivas por parte dos antropólogos. Assim, quando uma pedra interrompe o fluxo de urina, distende a bexiga e intoxica o sangue de um gato até a sua inconsciência, enfiar uma sonda grosseira na uretra até o seu desentupimento, ainda funciona. E o mais interessante é a constatação de que a ração que o colocou nessas condições responde muito mais por sua condição de novo membro de um “mundo cultural” do que por aquela de uma suposta natureza a ele subjacente. Não se trata de pólos separados, de on-

tologias distintas, mas de situações.

Noutro caminho, uma questão que é levantada ao longo do trabalho diz respeito aos custos da humanidade de um animal de estimação. O que diferencia um gato qualquer de um Joujou, como o de Freyre? Como distinguir Pink de outras *poodles* e fazer dela a “caçulinha da casa”? Desde as modulações de comportamento aos investimentos para a manutenção da saúde e da estética desses animais sugerem investimentos que não se resumem aqueles de ordem financeira - mesmo que estes sejam latentes. Alguém precisa levar o animal à *pet shop* para o banho, a tosa ou a solução de algum problema. E quando isso exige a saída do trabalho ou a mudança de planos de viagem? Igualmente, para que um desses *joujous* da vida ainda continuem fidalgos, a sugestão é trocar a areia da caixinha uma vez por semana, antes que as fezes comecem a manchar o seu pelo ou espalhar seu odor pela casa. Trata-se de uma negociação complexa e contingente, que aqui se abre muito mais em questionamentos do que em respostas, de tal forma que se o título desse trabalho, “nós e os outros humanos, os animais de estimação”, pode suscitar alguma reflexão, o seu inverso também é o faz - “eles e os outros animais, os humanos”.

Por fim, outra questão que precisa ser considerada, diz respeito a duas descontinuidades presentes nesse trabalho - uma primeira, que diz respeito diversidade de orientações teórico-metodológicas e de contextos etnográficos das literaturas utilizadas, e uma segunda, que diz respeito a própria descontinuidade - e mesmo superficialidade - dos temas que compõem a discussão geral dessa tese, são grandes indicativos de que esse é um campo que ainda merece grandes investimentos por parte de nós antropólogos. Em voga nos últimos anos, a dita humanização dos

animais se abre como um grande campo de investigações - as lutas pelos direitos, a medicalização, os investimentos estéticos, o aprimoramento genético, os custos financeiros, o abate e consumo, o convívio com os humanos - ao passo que sugere a revisão de alguns modelos conceituais, especialmente aqueles que respondem pelo velho debate natureza/cultura.

O que resta aqui a dizer é a constatação geral de que para quem de início procurava nas *pet shops* e clínicas veterinárias as mais recentes tecnologias médicas para saúde e estética de animais de estimação, foi nas questões cotidianas de uma modesta loja do interior que eu passei a perceber movimentos locais e globais, avanços ou campos de disputa que compunham certas lógicas não definitivas, nem exclusivas, como políticas de desenvolvimento, modelos de vida e suas relações com a ciência, a política ou a vida religiosa, nas negociações da humanidade e da animalidade entre nós e os outros humanos - os animais de estimação.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. “O Amigo”. In: _____. **O que é o Contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, p. 77-92.

AGULHON, Maurice. “Le Sang des Bêtes: le problème de la protection des animaux em France au XIXème siècle”. *Romantisme*, Volume 11, Numéro 31, 1981, p. 81–110.

ALMEIDA, Fabiani; VACCARI, Andreia. “A importância da Visita de Animais de Estimação na Recuperação de Crianças Hospitalizadas”. *Einstein* 5(2), 2007, p. 111-116.

AKRICH, Madeleine. “Les Utilisateurs, Acteurs de L’Innovation”. In: AKRICH, M.; CALLON, M.; LATOUR, B. **Sociologie de la Tra-duction**: textes fondateurs. Paris: Mines Paris, 2006, p. 257-265.

_____. “Petite Anthropologie du Médicament”. *Techniques et Culture*, n. 25-26, janvier, décembre 1995, p. 129-157.

AKRICH, Madeleine; LATOUR, Bruno. “A summary of a convenient vocabulary of the semiotics for human and nonhuman assemblies”. In: BIJKER, Wiebe; LAW, John (ed.). **Shaping Technology, Building Society**: studies in sociotechnical change. Cambridge, MIT Press, 1992, 123-146.

APICELLA, Camila. **Transfusão Sanguínea em Cães**. [Monografia]. Graduação em Medicina Veterinária. São Paulo: Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, 2009.

ÅRHEM, Kaj. “Ecosofia Makuna”. In: CORREA, François (ed.). **La**

Selva Humanizada: ecologia alternativa en el trópico húmedo colombiano. Bogotá, Editorial Cerec, 1993, p. 109-126.

_____. “The Cosmic Food Web: human-nature relatedness in the Northwest Amazon”. In: DESCOLA, P.; PÁLSON, G. (ed.). **Nature and Society:** anthropological perspectives. London: Routledge, 1996, p. 187-204.

AUDOIN-ROUZEAU, Frédérique. “Compter et Mesurer les os Animaux: pour une histoire de l'élevage et de l'alimentation en Europe de l'Antiquité aux Temps Modernes”. *Histoire & Mesure*, Volume 10, Numéro 3, 1995, p. 277-312.

AZIZE, Rogério. “Uma Neuro-Weltanschauung?: fisicalismo e subjetividade na divulgação de doenças e medicamentos do cérebro. *Mana*, vol.14, n.1, 2008, p. 7-30.

_____. **A Nova Ordem Cerebral:** a concepção de ‘pessoa’ na difusão neurocientífica. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2010.

BARATAY, Éric; MAYAUD, Jean-Luc. *L'Animal Domestique*, XVIe-XXe siècle. *Chaiers d'Histoire*, t. XLII, n. 3-4, 1997.

BARATAY, Éric; HADOUIN-FUGIER, Élisabeth. **Zoos:** histoire des jardins zoologiques en Occident, XVIe-XXe. Paris: La Découverte, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERNARDINA, Sergio Dalla. “Une Personne pás Tout à Fait Comme les Autres: l'animal et son statut”. *L'Homme* 120, octobre-décembre, 1991, XXXI (4), p. 33-50.

_____. **L'Éloquence des Bêtes:** quand l'homme parle des animaux. Paris, Éditions Métailié, 2006.

BIJKER, Wiebe; PINCH, Trevor. “The Social Construction of Facts and Artifacts: or how the Sociology of Science and Sociology of Technology might benefit each other”. In: BIJKER, W.; PINCH, T;

HUGHES, P. (ed.). **The Social Construction of Technological Systems**. Cambridge: MIT Press, 1989, p. 17-50.

BLOOR, David. “Anti Latour”. *Studies in History and Philosophy of Sciences*, 30/1, 1999, p. 81-112.

_____. **Conhecimento e Imaginário Social**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

BOUVERESSE, Jacques. “L’Animal Cérémoniel: Wittgenstein et l’anthropologie”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Volume 16, Numéro 1, 1977, p. 43-54.

BROWN, Phil. “Retour sur l’Epidemiologie Populaire”. In: AKRICH, Madeleine; BARTHE, Yannick; RÉMY, Catherine. **Sur la Piste Environnementale**: menaces sanitaires et mobilisations profanes. Paris: Mines Paris, 2010, p. 53-88.

CALÁVIA SÁEZ, Oscar. **Fantasmas Falados**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. “As Fronteiras da Natureza: biotecnologia e Direitos Humanos”. In: CARDOSO, Vânia Zikán (org.). **Diálogos Transversais em Antropologia**. Florianópolis: PPGAS-UFSC, 2008, p. 47-57.

_____. “O Lugar e o Tempo do Objeto Etnográfico”. *Etnográfica*, outubro de 2011, 15(3), p. 589-602.

CALLON, Michel. “Society in the Making: the study of technology as a tool for sociological analysis”. In: Bijker, W.; Pinch, T.; Hughes, P. (ed.). **The Social Construction of Technological Systems**. Cambridge: MIT Press, 1989, p. 83-104.

_____. “Quatre Modèles pour Décrire la Dynamique de la Science”. In: AKRICH, M.; CALLON, M.; LATOUR, B. (eds.). **Sociologie de la Traduction**: textes fondateurs. Paris: Mines Paris, 2006, p. 266-276.

CALMON DE OLIVEIRA, Samantha Brasil. **Sobre Homens e Cães**: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção. [Dissertação]. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropolo-

gia. Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ, 2006.

_____. “Festa Boa Para Cachorro’: relações entre humanos e não-humanos no ambiente urbano”. *Trabalho Apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia*. Porto Seguro, 2008.

CARCIOFI, Aulus Cavalieri; JEREMIAS, Juliana Toloí. “Progresso Científico sobre Nutrição de Animais de Companhia na Primeira Década do Século XXI”. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v. 39, p. 35-41, 2010 (suplemento especial).

CLAEYS-MEKDADE, Cécilia; NICOLAS, Laurence. “Le Moustique Facteur de Troubles”. *Ethnologie Française*, XXXIX, 1, 2009, p. 109-116.

CLERICI, Lisandra. **Zooterapia com Cães**: um estudo bibliográfico. [Monografia de Curso]. Bacharelado em Psicologia. Itajaí: UNIVALI, 2009.

CORRÊA, Ana et al. “Babesiose Canina: relato de caso”. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, FAEF - Garça/SP, ano 3, n.4, 2005, p. 167-171.

CUNHA, Guilherme Nascimento. **Estudo da Viabilidade do Uso da Punção Biópsia Aspirativa por Agulhas Fina comparada ao da “Tru-Cut”, em Testículo de Cães**. [Tese de Doutorado]. Jaboticabal: Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - Universidade Estadual Paulista, 2009.

DAVIDSON, Donald. **Essays on Actions and Events**. Oxford: Clarendon Press, 1980.

DARWIN, Charles. **A Expressões das Emoções no Homem e nos Animais**. Rio de Janeiro: Companhia da Letras, 2009.

DENIS, Bernard. “La Domestication: un concept devenu pluriel”. *INRA Prod. Anim.*, 2004, 17(3), p. 161-166.

DESCOLA, Philippe. **La Nature Domestique**: symbolisme et praxis dans l’écologie des Achuar. Paris : Éditions des Maison des Sciences de l’Homme, 1986.

_____. “Constructing Natures: symbolic ecology and social practice”. In: _____. DESCOLA, P.; PÁLSON, G. (ed.). **Nature and Society: anthropological perspectives**. London: Routledge, 1996, p. 82-102.

_____. “Estrutura ou Sentimento: a relação com o animal na Amazônia”. *MANA* 4(1): 23-45, 1998.

_____. “Figures des Relations entre Humains et Non-Humains”. *Anthropologie de la Nature. Chaire d’Anthropologie de la Nature*. Paris: Collège de France, pp. 557-580.

_____. “Anthropologie de la Nature - Leçon Inaugurale”. *Chaire d’Anthropologie de la Nature*. Paris: Collège de France, 2001a, p. 01-13.

_____. “Figures des Relations entre Humains et Non-Humains” [Deuxième Partie]. *Chaire d’Anthropologie de la Nature*. Paris: Collège de France, 2001b, p. 627-644

_____. “Figures des Relations entre Humains et Non-Humains” [Troisième Partie]. *Chaire d’Anthropologie de la Nature*. Paris: Collège de France, 2002, p. 657-677.

_____. “Figures des Relations entre Humains et Non-Humains” [Quatrième Partie]. *Chaire d’Anthropologie de la Nature*. Paris: Collège de France, 2003, p. 619-639.

_____. **Par-delà Nature et Culture**. Paris: Gallimard, 2005a.

_____. **As Lanças do Crepúsculo**: relações jivaro na Alta Amazônia. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

_____. **Diversité des Natures, Diversité des Cultures**. Paris: Bayard, 2010.

_____. **L’Écologie des Autres**: l’anthropologie et la question de la nature. Paris: Éditions Quae, 2011.

DESNOYERS, Pierre. “Le bien-être des animaux de compagnie”. *Cycle bien-être animal*. Pré-forum de Balma. Edité par la Mission Agrobiosciences, 2003.

DIGARD, Jean-Pierre. “Jalons pour une Anthropologie de la Domestication Animale”. *L’Homme*, Volume 28, Numéro 108, 1988, p. 27-58.

_____. **L’Homme et les Animaux Domestiques**: anthropologie d’une passion. Paris: Fayard, 1990.

_____. “Un Aspect Méconnu de l’Histoire de l’Amérique: la domestication des animaux”. *L’Homme* 122-124, XXXII (2-3-4), avr.-déc, 1992, p. 253-270.

_____. “Premières Domestications Proche-Orientales: le regard d’un ethnologue”. *Paléorient*, vol. 25/2, 1999a, p. 81-85.

_____. **Les Français et Leurs Animaux**. Paris: Fayard, 1999b.

_____. “La Construction Sociale d’un Animal Domestique: le pitbull”. *Anthropozoologica* 39 (1): 2004a, p. 17-26.

_____. “Pourquoi Mange-t-On Certains Animaux et pas d’Autres? réflexions sur le statut relatif des animaux domestiques”. *Colloque Ocha “L’homme, le mangeur, l’animal. Qui nourrit l’autre?”*. Paris, 12-13 mai 2006.

DUARTE, Luis Fernando; CARVALHO, Emilio. “Religião e psicanálise no Brasil contemporâneo: novas e velhas *Weltanschauungen*”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 48(2), 2005, p. 473-500.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. “Algumas Formas Primitivas de Classificação”. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 399-456.

ELLEN, Roy. “Dangerous Fictions and Degrees of Plausibility: creationism, evolutionism and anthropology”. *Anthropology Today*, vol. 18, n. 5, October, 2002, p. 03-08.

FONSECA, Edson Nery. “Apresentação”. In: _____. **Pessoas, Coisas e Animais**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1981, p. 01-13.

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. 3. ed. Rio de Janeiro, Nau Editora, 2005.

FRASER, Marion. “The nature of Prozac”. *History of the Human Sci-*

ences, 14(3), 2001, p. 56-84.

FREIRE, Letícia. “Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica”. *Comum*, v. 11, n. 26, 2006, p. 46-65.

FREYRE, Gilberto. “Bichos Reais e Imaginários”. In: _____. **Pessoas, Coisas e Animais**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1981, p. 382-385 [Publicado originalmente no *Diário de Pernambuco* de 27 de junho de 1942].

FUKUI, Katsuyoshi. “Co-Evolution Between Humans and Domesticates: the cultural selection of animal coat-colour diversity among Bodi”. In: ELLEN, R.; FUKUI, K. (ed.). **Redefining Nature: ecology, culture and domestication**. London: BergBooks, 1996, p. 319-385.

GALVÃO, André et al. “Obstrução Uretral em Gatos Machos: relato de sete casos”. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, Garça (SP)*, ano VIII, n. 15, junho de 2010, p. 01-31.

GEERTZ, Clifford. “Um Jogo Absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”. In: _____. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 185-212.

GIOVANINNI, Luciano; PIAI, Viviane. “O Uso da Acupuntura no Auxílio à Terapia da Doença Idiopática do Trato Urinário Inferior dos Felinos”. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 40, n.3, p. 712-717, 2010.

GOODMAN, Nelson. **Linguagens da Arte: uma abordagem a uma teoria dos símbolos**. Lisboa: Gradiva, 2006.

GRIAULE, Marcel. “Noms Propres d’Animaux domestiques (Abyssinie)”. *Journal des Africanistes*, Année 1942, Volume 12, N. 1, p. 55-65.

HAUDRICOURT, André; DIBIE, Pascal. “Que Savons-Nous des Animaux Domestiques?”. *L’Homme*, Volume 28, Numéro 108, 1988, p. 72-83.

HÉRITIER-AUGÉ, Françoise. “Préface”. In: VIALLES, Nöelie. **Le Sang et la Chair: les abattoirs des pays de l’Adour**. Paris: Édition de la Maison des Sciences de L’Homme, 1987, p. iii-viii.

HODAK, Caroline. "Les Animaux dans la Cité: pour une histoire urbaine de la nature". *Genèses* 37, p. 156-169.

HOUDART, Sophie. **La Cour des Miracles**: ethnologie d'un laboratoire japonais. Paris: CNRS Éditions, 2007.

INGOLD, Tim. "On Reindeer and Men". *Man* (NS)9, 1974, p. 523-538.

_____. **Hunters, Pastoralists and Ranchers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

_____. "The Significance of Storage in Hunting Societies". *Man* (NS)18, 1983a, p. 553-571.

_____. "The Architect and the Bee: reflections on the work of animals and men (Malinowski Lecture, 1982)". *Man* (NS)18, 1983b, p. 1-20.

_____. "Reindeer Economics and the Origins of Pastoralism". *Anthropology Today* 2(4), 1986, pp. 5-10.

_____. **Evolución y Vida Social**. México: Grijalbo, 1991a.

_____. "Becoming Persons: consciousness and sociality in human evolution". *Cultural Dynamics* 4 (3): 1991b, pp. 355-378.

_____. "Humanity and Animality". In: _____ (ed.). **Companion Encyclopedia of Anthropology**. London: Routledge, 1994, p. 13-32.

_____. **The Perception of the Environment**: essays in livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

_____. "Beyond Biology and Culture: the meaning of evolution in a relational world". *Social Anthropology* 2004 (12)2, 209-221.

_____. **Being Alive**: essays on movement, knowledge and description. Londres: Routledge, 2011.

JACKSON, Anthony. "Pictish Animal Symbols". In: WILLIS, Roy (ed.). **Signifying Animals**: human meaning in the natural world. London: Routledge, 1994, p. 105-118.

JAMES, Wendy. “Antelope as Self-Image Among the Uduk”. In: WILLIS, Roy (ed.). **Signifying Animals: human meaning in the natural world**. London: Routledge, 1994, pp. 197-203.

KECK, Frédéric. “Conflits d’Experts: les zoonoses, entre santé animale et santé humaine”. *Ethnologie Française*, XXXIX, 1, 2009a, p. 79-88.

_____. “La Surveillance des Animaux: de la santé publique au soin des vivants”. [Projeto de Pesquisa apresentado ao CNRS]. Laboratoire d’Anthropologie Sociale: Paris, 2009b, *mimeo*.

_____. **Un Monde Grippé**. Paris: Flammarion, 2010.

KULICK, Don. “Animais Gordos e a Dissolução das Fronteiras entre as Espécies”. *MAMA* 15(2), 2009, p. 481-508.

KUPER, Adam. “The Return of the Native”. *CA Forum of Anthropology in Public*. *Current Anthropology*, Volume 44, Number 3, June, 2003, p. 389-402.

LAKOFF, Andrew. **La Raison Pharmaceutique**. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond/Seuil, 2008.

LANGDON, Esther Jean. “Cultura e Processos de Saúde e Doença”. In: JEOLÁS, Leila (org.). **Anais do Seminário sobre Cultura, Saúde e Doença**. Londrina: [S.E.], 2003, p. 91-107.

LATOUR, Bruno. “Factures/Fractures: from the concept of network to the concept of attachment”. *AUTUMN*, 1999a, p. 20-36.

_____. “On Recalling ANT”. In: HASSARD, J.; LAW, J. (ed.). **Actor-Network-Theory and After**. Oxford: Blackwell, 1999b, p. 15-25.

_____. **A Esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, Edusc, 2001a.

_____. **Le Métier de Chercheur Regard d’un Anthropologue**. 2. ed. Paris: INRA Editions, 2001b.

_____. **Jamais Fomos Modernos**: ensaio de antropologia simétrica.

São Paulo, Editora 34, 2005.

_____. **Reensamblar lo Social:** una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires, Manantial, 2008.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **La Vie de Laboratoire:** la production des faits scientifiques. Paris: La Découverte, 2006.

_____. **Pasteur:** guerre et paix des microbes *suivi de* irreductions. Paris: La Découverte, 2011.

LAW, John. “After ANT: complexity, naming and topology”. In: In: HASSARD, J.; LAW, J. (ed.). **Actor-Network-Theory and After.** Oxford: Blackwell, 1999, p. 1-14.

_____. **After Method:** mess in social science research. Londres: Routledge, 2004.

_____. “Traduction/Trahison: notes on ANT”. *Convergencia*, set-dec, 13/042, Universidad Autónoma del Estado del México, 2006, p. 47-72.

_____. “Care and Killing: tensions in veterinary practice”. In: MOL, Anemarie; MOSER, Ingunn; POLS, Jeannette (eds.). **Care and Practice:** on tinkering in clinics, homes and farms. Bielefeld (Germany): Transcript Publishers, 2010, p. 01-12.

LEACH, Edmund. “Aspectos Antropológicos da Linguagem: categorias animais e insultos verbais”. In: DAMATTA, Roberto. **Edmund Leach:** antropologia. São Paulo: Ática, 1983.

LEIRIS, Michel. **Espelho da Tauromaquia.** São Apulo: Cosac & Naify, 2001.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. “Filosofia da Biologia: problemas de encaixe - o que mantém as espécies distintas?”. In: MACHADO, Nivaldo; SE-GATA, Jean (org.). **Filosofia(s).** 2. ed., revista e ampliada. Rio do Sul: Editora UNIDAVI, 2011, p. 47-62.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Totemismo Hoje.** Lisboa: Edições 70, 2003.

_____. “O Indivíduo como Espécie”. In: _____. **O Pensamento Selvagem**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2004, p. 215-242.

_____. “A Lição de Sabedoria das Vacas Loucas. Estudos Avançados, vol. 23, n. 67, 2009, p. 211-216.

LIMA, Tânia Stolze. **Um Peixe Olhou para Mim**: o povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo: Unesp, 2005.

LOPES, Maria Denise; MARTINS, Lílian Rigatto. “Pseudociese Canina”. Revista Brasileira de Reprodução Animal. Belo Horizonte, v. 29, n. 3/4, p. 137-141, jul./dez., 2005.

MACHADO, Nivaldo. **Filosofia da Mente**. Rio do Sul: Editora UNIDAVI, 2011.

MANCERON, Vanessa; ROUÉ, Marie. “Introduction: les animaux de la discorde”. Ethnologie Française, XXXIX, 1, 2009, p. 5-10.

MANCERON, Vanessa. “Grippe Aviaire et Disputes Contagieuses: la Dombes dans la tourmente”. Ethnologie Française, XXXIX, 1, 2009, p. 57-68.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o Sacrifício**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

MAUSS, Marcel. “Uma Categoria do Espírito Humano: a noção de pessoa, a de ‘eu’”. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 367-400.

MORAES, Marcia. “A Ciência Como Rede de Atores: ressonâncias filosóficas”. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 2004, vol.11, n.2, p. 321-333.

MORTARI, Ana; RAHAL, Sheila. “Hérnia Perineal em Cães”. Ciência Rural, Santa Maria, v.35(5), 2005, p. 1220-1228.

OLIVEIRA, Juliana et al. “Nutrição Clínica em Animais Hospitalizados: da estimulação do apetite à nutrição parenteral”. Revista da FZVA, Uruguaiana, v. 15(1), 2008, p. 172-185.

OVERING, Joanna. "The Shaman as a Maker of Worlds: Nelson Goodman in the Amazon". *Man* 25 (4), 1990, p. 602-620.

PELOSSE, Valentin. "Imaginaire Social et Protection de l'Animal: des amis des bêtes de l'an x au législateur de 1850" (Ire partie). *L'Homme*, Volume 21, Numéro 4, 1981, p. 5-33.

_____. "Imaginaire Social et Protection de l'Animal: des amis des bêtes de l'an x au législateur de 1850" (2e partie). *L'Homme*, Volume 22, Numéro 1, 1982, p. 33-51.

_____. "Les Modes d'Interprétation des Pratiques Cynégétiques Modernes en France". *L'Homme*, Volume 28, Numéro 108, 1988, p. 122-133.

_____. "Comment Penser la Domestication Animale?". *L'Homme*, Volume 31, Numéro 118, 1991, p. 133-139.

_____. "L'Animal Comme Ailleurs". *L'Homme*, Volume 37, Numéro 143, 1997, p. 199-206.

PIGNARRE, Philippe. **O que é o Medicamento?:** um objeto estranho entre a ciência, mercado e sociedade. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **Comment la Dépression est devenue une Épidémie.** Paris: La Découverte, 2001.

_____. **Les Malheurs des Psys:** psychotropes et médicalisation du social. Paris: La Découverte, 2006.

POULAIN, Jean-Pierre. "L'Homme, le Mangeur, l'Animal: la relation homme-animal à travers les modèles alimentaires". *Cholé-Doc*, 25 (mai-juin), 2006, p. 1-3.

RIVAL, Laura. "The Growth of Family Trees: understanding huaorani perceptions of the forest". *Man* (28), 1993, p. 635-652.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SÁ, Guilherme. J. S. **No Mesmo Galho**: ciência, natureza e cultura nas relações entre primatólogos e primatas. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2006.

SAHLINS, Marshall. “Adaptações Tribais”. In: _____. **Sociedades Tribais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970, p. 47-76.

_____. “La Pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura”. In: _____. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 166-202.

SEGATA, Jean. **Na Fogueira On-Line**: uma etnografia da construção de subjetividade e sociabilidade no cotidiano de trabalho dos professores da E. E. B. Regente Feijó de Lontras/SC. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Bacharelado em Psicologia. Rio do Sul: UNIDAVI, 2004.

_____. **Lontras e a Construção de Laços no Orkut**: uma antropologia no ciberespaço. Rio do Sul: Nova Era, 2008.

_____. “A Doença e a Inocência: vitimização na Educação Infantil”. In: Segata, J; Machado, N.; Nasário, J. (orgs.). **Educação Física**: transversalidades. Rio do Sul: Editora UNIDAVI, 2010, p. 49-65.

SEGATA, Jean; VICENZI, Tatiane Pawlack. “Peter Singer e a Ética Prática”. In: MACHADO, N.; SEGATA, J.; CRISTÓVAM, J.; VIEIRA, G. (orgs.). **Pensar o Direito**. Rio do Sul: Editora UNIDAVI, 2011a, p. 155-187.

_____. “Filosofia e Antropologia”. In: In: MACHADO, Nivaldo; SEGATA, Jean (org.). **Filosofia(s)**. 2. ed., revista e ampliada. Rio do Sul: Editora UNIDAVI, 2011b, p. 155-170.

SERRA, Ordep. “O Touro no Mediterrâneo: reflexões sobre simbolismo e ritual”. In: MENEZES BASTOS, Rafael José (org.). **Dionísio em Santa Catarina**: ensaios sobre a Farra do Boi. Florianópolis: EdUFSC, 1993, p. 35-74.

SERRANO, Francisco.; ARGEMÍ, Miguel. “Asociaciones Heterogéneas y Actantes: el giro postsocial de la teoría del actor-red”. In: SÁNCHEZ-CRIADO, Tomás. (ed.). **Tecnogénesis**: la construcción técnica de las ecologías humanas (Vol. 1). Madrid: AIBR, 2008, p. 44-61.

SIMMEL, Georg. “O Âmbito da Sociologia”. In: _____. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006, p. 07-38.

SOARES, Guilherme et al. “Estudo exploratório da síndrome de ansiedade de separação em cães de apartamento”. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 40, n.3, 2010, p. 548-553.

SPIVAK, Gayatri. “Can Subaltern Speak? In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (eds.) **Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: a reader**. NY and London: Harvester-Weatsheat, 1998, p. 66-111.

STRATHERN, Marilyn *et al.* “The concept of society is theoretically obsolete”. In: INGOLD, Tim (ed.). **Key Debates in Anthropology**. London: Routledge, 1996, p. 50-67.

STRATHERN, Marilyn. “Out of Context: the persuasive fictions of anthropology”. *Current Anthropology*, Vol. 28, No. 3. (Jun., 1987), p. 251-281.

_____. “No Limite de uma Certa Linguagem”. *MANA*, 5(2), 1999, p. 157-175.

_____. **Partial Connections**. Lanham: Alta Mira Press, 2005.

_____. **O Gênero da Dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia. Campinas: Unicamp, 2006.

_____. “Esperança, Incerteza e a Proposta de Pesquisa: um conto do Reino Unido”. [Conferência] Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais. Caxambu: ANPOCS, 2009.

TAPPER, Richard. “Animality, Humanity, Morality, Society”. In: INGOLD, Tim (ed.). **What is an Animal?**. London: Routledge, 1994, p. 41-61.

TAYLOR, Anne-Christine. “Le Sexe de la Proie: représentations jivaro du lien de parenté”. *L’Homme* 154-155, 2000, p. 309-334.

_____. “Wives, Pets, and Affines: marriage among the Jivaro”. In: RIVAL, L.; WHITEHEAD, N. (eds.). **Beyond the Visible and Material: the amerindianization of society in work of Peter Rivière**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 45-56.

TOLEDO-PINTO, Eliana; RENNÓ, Pauyra. “Insuficiência Renal Crônica em Cães e Gatos: revisão de literatura”. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, FAEF - Garça/SP, ano 5, n.16, 2008, p. 134-139.

TORNQUIST, Carmen Suzana; MALUF, Sônia Weidner. “Nervos e Nervosas no Contexto das Aflições Contemporâneas: entrevista com Maria Lucia da Silveira”. In: Maluf, Sônia; Tornquist, Carmen (orgs.). **Gênero, Saúde e Aflição: abordagens antropológicas**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010, p. 441-457.

TRÉZ, Thales (org.). **Instrumento Animal: o uso prejudicial de animais no ensino superior**. Bauru: Canal 6, 2008.

VLAHOS, James. “Animais de Estimação Movidos a Drogas”. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 11(3), 2008, p. 449-469.

VARGAS, Eduardo Viana. A Microsociologia de Gabriel Tarde. RBCS n. 27, ano 10, fevereiro de 1995, p. 93-109.

_____. “Os Corpos Intensivos: sobre o estatuto social do consumo de drogas legais e ilegais”. In: DUARTE, L. F. D.; LEAL, O. F. (orgs.). **Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998, p. 121-136.

_____. **Antes Tarde do que Nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

_____. “Uso de Drogas: a alteração como evento”. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 49(2), 2006, p. 581-623.

_____. “Gabriel Tarde e a Diferença Infinitesimal”. In: TARDE, Gabriel. **Monadologia e Sociologia e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007, p. 7-49.

VELHO, Otávio. “De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico”. *MANA* 7(2), 2001, pp. 133-140.

VIALLES, Nöelie. **Le Sang et la Chair**: les abattoirs des pays de l’A-dour. Paris: Édition de la Maison des Sciences de L’Homme, 1987

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **From the Enemy’s Point of View**: humanity and divinity in Amazonian Society. Chicago: Chicago University Press, 1992.

_____. **Métaphysiques Cannibales**: lignes d’anthropologie post-structurale. Paris: PUF, 2009.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

WOLF, Eric. “Aspectos Econômicos do Campesinato”. In: _____. **Sociedades Camponesas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 35-87.

WOUTERS, Flademir et al. “Síndrome Urológica Felina: 13 casos”. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 28(3), 1998, p. 497-500.

ZIEMKENDORF, Mario. **Actor-Network Theory**. Berlin. GRIN Verlag, 2007.

ZILHÃO, António. “Psicologia Popular, Teoria da Decisão e Comportamento Humano Comum”. *Disputatio*, 2001, p. 123-145.